



# **ACADEMIA MILITAR**

## **O Emprego da Artilharia Portuguesa no Teatro Europeu da 1ª Guerra Mundial**

**Autor**

**Asp Of Al ART João Honório Carvalho Lamas**

**Orientador: TCOR ART Pedro Alexandre Marcelino Marquês de Sousa**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, julho de 2013**



# **ACADEMIA MILITAR**

## **O Emprego da Artilharia Portuguesa no Teatro Europeu da 1<sup>a</sup> Guerra Mundial**

**Autor**

**Asp Of Al ART João Honório Carvalho Lamas**

**Orientador: TCOR ART Pedro Alexandre Marcelino Marquês de Sousa**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, julho de 2013**

“Aprender história quer dizer procurar e encontrar as forças que conduzem às causas das ações que vemos como acontecimentos históricos.

A arte da leitura como da instrução consiste nisto: conservar o essencial, esquecer o dispensável.”

Adolf Hitler

## **Dedicatória**

Aos meus pais pela educação que me conferiram e que permitiu ser quem hoje sou.

Aos combatentes portugueses mortos durante a 1ª Guerra Mundial, pois o seu  
sacrifício nunca poderá ser esquecido.

## **Agradecimentos**

Ao meu Orientador, o Tenente-Coronel de Artilharia Pedro Marcelino Marquês de Sousa, pelo contínuo apoio prestado, preocupação constante com o estado da realização deste trabalho, tempo despendido em reuniões e revisões da investigação e bibliografia recomendada.

Ao meu Pai pela enorme preocupação com o estado do meu trabalho, pelos seus sábios conselhos e apoio constante.

Ao Arquivo Histórico Militar de Lisboa, em particular ao Dr. João Tavares, pela disponibilidade e conselhos pertinentes durante a pesquisa de informação neste local.

Ao Diretor do Curso de Artilharia, o Tenente-coronel Élio Santos, pela disponibilidade e preocupação incansáveis com todos os Trabalhos desta natureza do meu curso.

À Biblioteca da Academia Militar de Lisboa, em particular à Sra. Paula Franco, pelo enorme apoio prestado.

À Biblioteca do Museu Militar do Porto, em particular à Sra. Teresa, pelo apoio prestado nas minhas pesquisas de fontes bibliográficas.

Ao Alferes de Artilharia João Pereira por todas as indicações e recomendações que me deu para a realização deste trabalho.

À professora Raquel Santiago pela revisão linguística.

À Furriel Pereira, responsável pela Biblioteca da Escola Prática de Artilharia, pelo apoio prestado.

A todos um enorme obrigado.

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo caracterizar os Grupos de Baterias de Artilharia que marcaram presença no Teatro de Operações Europeu na região de *Flandres*, entre 21 de março e 14 de junho de 1918, procurando descrever o seu emprego e doutrina tática vigente e o seu desempenho nas principais operações em que participaram, identificando a tipologia de missões por eles realizadas.

Decorridos dois anos após o início do primeiro conflito armado de nível mundial, a cooperação existente entre Portugal e Inglaterra precipita a entrada do nosso país na guerra declarada pelo Império Alemão.

As revoluções industriais que antecederam este conflito possibilitaram o emprego de novas armas com características nunca anteriormente exploradas em contexto de guerra, obrigando os beligerantes a adaptar as suas táticas militares à nova forma de combater, a guerra estática. Portugal foi influenciado pela doutrina tática inglesa, em especial no que se refere ao emprego dos Grupos de Baterias de Artilharia, traduzido pela proximidade das suas Baterias às linhas inimigas, pelo seu tempo de permanência na frente de combate e pela ligação que mantinham com a Infantaria.

A Alemanha, exausta de anos a combater em várias frentes, decide, em 1918, arriscar a vitória na guerra, apostando em 4 grandes operações ofensivas, das quais a segunda operação afetou diretamente forças portuguesas. A 1ª Guerra Mundial e em particular essas operações consagram aquela que foi a única experiência de combate em ambiente convencional vivida por tropas portuguesas nos últimos 100 anos da nossa história.

Para a elaboração deste trabalho procedemos à pesquisa de informação em obras de referência e no Arquivo Histórico Militar, de modo a compilar e analisar os acontecimentos desde o início da 1ª Guerra Mundial até ao seu término, em especial no que respeita à participação da Artilharia Portuguesa neste conflito.

Esta pesquisa possibilitou a análise da intervenção dos Grupos de Baterias de Artilharia e a descrição que efetuamos neste trabalho, que parte de aspetos gerais e se desenvolve até um enfoque no particular. Assim, retratámos a sua organização tática,

disposição no terreno, táticas utilizadas e o seu desempenho nas principais operações em que participaram, proporcionando uma melhor compreensão do seu papel neste conflito.

Concluimos, assim, que os Grupos de Baterias de Artilharia passaram por diferentes organizações e foram empregues em diferentes tipos de missões, das quais destacamos as Barragens Fixas e as Barragens Rolantes, integrados com unidades de Infantaria, tendo cada uma das suas Baterias a missão de apoiar um Batalhão de Infantaria.

**Palavras-chave:** 1ª Guerra Mundial, Artilharia, Baterias, Grupos de Baterias de Artilharia.

## **Abstract**

This investigation aims to characterize the Groups of Artillery Batteries involved in the European Theater of Operations, in Flanders, between 21 march and 14 june 1918, reporting its main administrative organizations and their performance in major operations and identifying the types of missions conducted by them.

Two years after the start of the first worldwide armed conflict, cooperation between Portugal and England precipitates the entry of our country into the war declared by the German Empire.

The industrial revolutions that preceded this conflict allowed the use of new weapons with features that had never been explored in a war context, forcing belligerents to adapt military tactics to the new way of fighting, the static war. Portugal is influenced by British tactical doctrine, especially the Groups of Artillery Batteries, characterized by the proximity of their batteries to enemy lines, the length of stay at the battlefield and the connection maintained with the Infantry.

In 1918, Germany, exhausted from years of fighting on several fronts, decides to risk winning the war by focusing on 4 major offensive operations, the second of which directly affected Portuguese forces. World War I and, in particular, those operations established the only combat situation in conventional environment experienced by Portuguese troops in the last 100 years of our history.

For the preparation of this work we formulated the Central Question, proceed to search for information in reference works and Military History Archive in order to compile and analyze the events since the beginning of World War I to its end, with a particular focus on information about the Portuguese Artillery.

This research resulted in an analyses of the intervention of the Groups of Artillery Batteries and description of events that starts from general aspects and role in particular aspects. This allowed us to depict their tactical organization, arrangement on the ground, tactics used and their performance in the major operations they were involved in, thus providing a better understanding of their role in this conflict.



In this thesis, we conclude that Groups of Artillery Batteries have gone through different organizations, were employed in different types of missions integrated with Infantry units, and each one of its Batteries had the mission of support an Infantry Battalion.

**Key words:** Artillery, Batteries, Groups of Artillery Batteries, World War I.

## Índice Geral

<b>Dedicatória .....</b>	<b>ii</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>iii</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>iv</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>vi</b>
<b>Índice Geral .....</b>	<b>viii</b>
<b>Índice de Figuras .....</b>	<b>xi</b>
<b>Índice de Quadros e Tabelas .....</b>	<b>xiii</b>
<b>Lista de Apêndices.....</b>	<b>xi</b>
<b>Lista de Anexos.....</b>	<b>xii</b>
<b>Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos .....</b>	<b>xiii</b>
<b>Capítulo 1 - Introdução .....</b>	<b>1</b>
1.1. Justificação do Tema .....	1
1.2. Estado da Arte .....	2
1.3. Delimitação do Objeto de investigação .....	3
1.3.1. Delimitação Geográfico-espacial .....	3
1.3.2. Delimitação Temporal.....	4
1.3.3. Delimitação do Objeto de estudo .....	4
1.3.4. Considerações finais sobre a delimitação do trabalho .....	4
1.4. Problema de Investigação e Questões Derivadas .....	5
1.5. Metodologia.....	5
1.6. Enquadramento da 1ª Guerra Mundial .....	6
1.7. Enquadramento da entrada de Portugal na Guerra .....	8

<b>Capítulo 2 - Enquadramento da Artilharia portuguesa na 1ª Guerra Mundial</b>	<b>10</b>
2.1. Constituição e Organização do CEP.....	10
2.1.1. De Divisão reforçada a Corpo de Exército.....	11
2.1.2. O CEP depois de <i>La Lys</i> .....	13
2.2. Organização dos Grupos de Baterias de Artilharia na 1ª Guerra Mundial	13
<b>Capítulo 3 - O “setor português”</b>	<b>15</b>
3.1. As organizações do “setor português”.....	15
3.2. A defesa do “setor português”.....	16
3.3. Os GBA no “setor português”.....	18
3.3.1. Os GBA do “setor português” a partir de abril de 1918.....	19
3.3.2. As Comunicações no “setor português”.....	20
3.3.3. Posições das Bocas de fogo.....	22
<b>Capítulo 4 - O Kaiserschalt</b>	<b>24</b>
4.1. A ofensiva da Primavera.....	24
4.2. Operação <i>Georgette</i> .....	25
4.2.1. O avanço das forças Alemãs.....	26
4.3. O emprego dos GBA na Batalha de <i>La Lys</i> .....	28
4.3.1. O desempenho do 6º GBA na Batalha de <i>La Lys</i> .....	30
4.3.2. O desempenho do 2º GBA na Batalha de <i>La Lys</i> .....	31
4.3.3. O desempenho do 1º GBA na Batalha de <i>La Lys</i> .....	32
4.3.4. O desempenho do 5º GBA na Batalha de <i>La Lys</i> .....	33
4.4. O emprego do 4º GBA depois da Batalha de <i>La Lys</i> .....	34
4.5. Análise do impacto da ofensiva alemã nas Baterias dos GBA.....	36
<b>Capítulo 5 - A Tática de Artilharia</b>	<b>38</b>
5.1. Organização e Disposição Tática.....	38
5.1.1. Princípios e Missões Táticas.....	39

5.1.2. Possibilidades e capacidade de emprego.....	41
5.2. Missões gerais .....	41
5.3. Observação do Tiro e Aquisição de Objetivos .....	44
5.4. Emprego Tático nas operações defensivas .....	46
5.5. Emprego Tático nas operações ofensivas.....	48
5.6. A integração entre a Artilharia e a Infantaria .....	50
<b>Conclusões.....</b>	<b>52</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>56</b>
<b>Apêndices .....</b>	<b>62</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>84</b>

## Índice de Figuras

Figura 1 - Retirada ou captura das Baterias durante a Batalha de <i>La Lys</i> .....	65
Figura 2 - Baterias que retiraram durante a Batalha de <i>La Lys</i> (%) .....	65
Figura 3 - Baterias remuniçadas durante a Batalha de <i>La Lys</i> (%) .....	66
Figura 4- Disposição das unidades de Artilharia e Infantaria a 9 de abril de 1918 .	67
Figura 5 - O sistema de comunicações do "setor português" .....	68
Figura 6 – Vista das posições dos GBA no "setor português" a partir de 6 de abril de 1918.....	72
Figura 7 - Vista das posições dos GBA no "setor português" a partir de 6 de abril de 1918 – II .....	73
Figura 8 - Posições das Baterias do 6º GBA a 6 de abril de 1918 .....	74
Figura 9 - Posições das Baterias do 2º GBA em 6 de abril de 1918 .....	74
Figura 10 - Posições das Baterias do 1º GBA em 6 de abril de 1918 .....	75
Figura 11 - Posições das Baterias do 5º GBA em 6 de abril de 1918 .....	75
Figura 12 - Região de Flandres, localização de <i>Armentières</i> .....	76
Figura 13 - Peça <i>Schneider Canet</i> 7,5 cm TR (No aprontamento em Tancos) .....	85
Figura 14 - Peça <i>Schneider Canet</i> 7,5 cm TR (No aprontamento em Tancos) .....	85
Figura 15 - Obuses 11,4 cm (4,5 in Q.F. <i>HOWITZER</i> ) (No aprontamento em Tancos).....	86
Figura 16 - Obus 11,4 cm (4,5 in Q.F. <i>HOWITZER</i> ) vista posterior .....	86
Figura 17 - Obus 11,4 cm (4,5 in Q.F. <i>HOWITZER</i> ), vista de perfil .....	87
Figura 18 - Obus 11,4 cm (4,5 in Q.F. <i>HOWITZER</i> ) vista superior .....	87
Figura 19 - Frente de combate entre o canal da mancha e a Suíça .....	94
Figura 20 - Enquadramento do "setor português" na frente de combate .....	94
Figura 21 - O "setor português" a 4 Brigadas .....	95
Figura 22 - O "setor português" a 3 Brigadas .....	95
Figura 23 - O setor de " <i>St Elie</i> " .....	96
Figura 24 - Avanço das forças alemãs entre 9 e 10 de abril de 1918 .....	96
Figura 25 - Zonas de defesa do "setor português" .....	97
Figura 26 - Abrigo Blindado visto do exterior .....	98

Figura 27 - Abrigo blindado visto do interior .....	98
Figura 28 - "Militar dos foguetes" .....	99

## Índice de Quadros e Tabelas

Quadro 1 - Hora de retirada/captura das Baterias dos GBA na Batalha de <i>La Lys</i> ..	63
Quadro 2 - Resumo do 6º GBA na Batalha de <i>La Lys</i> .....	63
Quadro 3 - Resumo do 2º GBA na Batalha de <i>La Lys</i> .....	63
Quadro 4 - Resumo do 1º GBA na Batalha de <i>La Lys</i> .....	64
Quadro 5 - Resumo do 5º GBA na Batalha de <i>La Lys</i> .....	64
Quadro 6 - Caracterização das “missões gerais” .....	69
Quadro 7 - Comandantes dos GBA e de Bateria em 9 de abril de 1918.....	70
Quadro 8- Unidades mobilizadoras de GBA.....	71
Quadro 9 – Quadro Orgânico de Estado Maior e Menor de um GBA.....	100
Quadro 10 – Quadro orgânico de Secção de Sinaleiros .....	101
Quadro 11 - Quadro Orgânico de Bateria de <i>Peças Schneider Canet</i> 7,5 cm.....	102
Quadro 12 - Quadro Orgânico de Bateria de Obuses 11,4 cm (4,5 in Q.F. <i>HOWITZER</i> ).....	103
Tabela 1 - Cronologia de acontecimentos .....	77
Tabela 2 - Dados técnicos da Peça <i>Schneider Canet</i> 7,5 cm TR .....	88
Tabela 3 - Dados técnicos do Obus 11,4 cm (4,5 in Q.F. <i>HOWITZER</i> ) .....	89
Tabela 4 - Ordem de Batalha da Divisão reforçada (março de 1917).....	90
Tabela 5 - Ordem de Batalha do CEP a duas Divisões (janeiro de 1918).....	91
Tabela 6 - Ordem de Batalha do CEP em 9 de abril de 1918 .....	92
Tabela 7 - Ordem de Batalha de uma Divisão alemã (genérica).....	93

## Lista de Apêndices

Apêndice A – Desempenho das Baterias dos GBA na Batalha de <i>La Lys</i> .....	63
Apêndice B – Retirada, captura e remuniciamento das Baterias dos GBA, em percentagem. ....	65
Apêndice C – Disposição das unidades de Artilharia e Infantaria a 9 de abril de 1918.....	67
Apêndice D – Sistema de comunicações do “setor português” .....	68
Apêndice E – Caracterização das “missões gerais” .....	69
Apêndice F – Unidades e Comandantes dos GBA e suas Baterias .....	70
Apêndice G – Disposição dos GBA no “setor português” a partir de 6 de abril de 1918.....	72
Apêndice H – Posições das Baterias dos GBA a partir de 6 de abril de 1918 .....	74
Apêndice I – Região de <i>Flandres</i> .....	76
Apêndice J – Cronologia de acontecimentos .....	77
Apêndice K – O Material de Artilharia dos GBA.....	79
Apêndice L – Breve referência sobre a Artilharia Pesada Portuguesa.....	81
Apêndice M – Outras “missões gerais”.....	83



## Lista de Anexos

Anexo A – Peça <i>Schneider Canet</i> 7,5 cm TR .....	85
Anexo B – Obus 11,4 cm (4,5 in Q.F. <i>HOWITZER</i> ).....	86
Anexo C – Dados técnicos do material dos GBA .....	88
Anexo D – Ordens de Batalha.....	90
Anexo E – Mapas .....	94
Anexo F – Zona de Defesa do “setor português” .....	97
Anexo G – Abrigos das Bocas de Fogo .....	98
Anexo H – “Militar dos foguetes” .....	99
Anexo I – Quadro Orgânico genérico de um GBA .....	100
Anexo J – Declaração de Guerra.....	104

## Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos<sup>1</sup>

1ªGM	Primeira Guerra Mundial
<b>A</b>	
ACar	Anticarro
AHM	Arquivo Histórico Militar
AquisObj	Aquisição de Objetivos
<b>B</b>	
bf	boca de fogo
BI	Batalhão de Infantaria
BrigInf	Brigada de Infantaria
<b>C</b>	
CAD	Comando da Artilharia Divisionária
CAPI	Corpo de Artilharia Pesada Independente.
CC	Carro de Combate
CE	Corpo de Exército
CEP	Corpo Expedicionário Português
<b>G</b>	
GBA	Grupo de Baterias de Artilharia
GBM	Grupo de Baterias de Montadas
GBO	Grupo de Baterias de Obuses
<b>M</b>	
MT	Missão Tática
<b>P</b>	
PT1	Posto Telegráfico central nº1
PT2	Posto Telegráfico central nº2

---

<sup>1</sup>Abreviaturas militares de acordo com PDE 0-18-00 (Exército Português, 2010a).

## **S**

SS Subsetor

## **T**

TO Teatro de Operações

TR Tiro Rápido

TSF Transmissão Sem Fios

# **Capítulo 1**

## **Introdução**

### **1.1. Justificação do Tema**

As revoluções industriais ocorridas na transição do século XIX para o XX influenciaram o aparecimento e construção de novos armamentos, em particular peças e obuses de Artilharia e metralhadoras. Estes novos armamentos ditaram formas de combater também inovadoras que circunscreveram as táticas de guerra de movimento ao primeiro ano de conflito, obrigando os beligerantes a adaptar as suas doutrinas táticas à guerra de caráter estático.

A 1ª Guerra Mundial (1ªGM) constitui a primeira experiência de combate em que participaram países de todos os continentes, com especial destaque para os países europeus, continente onde decorreram as principais operações militares. Num período em que o inimigo, liderado pelo Império Alemão, apostou tudo para vencer a guerra, a Artilharia Portuguesa que marcou presença no Teatro de Operações (TO) europeu esteve empenhada nesses combates.

Existem diversas obras publicadas que abordam a participação portuguesa no TO europeu de forma mais abrangente, não tratando porém especificamente a organização e a atividade das unidades de Artilharia. Além das obras de Martins (1934), Almeida (1968), Afonso & Gomes (2004) e de alguns artigos publicados em números mais recentes da Revista de Artilharia, efetuamos uma pesquisa de outros trabalhos editados mais específicos que nos permitissem efetuar um estudo mais aprofundado sobre os Grupos de Baterias de Artilharia (GBA) do Corpo Expedicionário Português (CEP).

## 1.2. Estado da Arte

A informação disponível referente à 1ª GM estende-se pela quase centena de anos que nos separam deste conflito. Este período contém os 3 grupos de informação<sup>2</sup> que suportam a investigação deste trabalho.

A obra do General Ferreira Martins, “*Portugal na Grande Guerra*”, é uma peça fundamental para a perceção e descrição dos acontecimentos. Trata-se de uma obra citada por diversos autores e com informação confirmada pelas fontes primárias que consultámos no Arquivo Histórico Militar (AHM), constituindo, portanto, a principal obra de referência sobre a 1ªGM e daí a sua relevância para este estudo.

A obra do Coronel Almeida, “*A Artilharia portuguesa na Grande Guerra (1914-1918)*”, trata mais especificamente a participação artilheira Portuguesa no conflito, e a informação que nos proporciona pode também ser confirmada com as fontes consultadas no AHM. Esta é a obra de referência sobre a Artilharia Portuguesa na 1ªGM.

A obra do Major Valdez, “*O 4.º G.B.A. na Grande Guerra*”, revelou-se essencial para o estudo do emprego deste GBA depois da Batalha de *La Lys*. Esta obra, que foi publicada em diversos números da Revista de Artilharia, constitui parte da experiência do Major Valdez, enquanto comandante desta unidade, e tem um carácter bastante fiável no relato dos acontecimentos.

Das obras consultas com edição temporalmente mais recente destacamos: “*Portugal e a Grande Guerra, 1914 – 1918*”, de Aniceto Afonso e Carlos Gomes, que contém informação sobre toda a guerra, num relato de perspetiva moderna sobre o conflito, que incluiu esquemas, quadros e imagens facilitadores da perceção dos acontecimentos; “*Nova História Militar, Vol. IV*”, do professor Nuno Severiano Teixeira, que explicita os motivos da entrada de Portugal na 1ªGM.

De entre as demais obras estudadas, ainda que sem a relevância das anteriormente identificadas, destacamos também o contributo das obras: “*La Lys 1918 – Os Soldados Desconhecidos*” de Mendo Henriques e António Leitão, pela diversidade de informação pertinente que contém; “*A 2ª Divisão Portuguesa na Batalha do Lys*” do Major Carvalho, por retratar o esforço da Divisão que esteve presente, em combate, em *La Lys*; “*Sangue d’épopéia – A Artilharia portuguesa na Flandres*”, de Mateus Moreno, por conter relatos de combatentes presentes no conflito; “*Estudo de Pesquisa sobre a Intervenção portuguesa*

---

<sup>2</sup> Obras literárias, Revistas de Artilharia, Informação disponível no Arquivo Histórico Militar.

na *1ª Guerra Mundial (1914-1918)*”, do General Dorbalino Martins, pela informação diversa que disponibiliza sobre a participação portuguesa na guerra; “*História do Exército Português* Vol. III”, dirigida pelo General Ramires de Oliveira, que também disponibiliza informação da natureza idêntica à fornecida pela obra anteriormente citada.

As Revistas de Artilharia<sup>3</sup> descrevem em particular a doutrina e o emprego tático da Artilharia Portuguesa, revelando informação não encontrada nas obras consultadas ou no AHM. Estes artigos são o reflexo da experiência de oficiais de Artilharia no conflito e mostram a adaptação da guerra de movimento à guerra estática.

O AHM<sup>4</sup> dispõe das fontes primárias de suporte desta investigação, nomeadamente relatórios dos comandantes das unidades presentes nos TO, indicações do comando do CEP às suas unidades subordinadas e informações diversas sobre a 1ªGM.

### **1.3. Delimitação do Objeto de investigação**

Com vista a especificar o objeto de estudo deste Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), consideramos necessário proceder às seguintes delimitações: geográfico-espacial, que tem que ver com ação das forças portuguesas num dos vários TO; temporal, que visa abordar um período de meses de particular interesse em relação aos quase 2 anos de empenhamento das tropas portuguesas; do objeto de estudo, atendendo a que as forças portuguesas empregues na 1ªGM eram provenientes de diferentes Armas, sendo que dentro da Arma de Artilharia existiram diferentes unidades, cujo tratamento com inerente profundidade ultrapassaria a dimensão deste trabalho.

#### **1.3.1. Delimitação Geográfico-espacial**

A 1ªGM foi sobretudo sentida no continente europeu e sua área marítima adjacente, tendo também decorrido combates na Ásia e em África.

---

<sup>3</sup> Consideramos como mais pertinentes os artigos de Cordeiro (1921), “Alguns ensinamentos de guerra”, n.211 a 216, II série, e Faria (1929), “A missão de artilharia junto das tropas inglesa – Exposição do chefe da missão”, n.º 44, 45 e 46, II série.

<sup>4</sup> Consideramos como mais pertinentes as informações encontradas na caixa 603/7 – “Plano de Defesa da 2.ª Divisão” e na caixa 1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

---

Portugal participou neste conflito em diferentes TO, o europeu e os africanos (Angola e Moçambique). Na Europa destacamos a participação portuguesa no norte de França, na frente oeste alemã, na região de *Ypres*, onde as forças militares do nosso país desenvolveram as operações que consideramos de interesse para o nosso estudo, pelo que nos vamos focar na sua ação nesta região.

### **1.3.2. Delimitação Temporal**

A grande guerra percorreu 5 anos da segunda década do século XX, (1914-1918), mas apenas sentiu, no terreno, os efeitos da participação portuguesa, a partir de 1917 e até ao fim deste conflito. Porém, o objeto do nosso estudo incidirá no período compreendido entre 21 de março e 14 de junho de 1918 no TO acima referido, particularmente na participação portuguesa na Batalha de *La Lys*, e no apoio a uma Brigada de Infantaria (BrigInf) inglesa, prestado no período subsequente e até 14 de junho de 1918.

### **1.3.3. Delimitação do Objeto de estudo**

Durante a realização do Projeto deste TIA propusemo-nos fazer um estudo do emprego da Artilharia na 1ªGM. Porém, há que considerar que, neste conflito, foram utilizadas diferentes unidades de Artilharia, com diferentes calibres e diferentes formas de emprego, logo um objetivo demasiado ambicioso para um trabalho com esta dimensão. Daí, a opção em delimitar como objeto de estudo os GBA, procurando descrever a sua organização, o seu emprego e doutrina tática vigente à época, fazendo referências às unidades de Artilharia pesada sempre que se afigure relevante<sup>5</sup>.

### **1.3.4. Considerações finais sobre a delimitação do trabalho**

Decorre do acima exposto que este trabalho incidirá, em particular, no emprego dos GBA entre 21 de março e 14 de junho de 1918, no norte de França, região de *Ypres*, com

---

<sup>5</sup> Em apêndice L encontra-se uma breve referência sobre a organização e emprego das unidades de Artilharia Pesada Portuguesas que estiveram presentes em França durante a 1ª Guerra Mundial.

enfoque à sua constituição, organização e doutrina tática, formulando ainda, quando justificável, as necessárias considerações acerca da Artilharia pesada portuguesa empregue.

#### **1.4. Problema de Investigação e Questões Derivadas**

Com este trabalho, e tendo em consideração a delimitação acima formulada, pretende-se determinar “como foram empregues os Grupos de Baterias de Artilharia durante a ofensiva alemã iniciada a 21 de março de 1918?” Desta questão derivam outras com pertinência, nomeadamente:

QD 1: Como estavam organizados os GBA durante a 1ªGM?

QD 2: Como estavam organizadas as posições das Baterias dos GBA?

QD 3: Quais as principais limitações dos GBA verificadas durante o seu emprego?

QD 4: Qual a tipologia das missões desempenhadas pelos GBA?

#### **1.5. Metodologia**

Este TIA, que retrata a participação dos GBA durante a 1ªGM, tem como objetivo evidenciar os acontecimentos passados neste conflito, e tem como base de apoio a busca sistemática de informação em fontes primárias e em obras de referência.

A questão central e o objeto de estudo levantaram diversas questões derivadas, algumas diferentes das inicialmente definidas no projeto deste trabalho que, por isso, foram alteradas com vista a assegurar a consecução do propósito da investigação realizada.

O AHM detém as principais fontes primárias existentes para a realização de um trabalho desta natureza. Por isso, sempre que possível utilizamos as informações encontradas neste local, em detrimento da informação de todas as restantes obras consultadas.

As fontes impressas, já anteriormente identificadas (obras e artigos da Revista de Artilharia), constituem uma fonte de apoio fundamental para a descrição dos acontecimentos, por se basearem em fontes primárias e, em certos casos, relatarem a experiência pessoal do seu autor. Algumas destas obras, apresentam como ponto negativo a utilização de uma linguagem antiquada.



De forma a manter a descrição fiel dos acontecimentos, optou-se por utilizar transcrições quando extremamente necessário ou para reforçar as opiniões de um autor. Porém, este trabalho é constituído sobretudo pela nossa interpretação face às descrições das fontes consultadas, mantendo o sentido e a ordem dos acontecimentos que explicamos.

Para a realização deste TIA adotaram-se 5 etapas<sup>6</sup>, desde a escolha do tema, até à sua escrita, e são elas: pergunta de partida, a exploração, a problemática, a observação e a conclusão.

Não foram realizadas entrevistas, pois o cerne da investigação encontra-se em fontes impressas. No entanto, trocas de impressões periódicas efetuadas com oficiais, sobretudo da Arma de Artilharia, vieram a confirmar parte das conclusões deste TIA.

## **1.6. Enquadramento da 1ª Guerra Mundial<sup>7</sup>**

O Império Alemão, que apenas se unificou em 1870, estava atrasado em relação às restantes potências europeias, nas políticas de expansão e consolidação de fronteiras, sendo a guerra um motivo para poder crescer e afirmar-se no plano internacional (Gilbert, 1994). Nesse sentido, a 11 de maio de 1871, Otto von Bismark<sup>8</sup> (1815-1898) conseguiu a transferência da Alsácia e de grande parte da Lorena, territórios até então franceses, para a Alemanha (Gilbert, 1994); mais tarde, Otto von Bismark assinou um acordo político com o Império Austro-húngaro e com a Itália, surgindo, em 1882, a denominada tríplice Aliança<sup>9</sup>; a partir de 1888, Guilherme II<sup>10</sup>, (1859-1941), insistindo numa política expansionista, aumentou o seu interesse em África, que tinha sido partilhada<sup>11</sup> entre 1884 e 1885 (Martins, 1934 a).

Para fazer face à consolidação que o Império Alemão vinha conseguindo, Inglaterra e França assinam em 1904 um acordo político, ao qual se viria a juntar a Rússia em 1907,

---

<sup>6</sup> Quivy, R. & Campenhoudt L. V. (1992). Manual de Investigação em Ciências Sociais. 2.<sup>a</sup> ed, Lisboa: Gradiva. Paris: Bordas. (Trabalho original publicado em 1988). (Escrita original em francês).

<sup>7</sup> A tabela 1 do apêndice J contém uma cronologia de acontecimentos relevantes, ocorridos, antes durante e depois deste conflito.

<sup>8</sup> Chanceler do Império Alemão.

<sup>9</sup> 20 de maio de 1882. Inicialmente constituída pelo Império Alemão, Império Italiano e Império Austro-húngaro, juntando-se posteriormente, Bulgária e Império Otomano

<sup>10</sup> Friedrich Wilhelm Viktor Albrecht von Hohenzollern.

<sup>11</sup> Conferência de Berlim-Alemanha, uma cimeira de trabalho com a participação de Bélgica, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América, França, Holanda, Itália, Império Alemão, Império Austro-húngaro, Império Otomano, Reino Unido, Portugal, Suécia, que visava repartir África em colónias por estes países.

---

criando a tríplice *Entent*<sup>12</sup>. E assim estavam criados dois grandes blocos europeus que geraram um clima de tensão por toda a Europa (Afonso, 2008).

“Em 28 de junho de 1914 é assassinado em Sarajevo o arquiduque Francisco Fernando, herdeiro presuntivo da coroa da Áustria, e a condessa de Hophenberg, sua mulher” (Martins, 1934 a, p.11). Este assassinato, executado por um estudante sérvio, e que teve que ver com a insatisfação sérvia perante a anexação violenta da Bósnia-Herzegovina, ocorrida em 1908, bem como com a ameaça que o Império Austro-húngaro representava para os Sérvios despoletou o *ultimatum*, que vai desembocar na 1ªGM (Afonso, 2008).

Este *ultimatum*, dirigido a Belgrado em 23 de julho de 1914 pelo governo de Viena, impunha exigências que a Sérvia, aconselhada pela Rússia e França, não cumpriu integralmente, pelo que recebeu a declaração de guerra assinada pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros do Império Austro-húngaro no dia 28 desse mês. (Gilbert, 1994)

Declarada a guerra, o Império Austro-húngaro mobilizou parte do seu exército; por outro lado, a Rússia, assim que tomou conhecimento da declaração de guerra à Servia, mobilizou 13 Corpos de Exército (CE), de forma a prevenir um possível conflito e a proteger os seus interesses nos Balcãs. O Império Alemão, que considerou este ato ameaçador, incitou a “Áustria a mobilizar imediatamente contra a Rússia e a declinar as tentativas feitas para a manutenção de paz” (Martins, 1934 a, p.20) e, a 31 de julho de 1918, a “Alemanha a dirigia à Rússia e à França, sua aliada, *ultimatum*” (Martins, 1934 a, p.20).

Como “a passagem pela Bélgica era para a Alemanha uma questão de vida ou morte” (Martins, 1934 a, p.19) o governo britânico decidiu fazer “um *ultimatum* à Alemanha para que detivesse, dentro de 24 horas, a invasão da Bélgica” (Martins, 1934 a, p.18), exigência que o Imperio Alemão declinou, provocando a entrada da Inglaterra e de Montenegro, movido pela causa Sérvia, na guerra que se previa ser rápida mas que se prolongou até 1918 (Afonso, 2008).

Portugal declarou a sua neutralidade a 7 de agosto de 1914. Porém, acordou com Inglaterra que, caso a Alemanha ameaçasse possessões portuguesas no ultramar, seriam ativados os compromissos do tratado anglo-português<sup>13</sup> (Martins, 1934 a).

---

<sup>12</sup> Acordo militar constituído em 8 de abril de 1904 entre Império Britânico e França, ao qual se juntou a Rússia em 1907 para travar a política expansionista de outro bloco.

<sup>13</sup> Tratado assinado por Portugal e Inglaterra em 16 de julho de 1373. Este tratado traduz-se na aliança mais antiga do mundo, em vigor, entre estados independentes.

---

### **1.7. Enquadramento da entrada de Portugal na Guerra**

Portugal mantinha uma atitude de respeito pela sua aliada Inglaterra, desde o início da 1ª GM, sem, no entanto, lhe declarar apoio incondicional. Para Teixeira (2004), existem 3 teses que podem explicar a entrada de Portugal neste conflito, a saber: a tese explicativa colonial, a tese explicativa europeia-peninsular e a questão política interna.

A tese colonial prende-se com o futuro das colónias portuguesas em África após o conflito, pois “entrar em guerra e entrar ao lado dos Aliados pela mão da Inglaterra era uma dupla garantia” (Teixeira, p.17), contra a ameaça de perda das colónias para Alemanha ou contra os jogos políticos da Inglaterra.

A segunda tese, a europeia-peninsular, prende-se com o receio de Portugal, que procurava afirmar-se na cena internacional, ser anexado por Espanha. Para além desse aspeto, a entrada na guerra ao lado de Inglaterra dava a Portugal um papel de destaque na Península Ibérica, já que a Espanha se mantinha neutra, e reforçava a aliança anglo-lusa ao mesmo tempo que enfraquecia a aproximação hispano-britânica, sendo que, com a vitória na guerra, Portugal teria o reconhecimento internacional que procurava desde a implantação da República, em 1910 (Teixeira, 2004).

A terceira teoria revela a instabilidade política existente em Portugal, provocada pelo insucesso na integração de todos os portugueses no regime recentemente instituído, pelas divisões internas e rivalidades entre os partidos republicanos. Com a entrada na guerra esperava-se que as clivagens políticas fossem ultrapassadas e as facções políticas se unissem (Teixeira, 2004).

A verdade é que a soberania portuguesa nas suas colónias africanas de Angola e Moçambique estava ameaçada pela política expansionista do Império Alemão aquando do início da guerra, pelo que Portugal se viu na obrigação de estar ao lado da Inglaterra, sua antiga aliada, que, em 1916, pedira ao governo português que requisitasse os navios alemães fundeados nos portos nacionais, ação que se veio a concretizar em 23 de fevereiro desse ano (Martins, 1934 a). “Contestou o Governo Alemão, perante o nosso ministro em Berlim, dizendo que não se tratava somente da questão de direito, mas da forma como fora posta a medida em execução” (Martins, 1934 a, p.86), que culminou com uma salva de 21 tiros e o içar da bandeira Portuguesa<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> *História do Exército Português* (1994).

Não satisfeito com a atitude e a justificação portuguesas, o Império Alemão responde, declarando guerra a Portugal a 9 de março de 1916: “O Governo Imperial vê-se forçado a tirar as necessárias consequências do procedimento do Governo Português. Considera-se, de agora em diante, como achando-se em estado de guerra com o Governo Português”<sup>15</sup>. Desta nota de declaração de guerra<sup>16</sup> constam ainda diversas críticas ao governo português, e destacando, à resposta favorável que Portugal, durante 2 anos, deu a diversos pedidos ingleses, ao mesmo tempo que negava ou ignorava os pedidos dos alemães. No mesmo dia, e em resposta, “Portugal declara guerra aos Impérios Centrais” (Henriques & Leitão, 2001, p.10).

---

<sup>15</sup> *Historia do Exército Português (1994)*, (1994, p.305).

<sup>16</sup> Em anexo J encontra-se uma cópia da declaração de guerra.

---

## **Capítulo 2**

### **Enquadramento da Artilharia portuguesa na 1ª Guerra Mundial**

“A guerra europeia é a apoteose da artilharia. Não é para surpreender o facto; preparam-se as grandes potências militares durante muitos anos. A estranheza só poderia dár-se com a sua falta” (Fernandes, 1916, p.81).

Efetivamente, todos os beligerantes empregaram diferentes armas de Artilharia, distinguidas por diversas características, em particular pelo seu calibre, que inicialmente não pareciam ter a importância que viriam a demonstrar (Strong & Marble, 2011), pois o conflito, que primeiramente gozava de movimento, rapidamente se tornou de carácter estático (Afonso, 2008).

#### **2.1. Constituição e Organização do CEP**

Devido à declaração de guerra do Império Alemão a Portugal, o general Norton de Matos (1867-1955), Ministro da Guerra, “exigia uma preparação para combater o inimigo no continente, nas colónias ou em qualquer parte do mundo e pedia a todos os comandantes e graduados que contribuíssem para a defesa da pátria” (Henriques & Leitão, 2001, p.10).

Este desiderato foi respondido com a preparação da Divisão Auxiliar em Tancos, inicialmente denominada Divisão de Instrução, comandada pelo General Tamagnini (1856-1924), que, em 3 meses de instrução, “conseguiu fazer sair, em pouco, tempo do nada, que era o misérrimo Exército Português, uma Divisão devidamente organizada e apetrechada” (Martins, 1934 a, p.104). Este acontecimento viria a ficar conhecido como o “milagre de Tancos”. Concluída a preparação, esta Divisão passa a Divisão reforçada<sup>17</sup>, com o efetivo de 39585 militares, sendo que houve oficiais e sargentos do Exército previamente enviados para França, para se familiarizarem com a guerra das trincheiras (Martins, 1934 a).

---

<sup>17</sup> Em pormenor na tabela 4 do anexo D, a constituição orgânica desta unidade.

Portugal esteve presente no TO em *Flandres*, no noroeste de França, junto à fronteira com a Bélgica, enquadrado na frente que se estendia desde o Canal da Mancha, na região de *Passchendaele* e *Nieuport*, até à fronteira com a Suíça a sudoeste<sup>18</sup>. Nesta frente atuavam forças Belgas, Inglesas e Francesas, às quais se juntou Portugal em 1917. A frente que se estendia desde o Canal da Mancha até ao rio *Oise* era ocupada por tropas belgas e britânicas, sendo o restante terreno ocupado por tropas francesas (Henriques & Leitão, 2001). As tropas britânicas estavam organizadas em 5 Exércitos, sob comando do General Haig<sup>19</sup> (1861-1928), e “Cada Exército, estava organizado em Corpos de Exército, divididos em setores de Divisões, e estes em setores de Brigada, que por sua vez estavam divididos ainda em sub-setores de Batalhão” (Henriques & Leitão, 2001, p.15).

O CEP ficou sob comando do 1º Exército, sendo que este integrava também 1 CE canadiano, os I, XI, XV, XVII CE ingleses e ainda o XIII em reserva também inglês. Este Exército ocupava uma frente de 53 quilómetros, estando inicialmente atribuído às forças portuguesas 14 quilómetros de frente, na região de *Armentières*<sup>20</sup>, linha que mais tarde viria a ser reduzida (Henriques & Leitão, 2001).

### **2.1.1. De Divisão reforçada a Corpo de Exército**

Em 12 de fevereiro de 1917, por proposta do General Tamagnini, a Divisão reforçada foi elevada<sup>21</sup> a CE, resolução que passou a vigorar a partir de 3 de março desse ano, constituindo-se assim o Quartel-general do CEP, que ficou sediado na cidade de *Aire-sur-la Lys*, no noroeste de França (Carvalho, 1921). O CEP foi então reforçado com 6 Batalhões de Infantaria (BI), 2 Grupos de Baterias 7,5 cm de tiro rápido (TR) e uma Bateria de Morteiros de 7,5 cm. Dois dos Quartéis-generais das BrigInf são transformados em Quartéis-generais de Divisão, o que fez com que o dispositivo do CEP crescesse para o efetivo total de 53572 e passasse a estar organizado em duas Divisões, diretamente dependentes do 1º Exército Britânico (Martins, 1934 a).

O deslocamento de tropas portuguesas para França ocorreu entre fevereiro e agosto de 1917 e iam desembarcando no porto de Brest no Norte de França a 853 quilómetros da região que o CEP iria ocupar, *Aire-sur-la Lys*. À medida que chegavam, as tropas eram

---

<sup>18</sup> Ver figura 19 em anexo E.

<sup>19</sup> Comandante do *British Expeditionary Force* (BEF) entre 1915-1918.

<sup>20</sup> Ver figura 12 do apêndice I.

<sup>21</sup> Ver disposição da orgânica deste Corpo de Exército na tabela 5 do anexo D.

---

vacinadas e recebiam instrução durante 8 dias, na zona de *Thérouanne*, marchando de seguida para diferentes escolas, em função da sua especialidade, para receber instrução específica e adaptada à situação que iriam encontrar na frente, a guerra de trincheiras. Esta instrução, cujo período variava em função da especialidade, era ministrada por instrutores com experiência na frente de combate e concluída com a realização de um “Tirocínio” nas trincheiras, junto das unidades inglesas que ocupavam o setor que viria a ser guarnecido pelo CEP, de forma a se adaptarem e familiarizarem com as especificidades das trincheiras (Martins, 1934 a).

A ocupação da frente de combate deu-se a partir de 4 de abril de 1917, pela 1ª Divisão, mas só a partir de julho é que todas as suas forças passaram a estar no “setor português”. A 2ª Divisão concluiu a sua preparação mais tarde, e apenas se juntou à 1ª Divisão a 26 de novembro, ficando assim o CEP a guarnecer o setor atribuído até abril de 1918 (Almeida, 1968). As unidades dos flancos foram a 55ª Divisão inglesa, a norte, e a 40ª Divisão inglesa, a sul (Martins, 1934 a).

A partir de dezembro de 1917 a manutenção de duas Divisões na frente de combate tornou-se insustentável, levando a que, no dia 21 do mês seguinte, Portugal e Inglaterra assinassem a “Convenção de janeiro”, que determinava o fim do emprego do CEP como CE mas mantinha as suas duas Divisões no terreno: a 2ª Divisão guarneceria a frente e a 1ª ficaria em repouso à retaguarda (Martins, 1934 a).

No início de abril de 1918, o comando inglês considerou necessário que a 2ª Divisão fosse prontamente rendida, face à fadiga física e moral das suas tropas e à falta de pessoal e material necessários para a defesa adequada do seu setor, pois esta unidade não resistiria ao lançamento de uma forte ofensiva alemã, que o comando acreditava que se pudesse realizar, de acordo com a análise de relatos de vários prisioneiros alemães (Carvalho, 1921). Assim, em 6 de abril de 1918, foi decidido que as 50ª e 55ª Divisões britânicas deveriam render, a partir do dia 9 desse mês, a 2ª Divisão portuguesa, com exceção das unidades de Artilharia e de morteiros, uma rendição que nunca chegou a concretizar-se, pois nesse mesmo dia as forças inimigas lançaram a operação *Georgette* (Henriques & Leitão, 2001).

### 2.1.2. O CEP depois de *La Lys*

Com a derrota na Batalha de *La Lys*, as tropas portuguesas passaram a concentrar-se à retaguarda nas zonas de *Samer*, *Devres* e *Frençq*, e o CEP foi dissolvido, apesar dos esforços do General Tamagnini para que fosse reforçado e continuasse a atuar como CE. Este General viria a ser exonerado do comando das forças portuguesas em França, sendo substituído pelo General Garcia Rosado (1864-1937), em 4 de julho de 1918 (Marques, 2004), dia em que a 1ª Divisão passou a estar subordinada ao 5º Exército Inglês (Carvalho, 1921). A intenção do comando inglês era a de distribuir as unidades do CEP pelas Divisões britânicas em trabalhos de apoio, e, em 13 de abril, a 1ª e 2ª Briginf da 2ª Divisão reforçaram as 14ª e 16ª Divisões inglesas, que atuavam na frente na linha de *Lillers-Steenberg* (Martins, 1934 a). No que respeita à Artilharia, o 4º GBA, pertencente à 1ª Divisão, foi mobilizado a 12 de abril para reforçar unidades inglesas na frente de *Marzinganhe-Vermelles* (Henriques & Leitão, 2001), passando a ser o único GBA, no período delimitado, empregue depois da Batalha de *La Lys* (Valdez, 1923), como veremos no Capítulo 4.

## 2.2. Organização dos Grupos de Baterias de Artilharia na 1ª Guerra Mundial

Quando Portugal entrou neste conflito foram constituídas diferentes forças de Artilharia pertencentes ao CEP: O Corpo de Artilharia Pesada (CAP), integrado nas tropas não endivisionadas, que operava obuses de diferentes calibres; os Grupos de Baterias Montadas (GBM)<sup>22</sup>, que operavam peças de 7,5 cm TR<sup>23</sup> de origem francesa; os Grupos de Baterias de Obuses (GBO), com obuses de 11,4 cm<sup>24</sup> de origem inglesa, criados à semelhança dos anteriores para as Divisões. Exteriormente ao CEP foi criado o Corpo de Artilharia Pesada Independente (CAPI) (Almeida, 1968).

A primeira organização do CEP, que data de janeiro de 1917, no que respeita a Grupos de Artilharia, contemplava 4 GBM, a 3 Baterias cada e 3 GBO, a 3 Baterias cada;

---

<sup>22</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>23</sup> Consultar figuras 13 e 14 do anexo A.

A tabela 2 do anexo C mostra alguns dados técnicos desta peça.

Em apêndice K encontra-se uma descrição sobre as principais características desta peça.

<sup>24</sup> Consultar figuras 15, 16, 17 e 18, em anexo B.

A tabela 3 do anexo A mostra alguns dados técnicos deste Obus.

Em apêndice K encontra-se uma descrição sobre as principais características deste obus.

---



(Almeida, 1968). Por sua vez, o CAP era constituído por 10 Baterias de obuses e 1 Grupo de duas Baterias de obuses de campanha.

A partir de março, e com a elevação a CE, a Artilharia das Divisões ficou organizada, seguindo a indicação e a doutrina dos ingleses, com Grupos a 4 Baterias, pelo que os GBO foram extintos e as suas Baterias distribuídas pelos GBM, criando-se os GBA. Cada GBA<sup>25</sup> dispunha de 3 Baterias de peças 7,5 cm TR e uma Bateria de obuses 11,4 cm<sup>26</sup>, sendo que a 1ª Divisão, comandada pelo Coronel Gomes da Costa, ficou com os 3º, 4º e 5º GBA, e a 2ª Divisão, comandada pelo General Simas Machado, com os 1º, 2º e 6º GBA, e assim se constituiu a Artilharia Divisionária do CEP (Martins, 1934 b).

Com a “Convenção de Janeiro”, a 2ª Divisão é reforçada na frente de combate com o 5º GBA da 1ª Divisão, passando assim a dispor de 4 GBA, a partir de 6 de abril de 1918, que se mantiveram na frente até à Batalha de *La lys* (Almeida, 1968).

Após a Batalha de *La Lys*, a 2ª Divisão, dadas as baixas sofridas e a destruição ou captura do seu material, foi dissolvida, pelo que o CEP ficou reduzido à 1ª Divisão, a qual passou apenas a contar, no que respeita à Artilharia, com o 4º GBA, que viria a ser reforçado com pessoal e material de outros Grupos, ficando a partir de 26 de abril de 1918 “adstrito ao 58.º grupo da 11.ª Divisão do I Corpo do I Exército Inglês” (Almeida, 1968, p.29).

---

<sup>25</sup> Os quadros 9, 10, 11, 12, em anexo I, mostram os Quadro Orgânico genérico de um GBA.

<sup>26</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

---

## Capítulo 3

### O “setor português”

De forma a melhor se compreender o emprego dos GBA presentes na frente de combate a partir de 9 de abril de 1918, interessa fazer uma breve exposição acerca do setor guarnecido pelas tropas portuguesas, percebendo também a relação entre a Infantaria e Artilharia.

#### 3.1. As organizações do “setor português”

A guerra na Europa tomou um carácter estático a partir de 1915, sendo que os beligerantes se encontravam separados por poucas centenas de metros e defendiam-se em esquemas de trincheiras ocupadas pelas suas forças. Portugal, como já referido, combateu sob comando Inglês, estando-lhe atribuída uma porção de terreno a defender com uma frente de 14 quilómetros, denominada “setor português”, que se localizava no troço médio do Rio Lys. Inicialmente o setor detinha 4 setores<sup>27</sup>, mais pequenos, estando a 1ª Divisão a guarnecer os dois setores mais a norte, e a 2ª Divisão os restantes, a sul (Henriques & Leitão, 2001), sendo cada um destes 4 setores<sup>28</sup> guarnecido na frente por uma BrigInf.

Como o comando inglês considerava ser uma frente demasiado grande para 4 Brigadas, decidiu, mais tarde, reduzir o “setor português” para 11 quilómetros de frente (Malheiro, 1919), e os 3 quilómetros remanescentes, mais a norte – *Fleurbaix*, passaram para a 40ª Divisão inglesa pertencente ao XV CE<sup>2</sup>, do mesmo Exército (Henriques & Leitão, 2001). Esta diminuição do número de quilómetros de frente não implicou uma redução do número de setores porque, entretanto, foi criado o setor de *Chapigny* e assim o CEP, enquanto foi empregue como CE, manteve as suas 2 Divisões, uma por cada 2

---

<sup>27</sup> Embora o termo “subsetor” favorecesse uma apreensão mais fácil da questão, não pode ser utilizado neste propósito, uma vez que é inerente a partes do terreno ainda mais pequenas, e atribuídos aos BI, ou seja, cada BI atuava num subsetor.

<sup>28</sup> A figura 21 do anexo E mostra o “setor português” a 4 Brigadas.

setores, a 1ª a atuar nos dois setores mais à esquerda (norte) – *Fauquissart* e *Chapigny*, e a 2ª nos dois setores mais à direita (sul) – *Neuve Chapelle* e *Ferme du Bois*<sup>29</sup>.

Esta organização contemplava ainda uma BrigInf em reserva à retaguarda das posições dos GBA, guarnecendo a “linha das Aldeias” e a “linha do Corpo”, que vamos abordar neste Capítulo, e por sua vez, à retaguarda daquela Brigada, o CAP, que só recebeu material de Inglaterra a partir de 5 de março de 1918, mas em quantidade muito reduzida<sup>30</sup>.

Quando o CEP cessou a sua atuação como CE, o setor de *Chapigny* foi absorvido pelo setor de *Neuve Chapelle* e, assim, o “setor português” passou a ser constituído por 3 setores<sup>31</sup> de Brigada: *Ferme du Bois* – setor da direita, a sul; *Neuve Chapelle* – setor do centro; *Fauquissart* – setor da esquerda, a norte<sup>32</sup>.

Cada setor de Brigada estava dividido em 2 subsetores (SS), o da direita, ou SS I, e o da esquerda, ou SS II, estando em cada SS um BI disposto numa frente que variava entre 1000 e 1200 metros (Moreno, 1921), para o que cada Batalhão dispunha de 4 Companhias, 3 ocupavam a linha «A» e a remanescente a linha «B», ou duas Companhias em cada linha (Magno, 1921 a). Trataremos em particular cada linha ainda neste Capítulo.

A partir de 6 de abril de 1918, o CEP<sup>33</sup>, que estava organizado em duas Divisões, tinha a 1ª na retaguarda e a 2ª na frente. Aquela atuava como reserva, uma vez que estivera mais tempo na frente (desde abril de 1917) que a 2ª Divisão. Assim, a partir daquela data, o “setor português” passou a ter a organização que combateu na Batalha de *La Lys* (Magno, 1921 a).

### 3.2. A defesa do “setor português”

O Setor atribuído a Portugal tinha sido anteriormente guarnecido por tropas inglesas, que nos passaram diversos princípios e doutrinas táticas que as nossas forças deveriam adotar para assegurar a competente defesa do setor, dos quais destacamos: a constante observação do terreno entre as trincheiras de ambos os beligerantes; a manutenção do espírito ofensivo das tropas; a estreita ligação entre Artilharia,

---

<sup>29</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Afigura 22 do anexo E mostra a disposição do “setor português” a 3 Brigadas.

<sup>32</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>33</sup> A ordem de Batalha do CEP para esta data encontra-se na tabela 6 do anexo D.

metralhadoras e Infantaria; a ocupação de diversas linhas de defesa, pela ocupação forte de uma primeira linha mais avançada de defesa que só seria abandonada se esta se tornasse insustentável; a concentração de tropas de apoio imediatamente antes de uma linha intermédia de defesa para a realização de contra-ataques (Carvalho, 1921); (Magno, 1921).

A defesa do setor era escalonada em profundidade, sendo que cada setor de Brigada dispunha de 2 Batalhões em 1º escalão, e de outros 2 em 2ª linha<sup>34</sup>. Nesta 2ª linha encontrava-se 1 Batalhão em apoio/reforço que deveria reforçar gradualmente a 1ª linha e outro Batalhão em reserva para realizar contra-ataques, ao qual se juntavam Baterias de metralhadoras, Baterias de morteiros e os GBA<sup>35</sup>.

“O sistema das defesas consistia, pois, essencialmente numa série de linhas defensivas, simples ou múltiplas, constituídas por trincheiras ou obras fechadas” (Carvalho, 1921, p.107), estando estas linhas dispostas em 4 Zonas de defesa<sup>36</sup>.

A 1ª Zona era constituída pela “1ª linha de defesa” e subdivida-se em 3 linhas, a “linha avançada”, a “linha de apoio” e a “linha de reserva” (Magno, 1921).

A “linha avançada”, ou linha «A»<sup>37</sup>, era a primeira linha e encontrava-se a uma distância da primeira linha alemã que variava entre 80 e 250 metros, e “era uma trincheira de combate com postos intercalados, tendo a apoia-la imediatamente à retaguarda, a 100 ou 200 metros, pequenos postos ou elementos de trincheira, que constituíam a *Linha de Suporte*”( Carvalho, 1921, p.108.).

A “linha de apoio”, ou linha «B», que se encontrava a cerca de 400 metros à retaguarda da linha «A», era uma trincheira continua protegida à frente por uma ou mais defesas de fio de ferro de 6 metros de largura, flanqueada pelos fogos cruzados das metralhadoras pesadas, e constituía a posição principal de combate, com a finalidade de abrigar as tropas destinadas ao apoio da linha «A» e de proporcionar posições de fogo que deveriam ser mantidas a todo o custo<sup>38</sup>. Esta linha possuía também abrigos e paióis de munições (Gonçalves, 1925).

A “linha de reserva”, ou linha «C», localizada entre 500 e 800 metros à retaguarda da linha «B», “constituía uma linha de postos ou pequenos redutos, obras de construção ligeira, protegidas à frente por uma larga faixa de arame farpado” (Carvalho, 1921, p.109). Esta linha servia ainda de ponto de reunião às tropas que retirassem da frente ou para o

<sup>34</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1216 – Indicações sobre o serviço na 1ª linha.

<sup>35</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1260 – Plano de defesa do CEP.

<sup>36</sup> Pela figura 25 do anexo F, podemos perceber o esquema da das defesas. O autor da figura deste anexo considera a existência de apenas 3 zonas de defesa.

<sup>37</sup> Os ingleses consideravam esta linha como linha de vigilância.

<sup>38</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Plano de defesa da 2ª Divisão do CEP.

lançamento de contra-ataques, sendo neste caso ocupada por tropas de apoio e reserva do setor<sup>39</sup>.

A 2ª Zona de Defesa materializava-se pela “linha intermédia”, também conhecida como “linha das Aldeias”, onde se situavam os Postos de Comando dos setores ou Quartéis Gerais das Brigadas (Magno, 1921). Localizava-se entre 2600 e 3000 metros à retaguarda da “1ª linha de defesa” e era constituída “por uma série de postos ou ruínas de casas fortificadas com bons abrigos para morteiros e metralhadoras”, com a finalidade de deter o avanço das forças inimigas (Carvalho, 1921, p.110). Estes abrigos eram à prova de metralhadoras e tinham arame farpado para efeitos de defesa, que deveriam ter aberturas destinados a facilitar a execução de contra-ataques por parte das nossas forças<sup>40</sup>.

A 3ª Zona de Defesa materializava-se na “linha do Corpo”, situada a cerca de 6000 metros da “linha intermédia” (1ª Zona de Defesa), e “era destinada a poder ser utilizada com base para a organização e ponto de partida da contra-ofensiva” (Carvalho, 1921, p.111). Esta linha era constituída por diversos postos que se apoiavam mutuamente, e eram guarnecidos por arame farpado com aberturas para facilitar a execução de contra-ataques<sup>41</sup>.

A 4ª Zona e Defesa, denominada “Zona de Defesa à Retaguarda”, era o último reduto de defesa do setor (Magno, 1921). Segundo Carvalho (1924, p.112) “abrangia todas as obras de fortificação à retaguarda da Linha do Corpo e que, ou eram postos isolados destinados a defender estradas importantes ou nós de comunicações, ou constituíam verdadeiras linhas defensivas em esboço, cuja organização estava a cargo de uma nova Frente, para servir, quando a ofensiva inimiga se tivesse apoderado das defesas da zona frontal.”

### 3.3. Os GBA no “setor português”

Inicialmente, cada Divisão possuía 3 GBM e 1 GBO, de forma a conferir o apoio necessário às 4 BrigInf que também faziam parte da Divisão. Cada Bateria de peças possuía 6 bocas de fogo (bf), enquanto as Baterias de obuses possuíam 4 bf, totalizando 18

---

<sup>39</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Plano de defesa da 2ª Divisão do CEP.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Idem.

peças por GBM e 12 obuses por GBO. Com a criação dos GBA, cada um destes Grupos passou a dispor de 24 bf (18 peças e 4 obuses)<sup>42</sup>.

A partir de 3 de julho de 1917, a parte da frente do “setor português” passou a estar guarnecida por 3 BrigInf apoiadas pelos GBA. Estes Grupos tinham capacidade para bater todo o setor atribuído, bater a defesa alemã em toda a sua profundidade e as posições das bf inimigas, desde que conhecida a sua localização, pelo que os GBA se encontravam dispostos no terreno a uma distância entre 3000 e 4000 metros da linha da frente, atrás da “linha das Aldeias”<sup>43</sup>. Carvalho (1924), indica que durante a Batalha de *La Lys* as posições das bf estavam a uma distância de entre 1500 e 3500 metros da linha da frente. Cada GBA protegia o setor de uma Brigada, e assim cada Bateria protegia um setor de Batalhão<sup>44</sup>, como veremos no seguimento deste trabalho.

Quando em novembro de 1917 se juntou no “setor português” a 2ª Divisão, passando o CEP a atuar como CE, a sua Artilharia adotou a organização tática inglesa, anteriormente referida. Assim, a Artilharia da 1ª Divisão ficou constituída pelos 3º GBA, 4º GBA e 5º GBA, e a da 2ª Divisão pelos 1º GBA, 2º GBA e 6º GBA (Almeida, 1968).

### 3.3.1. Os GBA do “setor português” a partir de abril de 1918

Depois de assinada a “Convenção de janeiro”, referida no Capítulo anterior, a 1ª Divisão, que ficaria em repouso, cedeu à 2ª Divisão o 5º GBA, e assim o “setor português” passou a dispor de 4 GBA em apoio a 3 BrigInf em 1º escalão (Almeida, 1968), distribuídas por 3 setores, *Fausquissart*, *Neuve Chapelle* e *Ferme du Bois*.

O setor de *Fauquissart*, a norte, era guarnecido pelo 6º GBA, em apoio à 4ª BrigInf. Este Grupo, comandado pelo Tenente-coronel Teotónio Sarmiento, dispunha de um efetivo de 24 oficiais e 686 praças<sup>45</sup> e era constituído pelas 2ª, 3ª, 4ª e 1ª Baterias, sendo a última a de reserva do setor – Bateria silenciosa (Almeida, 1968).

O setor de *Neuve Chapelle* era guarnecido por 2 Grupos, o 1º GBA e o 2º GBA, ambos em apoio à 6ª BrigInf. O 1º Grupo, comandado pelo Tenente-coronel Neves e Castro, dispunha de um efetivo de 31 oficiais e 664 praças e era constituído pelas 1ª, 3ª, 4ª e 2ª Baterias, sendo a última a de reserva do Grupo e do setor – Bateria silenciosa; o 2º

<sup>42</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>43</sup> *História do Exército Português* (1994).

<sup>44</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>45</sup> Os Sargentos pertenciam à classe de Praças.

GBA, comandado pelo Major Macedo, dispunha de um efetivo de 33 oficiais e 708 praças e era constituído pelas 1ª, 2ª, 4ª e 3ª Baterias, sendo a última a de reserva, mas do Grupo (Almeida, 1968). Só este setor é que dispunha de dois GBA (o que lhe conferia uma “proteção mista do setor”<sup>46</sup>), para o apoio de uma BrigInf, enquanto nos restantes setores cada BrigInf contava apenas com o apoio de 1 GBA. Este setor de *Neuve Chapelle* tinha ainda a particularidade de ser aquele em que a fronteira com a primeira linha alemã estava mais próxima (Carvalho, 1921).

O setor de *Ferme du Bois*, o mais a sul, era guarnecido pelo 5º GBA em apoio à 5ª BrigInf. Este Grupo, comandado pelo Tenente-coronel José Pacheco, dispunha de um efetivo de 24 oficiais e 744 praças e era constituído pelas 1ª, 2ª, 4ª e 3ª Baterias, sendo a última a de reserva do setor – Bateria silenciosa (Almeida, 1968).

As Baterias de Artilharia, exceto as silenciosas, estavam ligadas aos BI por meios de comunicação e por oficiais de ligação destacados. Assim, as Baterias de Artilharia estavam à disposição dos BI “para repelir ataques de patrulhas, «raids»<sup>47</sup> ou mesmo bater as linhas inimigas em represália do fogo adverso” (Carvalho, 1921,p.119).

As Baterias silenciosas só podiam fazer fogo sob ordem expressa do comandante do respetivo Grupo, uma vez que atuavam como reserva. No entanto, como veremos no próximo capítulo, este emprego não foi respeitado por algumas destas Baterias na Batalha de *La Lys*<sup>48</sup>.

### 3.3.2. As Comunicações no “setor português”

O sistema de comunicações<sup>49</sup> que neste subcapítulo vamos apresentar tem apenas relevância para o “setor português” onde atuou o CEP até à Batalha de *La Lys*, uma vez que, após este acontecimento, o CEP sofreu grandes alterações, pelo que os seus GBA passaram a ter um emprego diferente, e fora deste setor.

---

<sup>46</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>47</sup> Ações de Infantaria que visavam entrar em território inimigo infringindo-lhe danos, ou fazendo com que este revelasse, permitindo a deteção de posições de metralhadoras ou outras armas.

<sup>48</sup> Na figura 4 do apêndice C, apresentamos uma esquematização da disposição das nossas unidades de Infantaria, metralhadoras, morteiros e Artilharia presentes nesta Batalha.

<sup>49</sup> Através da figura 5 do apêndice D podemos conhecer a disposição das ligações telefónicas entre estas unidades.

A doutrina tática inglesa também influenciou a instalação das ligações telefónicas desde o Comando da Artilharia Divisionária (CAD) até aos BI, passando pelos Grupos, Baterias e postos de observação (Faria,1917).

Explicando, em síntese, este sistema de comunicações, a maioria das ligações telefónicas passava pelos dois centros de comunicações existentes: o posto telegráfico central nº1 (PT1), que assegurava as comunicações entre o Comando de Grupo e as suas Baterias, e entre estas; o posto telegráfico central nº2 (PT2), as comunicações entre postos de observação, Baterias e BI.

Pormenorizando, verificamos que o CAD estava diretamente ligado ao CAP do CEP, ao Comando das Divisões do setor, às Divisões inglesas à sua esquerda e direita, ao Comando dos GBA e ainda ao esquadrão de aviação<sup>50</sup>. Cada Comando de GBA estava, por sua vez, ligado diretamente ao Comando da BrigInf que apoiava, pelo que os oficiais de ligação de Artilharia e Infantaria estavam em permanente contacto<sup>51</sup>.

Os Comandos dos GBA estavam ligados diretamente entre si. Descendo na hierarquia, verificamos que cada Grupo estava ligado através do PT1 às suas Baterias, o que constituía uma importante ligação para a realização do comando e controlo destas unidades, bem como para a condução do tiro. Cada uma das Baterias que compunham o GBA estava ligada pelo PT2 ao posto de observação da respetiva Bateria e também ao das Baterias vizinhas, uma vez que os observadores de cada Bateria deveriam ter capacidade de observar o tiro sobre os setores das Baterias vizinhas. Cada Bateria estava também ligada ao BI que se encontrava no SS que a Bateria apoiava, de forma a receber prontamente indicações destes, apesar da condução do tiro ser da responsabilidade individual do comandante de Bateria<sup>52</sup>.

Assim, infere-se que: as comunicações existentes entre os postos de observação e as Baterias estendiam-se aos dos Comandos dos Grupos, do CAD, e ao Comando das BrigInf; os oficiais de ligação tinham a capacidade de acompanhar todo o processo de execução do tiro, desde o pedido do observador ou da indicação dos BI; as ligações existentes facilitavam o comando e controlo sobre as operações em que as duas Armas, Infantaria e Artilharia, atuavam em estreita ligação.

---

<sup>50</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Plano de defesa da 2ª Divisão do CEP.

<sup>51</sup> PT/AHM/35ª/1ª/1260 – Plano de defesa do CEP

<sup>52</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Plano de defesa da 2ª Divisão do CEP.



### 3.3.3. Posições das Bocas de fogo

A escolha das posições das bf ainda hoje surte preocupações no comando das Baterias, não só por se pretender uma maior panóplia de alcances e direções de tiro mas também para se conseguir obter proteção e sobrevivência no Campo de Batalha. Para tal recorre-se às características do terreno, a fim de dissimular as bf, a sua palamenta, viaturas de apoio, munições e guarnição.

Segundo Almeida (1968, p.56), na 1ªGM “as posições eram escolhidas por forma a obter a maior invisibilidade para o inimigo e a maior proteção contra os bombardeamentos”, para o que eram utilizadas ruínas de edifícios e se construíam também cobertos com redes de camuflagem, sendo as posições ocupadas e preparadas de modo a que as peças e os obuses pudessem sair com facilidade dos abrigos para fazerem fogo em todas as direções (Moreno, 1921).

Inicialmente todas as peças ou obuses da Bateria ficavam na mesma zona de posições. No entanto, com o desenrolar do conflito, percebeu-se a vantagem em colocar algumas bf mais à frente, com vista à execução de “fretes” (“missão geral” que será explicada no Capítulo 5), conseguindo-se, assim, aumentar o campo de tiro e, simultaneamente, conferir proteção às bf que se encontrassem mais à retaguarda, pois tornavam-se mais difíceis de serem referenciadas pelo inimigo<sup>53</sup>. As posições deveriam encontrar-se entre a “linha das Aldeias” e a “linha do Corpo”. Veremos no Capítulo 5 a forma como os GBA passaram a dispor as suas Baterias no terreno.

As bf poderiam estar instaladas ao ar livre ou sobre uma plataforma num abrigo ou, ainda, num abrigo de blindagem mais completa. As bf instaladas ao ar livre estavam cobertas por redes de camuflagem e assentes numa plataforma de tijolo ou terra, revestida com sacos de terra para proteção do pessoal; quando assentes sobre uma plataforma num abrigo, eram protegidas por chapas revestidas com sacos de terra camuflados com relva e musgo<sup>54</sup>; a instalação num abrigo de blindagem era a que conferia melhor proteção<sup>55</sup>, pois tais abrigos eram construídos com barrotes fortes e cobertos com dormentes de madeira ou com tijolos e pedras soltas, e no seu interior era também construído um túnel com chapas

---

<sup>53</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Ver figuras 26 e 27 em anexo G.

de ferro, revestido com sacos de terra, com a forma de paralelepípedo, “ficando a parte superior 30 a 40 centímetros abaixo do tecto, para formar uma câmara de ar destinada a evitar que os estilhaços dos projecteis, que caíssem sobre o abrigo, atravessassem o túnel interior (*abrigos elefantes*)” (Almeida, 1968, p.56). Quanto aos abrigos para munições, as suas paredes eram resistentes e as munições armazenadas em prateleiras de madeira, junto da posição da bf, mas a uma distância que conferisse proteção à guarnição, caso o abrigo fosse batido pelo inimigo<sup>56</sup>.

As posições das bf deveriam ser protegidas por obstáculos de arame farpado contra um possível assalto inimigo, quer na sua frente, quer nos seus flancos, para minimizar os efeitos de ataques inimigos<sup>57</sup>. Deveriam, ainda, estar colocadas em bosques ou envolvidas por vegetação densa ou dentro de casas ou de ruínas, optando-se sempre que possível por esta colocação. Em suma, as bf encontravam-se em locais de fácil dissimulação, onde fosse possível conferir proteção individual às peças de Artilharia, às munições, aos postos telefónicos e ao oficial de serviço, havendo sempre o cuidado em melhorar as posições e em camuflar os caminhos<sup>58</sup> junto às posições das Baterias, para evitar o reconhecimento por aeronaves inimigas<sup>59</sup>. Estas posições deveriam possibilitar o tiro em toda a frente e profundidade do setor e conferir ao mesmo tempo proteção contra os fogos e vistas do inimigo<sup>60</sup>.

As indicações<sup>61</sup> para as Baterias relativamente às posições das suas bf revelam que estas “deveriam ter os maiores setores de tiro possíveis”, pelo que os abrigos deveriam, por sua vez, permitir que as peças ou obuses pudessem ser “puxados para fora para de seguida fazerem fogo em qualquer direção”<sup>62</sup>. Porém, e de acordo com Almeida (1968), o reforço de abrigos com sacos de terra poderia não permitir a movimentação das bf para o exterior através da retaguarda. As bf, se situadas a menos de 2800 metros da “1.ª linha de defesa”, deveriam ser guarnecidas com arame farpado; quando na situação de “reforço”, deveriam encontrar-se à retaguarda das linhas de defesa já preparadas ou planeadas.

As Baterias tinham ainda indicações para estudar e preparar posições a ocupar eventualmente por um Grupo de Artilharia do Exército Britânico<sup>63</sup>.

---

<sup>56</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>57</sup> PT/AHM/1ª/35ª/2230 – Posições de defesa de Artilharia.

<sup>58</sup> Estes caminhos de acesso deveriam ser estradas transitáveis.

<sup>59</sup> PT/AHM/1ª/35ª/511 – Instruções para a Divisão na ofensiva.

<sup>60</sup> PT/AHM/1ª/35ª/199/1 – Posições das Baterias.

<sup>61</sup> PT/AHM/1ª/35ª/2230 – Posições de defesa de Artilharia.

<sup>62</sup> Idem.

<sup>63</sup> PT/AHM/1ª/35ª/511 – Instruções para a Divisão na ofensiva.

## Capítulo 4

### O Kaiserschalt

Em 21 de março de 1918 rompeu a última grande ofensiva alemã respeitante à 1ªGM, o *Kaiserschalt*, também conhecida por “ofensiva do *Kaiser*”. Porém, o emprego dos GBA, objeto do nosso estudo, só foi diretamente afetado por esta ofensiva a partir de 9 de abril desse ano, data da Batalha de *La Lys*, sendo que, desde aí, o emprego de todas as forças portuguesas diminuiu até ao final deste conflito. Abordaremos também neste Capítulo acontecimentos anteriores àquela Batalha que se revelem pertinentes.

#### 4.1. A ofensiva da Primavera

As revoluções bolcheviques<sup>64</sup> retiraram o pesadelo das duas frentes de combate à Alemanha, que já tinha derrotado a Sérvia, em 1915, a Roménia, em 1916, e rompido a frente Italiana, em outubro de 1917, pelo que as potências centrais<sup>65</sup> podiam então concentrar os seus esforços na sua frente oeste. Assim, a 21 de março de 1918, a Alemanha deu início à sua última grande ofensiva – “*Kaiserschalt*”, que visava romper as trincheiras da “Tríplice *Entent*” em *St Quentin na região do Somme*<sup>66</sup>, aquela cujo solo secaria mais rapidamente com a chegada da primavera e onde atuava o 5º Exército Britânico, que apresentava fracas defesas, fatores que precipitaram o início desta ofensiva (Strong & Marble, 2011).

Esta ofensiva foi pensada por Erich Ludendorff<sup>67</sup> (1865-1937), com o objetivo de obter a vitória na guerra, evitando que o exército americano pudesse entrar em território europeu para reforçar as tropas inimigas, já desgastadas (Gray, 1991). O seu plano contemplava 2 fases: “1º- fazer uma brecha profunda entre os exércitos Francês e Inglês e tomar Amiens; 2º- prosseguir com ofensivas divergentes e, por um lado, esmagar o

---

<sup>64</sup> A primeira em março de 1917, e a segunda em outubro do mesmo ano.

<sup>65</sup> Império Alemão, Império Austro-húngaro, Império Otomano e Bulgária.

<sup>66</sup> Ver figura 19 do anexo E. Localiza-se junto à sinalização do 3º Exército, Comandado pelo General Byng.

<sup>67</sup> General Alemão, comandante da frente oeste alemã em 1918.

exército Inglês impelindo-o sobre o litoral e, por outro lado, procurar o caminho de Paris pelo Oise, torneando o Exército Francês” (Martins, 1938 b, p.102). Para tal, planeou 4 operações distintas, a realizar em locais diferentes da sua frente oeste, denominadas: *Michael*, *Georgette*, *Blucher-yorck* e *Gneisenau*.

A operação *Michael* marca o arranque desta grande ofensiva alemã, a 21 de março de 1918. Pelas 04h40 deste dia uma frente de cerca de 70 quilómetros alemã abriu fogo sobre as posições aliadas, disparando em 5 horas cerca de 1.160.000 granadas de Artilharia (Gray, 1991).

Em 9 de abril de 1918, o Império Alemão deu início à operação *Georgette*, que se prolongou até dia 29 do mesmo mês, com a Batalha de *La Lys* – “Depois de quatro horas e meia desta violenta preparação de artilharia, às 8 horas e 45 minutos precisas, a Infantaria alemã lançou-se ao ataque” (Carvalho, 1921, p.170). Interessa, em particular para este TIA, a operação *Georgette*, visto ter afetado diretamente as tropas portuguesas do CEP, que defendiam parte da região de *Armèntieres*.

As restantes duas operações incidiram sobre regiões mais a sul, longe das posições defendidas pelas tropas portuguesas. A operação *Blucher-yorck* decorreu entre 27 de maio e 4 de junho de 1918 e a operação *Gneisenau* entre 9 e 14 de junho do mesmo ano. Segundo Gray (1991), existiu uma 5ª operação – *Marne-Remis*, que terá ocorrido entre 15 e 17 de julho de 1918.

#### **4.2. Operação *Georgette***

A 9 de abril de 1918, arranca por parte do Império alemão a 2ª operação do *Kaiserschlacht*, com um ataque sobre o 5º Exército inglês que, como vimos, possuía o CEP, que na altura atuava apenas com uma Divisão na frente de combate. Devido à 2ª Batalha do *Somme*, em 21 de março desse ano, “o Alto Comando Britânico transferiu tropas do 1º Exército da vizinhança de *Armentières* para o *Somme*” (Henriques & Leitão, 2001, p.42), deixando assim a região onde atuava o CEP menos guarnecida.

Esta operação, “concebida pelo general Ludendorff para retomar a cidade de *Ypres* e abrir caminho até Calais e Boulogne” (Mota, 2006, p. 82), deveria ter-se iniciado em 2 de abril, no entanto, um dia antes, o comando alemão decidiu adiar o seu início para a noite de 8 desse mês. O desgaste das tropas alemãs, bem como o empenhamento das suas reservas na operação *Michael* terão conduzido a este adiamento. (Henriques & Leitão, 2001).

“Segundo as diretivas emitidas, o esforço principal seria dirigido em direção a noroeste, para *Hazebrouck*, atravessando o rio *La Lys* em *La Gource* e com guardas de flanco, face ao sul, no Canal de *La Bassée*. A brecha resultante no sector português deveria ser alargada para norte em direção a *Armentières*, de modo a obrigar os britânicos a recuar, e explorar o sucesso obtido” (Henriques & Leitão 2001, p.143) E assim alcançar o canal da mancha. Era intenção dos alemães aproveitar a pouca experiência das tropas portuguesas, bem como o seu desgaste físico e moral (Carvalho, 1921).

Para este ataque as tropas alemãs dispunham de um total de 21 Divisões, 4 das quais, com um total de cerca de 50000 militares, empenhadas em 1º escalão contra o “setor português”, e outras 6 Divisões em apoio. Estas forças, pertencentes aos XIX e LV CE alemães, tinham como objetivos: atravessar o rio *Lys* em *Sailly-Estaires-La Gource* e continuar para *Steenvoord*; passar o rio *Lys* em *Merville* “e avançar para *Calonne* e depois com a ala direita conquistar *Hazebrouck* e com a esquerda seguir para *Aire* e *Robecq*”<sup>68</sup> (Henriques & Leitão, 2001, p.43).

Esta ofensiva terminou em 29 de abril de 1918, sem o sucesso esperado pelos alemães. As baixas (mortos, feridos e prisioneiros) provocadas por esta operação rondam os 76000 homens nas tropas britânicas, 35000 nas tropas francesas, 7000 nas tropas portuguesas e 109000 nas tropas alemãs (Afonso & Gomes, 2004).

#### **4.2.1. O avanço das forças Alemãs**

Na véspera da Batalha de *La Lys* o setor da frente alemão era guarnecido por 5 Divisões, no entanto para o ataque foram utilizadas 7 em primeira linha e 5 em apoio, contra apenas 3 Divisões, a 2ª Portuguesa, ao centro, e as 40ª e 55ª britânicas, nos flancos, estando ainda 3 em reserva, a 1ª Portuguesa e as 50ª e 51ª britânicas (Carvalho, 1921).

As Divisões<sup>69</sup> atacantes se por um lado eram experientes por já terem estado em combate, nomeadamente a 21 de março, por outro lado estavam cansadas, e com baixas causadas na Batalha do *Somme*, tendo falta de efetivos na ordem de 4000 a 5000 homens por Divisão (Carvalho, 1921).

---

<sup>68</sup> Ver figura 20 em anexo E.

<sup>69</sup> Na tabela 7 do anexo D podemos ver a composição de uma Divisão alemã.

---

O avanço alemão<sup>70</sup> deu-se pelo setor ocupado pela 2ª Divisão portuguesa, que foi ultrapassada com alguma facilidade, sendo que, pelas 09h30 do dia 9 de abril, as forças de Infantaria portuguesas já se encontravam retiradas na linha «C», sem a possibilidade de efetuar contra-ataques para repelir as tropas alemãs (Carvalho, 1921).

Antecedendo este avanço, a Artilharia alemã executara uma preparação entre as 20h30 do dia 8 e as 01h00 do dia 9 de abril, “lentamente e com intermitências, a nossa retaguarda e as posições das Baterias, em rajadas de 4 a 5 minutos com intervalos de 10 a 15 minutos” (Almeida, 1968, p.111). Às 04h15 do dia 9 de abril as forças alemãs iniciaram o ataque (Malheiro, 1919), “com um violentíssimo bombardeamento em toda a frente, desde *Armentières* até *Béthune*, sobre as 1ª e 2ª linhas, posições de Artilharia e comandos”. (Almeida, 1968, p.111). De facto esta preparação não mereceu a devida importância por parte das tropas portuguesas, que consideraram que o tiro que as batia era executado apenas por uma Bateria alemã a realizar uma “simples represália á recente **acção** de conjunto das nossas baterias” (Moreno, 1921, p.63).

O fogo inimigo incidiu sobre as posições das Baterias de Artilharia, Baterias de morteiros e principais postos de comando, até às 06h15. De seguida, até às 08h45, foi feito tiro de contrabateria e fogo sobre as linhas da nossa Infantaria (Martins, 1934 b). Poucos minutos antes do avanço da Infantaria alemã foi executada uma “barragem, muito violenta, incidiu sobre a nossa 1ª linha para, em seguida, ser deslocada 50 em 50 metros por períodos de 4 minutos” (Almeida, 1968, p.112). Esta barragem serviu de escudo à Infantaria alemã, que conhecia bem o “setor português”, dado o carácter estático em que se combatia (Martins, 1934 b).

Desde o momento em que a Infantaria alemã lançou o assalto a partir das suas trincheiras até atingir a *Linha «C»* decorreram menos de 2 horas, e a partir desta linha de defesa o avanço alemão torna-se mais difícil, dadas as condições do terreno desfavoráveis para o transporte da Artilharia alemã para a frente e dos núcleos de Infantaria armados com metralhadoras (Almeida, 1968).

Devido ao sistema de defesa britânico, que constituiu flancos defensivos nos seus setores adjacentes ao “setor português” e ao recuo das suas forças de Infantaria, as tropas alemãs foram obrigadas a concentrar, com sucesso, o seu deslocamento pelo “setor português” (Martins, 1934 b), obrigando algumas tropas de Infantaria portuguesas, quando

---

<sup>70</sup> A figura 24 do anexo E mostra o terreno ocupado pelas forças alemãs no 1º dia da Batalha.

retiravam da frente, a juntarem-se a forças britânicas e a combater ao seu lado, (Almeida, 1968).

A inutilização das comunicações condicionou a transmissão de notícias e de informações entre os escalões presentes em combate. Apesar de já existirem postos de transmissão sem fios (TSF) estes também foram atingidos por granadas de Artilharia, reduzindo drasticamente os meios de comunicação no setor (Martins, 1934 a).

Algumas Baterias dos GBA, para além da dificuldade em comunicar por meios filares, tiveram também dificuldade em ver os sinais luminosos disparados pela Infantaria portuguesa, dado o intenso nevoeiro que se sentiu durante a manhã do dia 9 de abril de 1918, “dos mais densos que naquela região foram vistos, – veio prolongar indefinidamente as trevas da noite, e contribuir poderosamente para o êxito da majestosa operação que os alemães planearam e estavam executando, com mais esse valioso e inesperado auxiliar” (Martins, 1934 b, p.36).

#### **4.3. O emprego dos GBA na Batalha de La Lys**

As unidades presentes em todo o “setor português” tiveram bastantes dificuldades em perceber a situação vivida na madrugada do dia 8 de abril de 1918. De forma a esclarecer a situação na frente, o CAD tentava comunicar com as Baterias dos GBA para que não respondessem ao fogo da Artilharia alemã. No entanto, o bombardeamento inimigo cortou a maioria das comunicações, impossibilitando-o de comunicar com sucesso. Assim, as comunicações ficaram cortadas, na sua maioria, a partir das 04h30 sem nunca terem sido restabelecidas (Mota, 2006), imprevisto que o CAD tentou contornar com o envio de ordenanças às Baterias para que estas recebessem as ordens de alto ao fogo que aquele comando pretendia transmitir, mas nem todas conseguiram chegar às Posições das Baterias, dado o mau estado do terreno provocado pelo bombardeamento (Carvalho, 1921). Alguns comandos<sup>71</sup> de Grupo ou de Bateria que conseguiram manter comunicação com os BI pensaram que os pedidos de alto ao fogo pudessem ter sido realizados por tropas alemãs que capturassem as sedes dos postos de comando dos Batalhões e, conhecendo os sinais e procedimentos de comunicação portugueses, enganassem as Baterias e Grupos no sentido

---

<sup>71</sup> No quadro 7 do apêndice F podemos ver o nome e posto de todos os comandantes de Grupo e de Bateria presentes nesta Batalha.

---

de não efetuarem fogo, com vista ao deslocamento da Infantaria alemã não ser prejudicado<sup>72</sup>.

Apesar da confusão que pairava em todo o setor, a indicação do CEP às Baterias, para deter um ataque noturno ou com nevoeiro ou com gás, consistia em que estas abrissem prontamente fogo, devendo cada bf efetuar tiro de SOS<sup>73</sup> sobre o setor que lhes estava atribuído, caso não estivessem empenhadas noutra missão<sup>74</sup>. Porém, como adiante veremos, nem todas as Baterias cumpriram esta indicação.

Durante as primeiras 3 horas de bombardeamento, que antecedeu o avanço da Infantaria alemã, os comandantes dos BI portugueses pensaram que o fogo intenso de que eram alvo cessaria em breve e que o mesmo não passava de uma represália em resposta ao tiro executado anteriormente pela nossa Artilharia. Como a situação começou a tornar-se preocupante por o fogo inimigo não cessar, os Batalhões passaram a lançar foguetes luminosos de forma a pedir às Baterias que os apoiavam a execução tiro de SOS sobre o setor alemão à sua frente, mas o nevoeiro intenso dificultava o avistamento dos foguetes por parte das ordenanças das Baterias (Moreno, 1921). “E o nevoeiro intenso mantinha-se, teimosamente impenetrável, não deixando descortinar coisa, alguma, mesmo às pequenas distâncias!” (Martins, 1934 b, p.37).

Para conferir o apoio continuo à Infantaria através da realização de barragens para deter o avanço das tropas inimigas, as Baterias executavam tiro sem poder proceder a grandes alterações aos elementos de tiro, pois não conheciam a situação na frente, conhecimento que só passaram a ter a partir das notícias dadas pelas tropas de Infantaria portuguesa, quando estas retiravam desorganizadamente face ao avanço da Infantaria alemã por todo o setor, permitindo que as Baterias alterassem o tiro, encurtando os seus elementos, para bater o inimigo com segurança para as nossas tropas, mas tais alterações eram efetuadas “a palpite e sempre com receio de atingir a nossa Infantaria” (Almeida, 1968, p. 189).

Não foi possível remuniciar todas as Baterias dos GBA, sobretudo pela dificuldade em efetuar deslocamentos por estradas destruídas pelo bombardeamento inimigo. Por outro lado, a intensidade destes bombardeamentos assustava o gado que funcionava como meio trator das viaturas de transporte de munições (Martins, 1995). A dotação das bf era de 450 tiros por peça e 350 por obus (Carvalho, 1921, p.120).

---

<sup>72</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>73</sup> Save Our Souls, que veremos em particular no Capítulo 5.

<sup>74</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1. GBA pelo Coronel Neves e Castro.



Como veremos, apenas a 2ª Bateria do 1º GBA conseguiu retirar com todo o seu material, pelo que, lhe foi depois atribuída a missão de reconhecer outras posições e entrar em posição para fazer tiro (Almeida, 1968).

Apesar de todas estas dificuldades sentidas pelas Baterias dos GBA, é notório o seu envolvimento na defesa do setor, pois conferiu o apoio possível à Infantaria ao dificultar o avanço da Infantaria alemã.

#### **4.3.1. O desempenho do 6º GBA na Batalha de *La Lys***

O 6º GBA<sup>75</sup> era o Grupo que se encontrava mais a norte de todo o “setor português” e que teve, a partir das 04h00, as comunicações cortadas com a 4ª BrigInf, que apoiava (Martins, 1995). Retirou para a retaguarda às 11h50 (Almeida, 1968).

A 2ª Bateria, apesar de pertencer a este Grupo, estava posicionada no setor da 40ª Divisão britânica, pelo que, por volta das 08h00, passou a apoiar, para além do BI nº 8 (Martins, 1995), um Batalhão da 119ª BigInf britânica pertencente à 40ª Divisão britânica, a pedido dessa Brigada. Esta Bateria fez fogo até acabarem as munições existentes, tendo sido capturada pelos alemães às 10h30 (Almeida, 1968).

A 3ª Bateria, por não ter recebido informações do escalão superior, só abriu fogo pelas 10h45 e após ter recebido indicações da Infantaria portuguesa, que retirava da frente, sobre a proximidade das metralhadoras alemãs, sendo de seguida capturada pelas tropas inimigas (Almeida, 1968).

A 4ª Bateria executou “fogo lento (1 tiro por cada obus, de 5 em 5 minutos), até tomar conhecimento da situação” (Almeida, 1968, p.125), interrompendo-o, pelas 07h15, quando gastou 100 munições, de um total de 280 de que estava dotada. O fogo foi retomado, a partir do momento em que praças do BI nº 29, em retirada, passavam pela Bateria, e com a cadência de 1 tiro por minuto por bf até às 10h45, quando acabaram as últimas munições, tendo retirado pelas 11h00, por não ter sido remuniçada, deixando as suas bf inutilizadas na posição (Martins, 1995).

A 1ª Bateria, a de reserva, encontrava-se mais à retaguarda que as restantes, junto à estrada de *La Basse Road*, sendo a sua posição conhecida pelas tropas alemãs (Almeida,

---

<sup>75</sup> A figura 8 do apêndice H mostra as posições de cada Bateria do Grupo.

1968). O comandante desta Bateria morreu durante esta Batalha não tendo realizado o relatório, e assim não existe informação particular sobre esta Bateria.

#### 4.3.2. O desempenho do 2º GBA na Batalha de *La Lys*

Localizado no setor do centro – *Neuve Chapelle* – juntamente com o 1ºGBA, o 2º GBA<sup>76</sup> dispôs as 3 Baterias de apoio aos BI paralelas entre si. Apesar de este Grupo ter as suas comunicações filares e por TSF interrompidas com todas as suas Baterias, excetuando a 4ª, conseguiu, com recurso a outros meios, que estas recebessem indicações para continuarem o fogo, mas com pequena velocidade de forma a poupar munições (Martins, 1995). Pelas 11h30 iniciou a retirada que concluiu pelas 13h00 (Almeida, 1968).

A 1ª Bateria, que foi batida pelo inimigo entre as 20h30 do dia 8 até às 01h00 de dia 9, executou fogo a partir das 04h45 por iniciativa do seu comandante, e foi remuniçada às 08h15 (Martins, 1995). Duas horas depois, por informação de um capitão do BI do SS II de *Neuve Chapelle*, que retirava da frente, encurtou o tiro para a 2ª linha de defesa, onde já se encontravam tropas alemãs. Retirou às 10h45, devido à proximidade das metralhadoras inimigas, deixando as bf inutilizadas na posição (Almeida, 1968).

A 4ª Bateria, dada a impossibilidade de comunicar com o Comando de Grupo desde o início da preparação alemã, executou fogo de SOS. Pelas 10h00 as munições esgotaram-se, mas manteve-se em posição, sem ter sido remuniçada, até às 12h45, tentando reestabelecer as comunicações, sem sucesso, e foi capturada por forças alemãs (Almeida, 1968).

A 2ª Bateria, que se encontrava mais a sul, iniciou fogo de SOS a partir das 04h45, foi remuniçada pelas 08h15, e continuou o fogo até 11h45. 10 minutos depois abandonou a posição sem o seu material, dada a proximidade das metralhadoras alemãs (Almeida, 1968), e porque praças de Infantaria portuguesa, em retirada da frente, passavam pela posição da Bateria (Martins, 1995).

A 3ª Bateria, a de reserva, encontrava-se ligeiramente à retaguarda das restantes Baterias do Grupo. Iniciou o fogo de SOS pelas 04h30 e, apesar de ter sido remuniçada pelas 09h30, reduziu a cadência de fogo a partir das 10h00 (Almeida, 1968), tendo retirado uma hora mais tarde e deixado as suas peças inutilizadas na posição (Martins, 1995).

---

<sup>76</sup> A figura 9 do apêndice H mostra as posições de cada Bateria do Grupo.

#### 4.3.3. O desempenho do 1º GBA na Batalha de *La Lys*

A sede do Comando do 1º GBA<sup>77</sup>, devido a uma munição inimiga que caiu no seu pátio às 04h15, ficou sem comunicações com as suas Baterias (Almeida, 1968), mas manteve as comunicações com o BI do SS da direita que apoiava, com o CAD e com o 2º e 5º GBA. Retirou aproximadamente às 14h15 devido às informações de militares que retiravam da frente e da proximidade das metralhadoras alemãs<sup>78</sup>.

A 1ª Bateria, para além da impossibilidade de efetuar comunicações com as restantes forças, não conseguia ver os foguetes luminosos lançados pela nossa Infantaria, dado o intenso nevoeiro que a envolvia. Fez fogo até às 11h15, disparando 3000 granadas de Artilharia, e retirou, de seguida, para a retaguarda, deixando inutilizadas as bf na posição (Almeida, 1968).

A 4ª Bateria iniciou o fogo a partir das 04h30, que prolongou, apesar de não ter sido remuniçada, até às 11h30, disparando o total de 1300 granadas de Artilharia. O pessoal da Bateria retirou sem as bf (Almeida, 1968). Esta Bateria teve as suas comunicações cortadas desde o início do bombardeamento inimigo (Martins, 1995).

A 3ª Bateria, a que se encontrava mais a sul de todo o Grupo, teve as suas comunicações cortadas a partir das 04h15 e efetuou uma barragem sobre a 1ª linha com a cadência de 1 tiro por peça por minuto<sup>79</sup>. Sem ter sido remuniçada, e com as metralhadoras alemãs próximas, inutilizou as suas peças a partir das 11h00 (Almeida, 1968), retirando uma hora depois, sem o seu material, juntamente com tropas de Infantaria portuguesa que encontraram esta posição (Martins, 1995).

A 2ª Bateria era a que estava mais a norte e mais à retaguarda de todo o Grupo, constituindo a sua Bateria de reserva. Esta Bateria teve as suas comunicações telegráficas cortadas pelas 06h30, devido a uma granada que caiu sobre o abrigo das munições (Martins, 1995). Executou tiro sobre a 1ª linha do setor, a partir das 11h00, e “sobre a *linha das Aldeias* desde *Richebourg-St. Vaast* até à estrada de *La Bassée*” (Almeida, 1968,

---

<sup>77</sup> A figura 10 do apêndice H mostra as posições de cada Bateria do Grupo.

<sup>78</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>79</sup> Idem.

p.128), a partir das 12h00, tendo retirado pelas 13h15, dada a proximidade do inimigo, mas foi a única Bateria da Divisão que conseguiu salvar o seu material<sup>80</sup>.

#### 4.3.4. O desempenho do 5º GBA na Batalha de *La Lys*

O 5º GBA<sup>81</sup>, localizado mais a sul, conseguiu manter as comunicações apenas com o 1º GBA e com o CAD. Porém, através de ordenanças, conseguiu enviar algumas indicações às suas Baterias e tentou ainda estabelecer ligação, sem sucesso, com a Artilharia da 55ª Divisão inglesa. Pelas 12h30 mudou de posição para junto da 1ª Bateria<sup>82</sup>, mas, às 16h00, recebeu indicação do CAD para retirar e seguir para *Calonne-Sur-La Lys* (Almeida, 1968).

A 2ª Bateria era, de todo o Grupo, a que se encontrava mais perto da frente. Pelas 07h00, recebeu do comando do Grupo ordem para fazer alto ao fogo e para enviar ordenanças aos BI, tendo decidido, como estas não regressaram, retomar o fogo de SOS até às 09h00 (Almeida, 1968). Pelas 12h00, esta Bateria retirou, devido aos relatos de praças de Infantaria portuguesa que davam conta da proximidade de tropas alemãs (Martins, 1995), deixando o seu material inutilizado<sup>83</sup> (Almeida, 1968).

A 1ª Bateria, pelas 04h30, recebeu um pedido de SOS ao qual respondeu favoravelmente, executando tiro até às 08h15, hora em que foi interrompido por indicação do BI da direita, retomando-o às 09h00 para bater a 3ª linha de defesa do setor onde já se encontravam forças inimigas (Martins, 1995), e pelas 12h00 executava tiro com uma cadência de 20 a 25 tiros por minuto, que só cessou com a captura do seu material e dos seus homens pelas tropas alemãs, que os cercavam (Almeida, 1968), podendo assim ter executado tiro direto sobre o inimigo. Esta Bateria consumiu cerca de 9000 munições de Artilharia e foi remuniçada pelas 10h00, aproximadamente (Almeida, 1968).

A 4ª Bateria, a mais a sul de todo o “setor português”, iniciou o fogo a partir das 04h30, mantendo-o por 5 horas. Pelas 11h00, as tropas alemãs encontravam-se junto da sua posição, impossibilitando a sua retirada e a inutilização do seu material (Almeida, 1968).

---

<sup>80</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>81</sup> A figura 11 do apêndice H mostra as posições de cada Bateria do Grupo.

<sup>82</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/15 – Monografia do 5º Grupo de Baterias de Artilharia, pelo Tenente Seixas Gomes.

<sup>83</sup> As informações dos autores estudados, Almeida (1968) e Martins (1995), acerca do remuniçamento, são contraditórias, pelo que não é possível referir, com clareza, se esta Bateria foi ou não remuniçada.

A 3ª Bateria, sem comunicações desde o início da preparação alemã e como era a Bateria de reserva do Grupo, não teve indicações para fazer fogo, mantendo-se assim silenciosa. Pelas 10h30, o comandante da Bateria decidiu ir com outros oficiais obter informações ao Comando do Grupo, deixando o comando ao oficial-de-dia que, face às notícias dadas por praças de diversos BI portugueses que retiravam, decidiu inutilizar o material e retirar a Bateria depois das 11h00 (Almeida, 1968). Segundo Martins (1995), por esta hora as forças alemãs já se encontravam junto da Linha «B».

#### 4.4. O emprego do 4º GBA depois da Batalha de *La Lys*

Depois da Batalha de *La Lys* as tropas portuguesas ficaram à retaguarda em trabalhos de defesa, isto é, na construção de novas trincheiras para deter o avanço das tropas alemãs, condicionando assim o emprego do CEP em operações de cariz militar (Valdez, 1923). Esta Batalha provocou profundas mudanças na organização do CEP e, consequentemente, na sua Artilharia, em particular na da 2ª Divisão, que perdeu grande parte do seu material e pessoal. Em contrapartida, a 1ª Divisão possibilitou através do 4º GBA o emprego de Artilharia ligeira até ao final do conflito, tendo recebido, para ser re completado, gado e pessoal oriundos dos 3º e 5º GBA.

Este Grupo “estava subordinado para efeitos táticos e técnicos ao comando inglês da Artilharia da 11ª divisão que fazia parte das tropas do XI corpo [1º Exército britânico], que ocupava as posições na frente *Lens-La-Bassée*” (Marques, 1919). Esteve, entre 30 de abril e 14 de setembro de 1918, em posição na povoação de *Vermelles*, na região de *Lens*, num setor com o nome de *St. Elie*<sup>84</sup>, em apoio a uma BrigInf inglesa, em frente ao setor alemão de *Auchy-La Bassée*. A partir de 3 de maio desse ano, o 4º GBA passou a ter a “responsabilidade do sector, que lhe foi entregue pelo 58th Group da R.F.A. (Royal Field Artillery), ficando, [como dissemos], dependente, para efeitos táticos, desta ultima unidade, que passou a ter, apenas, a missão de reforço” (Valdez, 1923, p.69).

O 4º GBA dispunha inicialmente de 3 Baterias, a 1ª e a 3ª, com peças de 7,5 cm TR e a 4ª, com obuses de 11,4 cm, juntando-se-lhes, em 27 de maio de 1918, a 2ª Bateria com peças 7,5 cm TR, perfazendo assim 4 Baterias no Grupo (Valdez, 1923). Cada Bateria dispunha de 4 bf, fossem peças ou obuses (Almeida, 1968).

---

<sup>84</sup> Ver figura 23 do Anexo E.

Durante a sua permanência de aproximadamente 4 meses e meio nesta frente, o 4º GBA gastou cerca de 72000 granadas de Artilharia (Almeida, 1968), e foi alvo, de forma intensa, de fogo de contrabateria alemã, de diversos calibres, e, principalmente, de granadas de gás, o que obrigava a um cuidado especial na construção e reconstrução dos abrigos, de modo a coloca-los à prova de estilhaços e do efeito dos gases das granadas. Estes abrigos eram semelhantes aos do antigo “setor português”, referidos no Capítulo 3 deste trabalho, e foram reforçados e escondidos das vistas do inimigo e dos seus aeroplanos, e existiam na generalidade das posições abrigos subterrâneos, estando estes protegidos contra as granadas de gás por “meio de cortinas duplas embebidas em hipossulfito de sódio” (Valdez, 1923, p.72).

Havia indicações do comando inglês para a execução, por parte das Baterias do 4º GBA, de reconhecimentos à retaguarda deste novo setor, no sentido de identificar posições futuras, caso o setor fosse alvo de um grande ataque, similar ao de 9 de abril. Apesar desta preocupação e da realização de testes quanto ao tempo de retirada do material e pessoal, os comandantes de Bateria sabiam que, em caso de um ataque de tal escala, não haveria tempo para retirar com o material. No entanto, o emprego deste Grupo, quer no período delimitado neste trabalho quer em toda a sua presença na frente, ocorreu sobretudo em operações ofensivas, motivadas pelo “espírito ofensivo das tropas inglesas neste setor” (Valdez, 1923, p.75). Através da análise das ordens de serviço em campanha do 4º GBA, verificamos um aumento considerável do efetivo e do material por todas as Baterias deste Grupo, entre maio e junho<sup>85</sup>.

De todos os bombardeamentos de que o 4º GBA foi alvo, durante o período do *Kaiserschalt*, destacam-se os ocorridos a 1 de maio, por a 4ª Bateria ser sido alvo de contrabateria com granadas de gás, e entre 18 e 31 de maio, por a 3ª Bateria deste Grupo ter tido uma peça destruída (Almeida, 1968). Em 9 de maio, esperava-se o início de uma operação ofensiva alemã, que não se realizou devido ao fogo intenso realizado pela Artilharia inglesa e pela do 4º GBA. Durante o tempo de permanência neste setor, o Grupo apenas recebeu um pedido de SOS da Infantaria inglesa, a 14 de setembro (Valdez, 1923), portanto já fora do período delimitado para este trabalho.

---

<sup>85</sup> PT/AHM/1ª/35ª/458/4 – Ordem de serviço do 4º Grupo de Baterias de Artilharia.

#### 4.5. Análise do impacto da ofensiva alemã nas Baterias dos GBA

Se efetuarmos uma comparação entre a disposição<sup>86</sup> das Baterias dos GBA durante a Batalha de *La Lys* e a informação<sup>87</sup> sobre a captura/retirada verificamos que o avanço das tropas alemãs não foi uniforme e que se efetuou em primeiro lugar pelo norte do “setor português”, isto é, no setor de *Fauquissart*, e pelo norte do setor de *Neuve Chapelle* atingindo as Baterias que se encontravam nestes locais: a 2ª Bateria do 6º GBA, a 4ª Bateria do 2º GBA e a 3ª Bateria do 6º GBA, estas 3 capturadas, por esta ordem, entre as 10H00 e as 10H45 da manhã de 9 de abril; a 4ª Bateria do 6º GBA e a 1ª Bateria do 2º GBA, sendo que ambas ocupavam posições vizinhas e retiraram em função da proximidade do inimigo. Assim, podemos sustentar que o avanço das tropas alemãs, pelo “setor português”, se deu inicialmente no norte.

Na ausência de um padrão de retirada ou captura das restantes Baterias dos GBA que também se encontravam no “setor português”, e que ocorreu em horas e locais tão próximos, não é possível estabelecer a lógica que presidiu ao avanço das forças inimigas. Podemos, porém, constatar que, à exceção de uma que foi capturada, todas estas Baterias conseguiram retirar, com ou sem material, o que permite concluir que conseguiram dar uma outra resposta à ofensiva alemã, apesar da sua surpresa. Como já referimos neste Capítulo, apenas a 2ª Bateria do 1º GBA conseguiu retirar com o seu material, e, assim, terá salvado, no máximo, 18 peças 7,5 cm TR e 4 obuses 11,4 cm (Moreno, 1921), das 88 bf que constituíam a Artilharia da 2ª Divisão do CEP (Valdez, 1923), nessa data. Importa referir que esta é de todas as Baterias dos GBA aquela que se encontra mais distante das primeiras linhas de defesa<sup>88</sup>, logo mais à retaguarda.

O estudo<sup>89</sup> efetuado sobre a situação das Baterias dos GBA na Batalha de *La Lys*, retrata a hora a que cada uma retirou ou foi capturada, se foram ou não remuniçadas e o estado final do seu material, permitindo-nos perceber que 62,5% das Baterias conseguiram retirar e 31,25% foram capturadas (não existe informação acerca da 1ª Bateria do 6º GBA, que corresponde a 6,25% das Baterias). Das Baterias que conseguiram retirar 10% conseguiram fazê-lo com o seu material, 50% deixou o seu material inutilizado nas posições e 40% deixaram-no em estado operacional nas posições. 62,5% das Baterias

---

<sup>86</sup> Presente nas figuras 6 e 7 do apêndice G.

<sup>87</sup> Consultar quadro 1 do apêndice A.

<sup>88</sup> Conforme se pode visualizar através quadro 1 do apêndice A.

<sup>89</sup> Consultar quadros 2, 3, 4, e 5 do apêndice A.

foram remuniadas enquanto 25 % não. 12,5 % das Baterias apresentam dados inconclusivos quanto a este aspeto<sup>90</sup>.

O emprego do 4º GBA depois de 9 de abril, como única unidade de Artilharia, em reforço de uma BrigInf inglesa presente na frente, corresponde a 12,5% dos Grupos inicialmente constituídos.

---

<sup>90</sup> Todos estes dados encontram-se nas figuras 1, 2 e 3 do apêndice B.



## **Capítulo 5**

### **A Tática de Artilharia**

A 1ªGM conduziu a grandes mudanças na doutrina tática utilizada pelos exércitos intervenientes, principalmente provocadas pela estabilização das frentes em finais de 1914<sup>91</sup>, que obrigou os beligerantes a adaptarem a tática do movimento à tática das trincheiras, com a qual a generalidade dos países europeus não estava familiarizada, pois os grandes conflitos em que houve necessidade de recorrer a trincheiras ocorreram fora da Europa, no final da Guerra Civil Americana (1861-1865) e na Guerra Russo-japonesa (1904-1905).

O emprego de bf de diferentes calibres com também diferentes objetivos foi desenvolvido durante o conflito, percebendo-se a necessidade de utilizar calibres ligeiros ou médios para fogo sobre as primeiras linhas e calibres pesados para fogo em profundidade das defesas inimigas. Este aspeto releva a importância da cooperação entre as unidades de Infantaria e de Artilharia que, como veremos, colaboravam na realização de missões, quer de caráter defensivo quer de caráter ofensivo.

#### **5.1. Organização e Disposição Tática**

Até à organização e constituição dos GBA empregues na 1ª GM, a unidade tática Bateria utilizava diferentes classificações: “Baterias de Infantaria”, que quanto ao seu modo de ação podia ser de ataque longínquo ou próximo (Pellen, 1916); “Contrabaterias”, cuja classificação não era vinculativa, e apenas conferida a uma Bateria em função de cada missão que lhe fosse atribuída (Pellen, 1916). Com a guerra de caráter estático, as “Baterias de Infantaria” deixam de ser empregues, pois o avanço da Infantaria era muito mais reduzido, mantendo-se, no entanto, as missões de “Contrabateria”.

---

<sup>91</sup> Batalha de *Flandres* (1ª Batalha de *Ypres*), (20 de outubro – 18 de novembro, 1914).

A partir de 1917, o exército britânico passa a conter na Artilharia Divisionária duas Brigadas de Artilharia, a 4 Baterias cada, das quais 3 dispunham de peças de 18 libras<sup>92</sup>, semelhantes às peças 7,5 cm TR, e a outra de buses de 4,5 polegadas (11,4 cm) (Clarke, 2004), idênticos aos utilizados pelos GBA. Com as peças de 18 libras pretendiam fazer fogo sobre as posições inimigas mais próximas e com os obuses de 4,5 polegadas fazer fogo sobre alvos pontuais mais à retaguarda (Strong & Marble, 2011).

Esta organização, que, como referido no Capítulo 2, viria a ser utilizada nos GBA, impunha que, das suas 3 Baterias de peças, duas estivessem mais avançadas para apoiar aos 2 BI em 1º escalão e a Bateria de obuses a apoiar o BI de apoio/reforço, permitindo “manter a densidade de fogos na frente nos setores das Brigadas”<sup>93</sup>. Uma 3ª Bateria de peças, mais à retaguarda, constituía a reserva do Grupo a ser empregue para o seu fogo obter surpresa sobre a 1ª linha alemã e entre esta e a linha «B»<sup>94</sup>, batendo as forças inimigas que eventualmente penetrassem no setor. Esta disposição no terreno permitia, ainda, que:

- todas as Baterias fossem empregues na manutenção precisa da densidade de fogos nos setores de BrigInf<sup>95</sup>;
- em caso de abandono da 1ª linha por parte das tropas pertencentes à BrigInf, a Bateria de obuses do Grupo que apoiava essa BrigInf, se não estivesse empenhada, reforçasse os fogos das duas Baterias de peças, cobrindo toda a frente do setor da BrigInf<sup>96</sup>;
- em caso de ataques inimigos, as Baterias, para além da de reserva, batessem o terreno entre a linha «A» e linha «B», dando tempo às forças de Infantaria que recuavam de se reorganizarem e efetuarem o contra-ataque para a reocupar o terreno do qual retiraram (Martins, 1934 a).

### 5.1.1. Princípios e Missões Táticas

Segundo Pellen (1916), a tática de Artilharia da época, utilizada nas trincheiras, baseava-se em três princípios táticos fundamentais, a saber: “Economia de forças”, “contra-ataques” e “permanência das missões”.

---

<sup>92</sup> QF 18-pdr MK.I e MK II.

<sup>93</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

<sup>94</sup> PT/AHM/603/7 – Planos de defesa da 2ª Divisão do CEP.

<sup>95</sup> Idem.

<sup>96</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1260 – Plano de defesa do CEP.

O princípio “Economia de forças” refere-se ao número de Baterias que devem ser empregues numa missão, defendendo que uma Bateria em distâncias médias de combate, cerca de 2500 metros de distância do objetivo e com 50 metros de frente por bf, bate uma frente 2 vezes superior ao seu tamanho. Porém, como a frente inimiga possui espaços mortos, uma Bateria apenas a baterá de forma eficaz se ambas tiverem uma frente com a mesma dimensão.

O princípio “Contra-ataques” diz respeito ao emprego contínuo das Baterias disponíveis no apoio às forças de Infantaria. Assim, uma unidade de Artilharia que execute o apoio a uma unidade de Infantaria deverá manter a sua missão mesmo se a unidade de Infantaria for alvo de fogos de Artilharia inimigos, devendo ser executada a “contrabateria” por outra unidade de Artilharia. O mesmo princípio deverá ser seguido no caso de a unidade que executa a contrabateria ser batida por outra unidade de Artilharia inimiga, pois assim estará em vantagem o lado beligerante que tiver economizado melhor as suas Baterias.

O princípio “Permanência das missões” impõe que uma Bateria só deve mudar de objetivo se ele for mais importante ou se permitir obter um maior rendimento do fogo.

Durante a 1ªGM, segundo Cunha (1926), a Artilharia foi repartida em “agrupamentos especiais”, a “Artilharia de apoio directo” e a “Artilharia de acção de conjunto”.

No “apoio directo”, a Artilharia deve apoiar e facilitar a acção da Infantaria no ataque e tomar parte na preparação do ataque de forma neutralizar imediatamente todos os meios inimigos que possam dificultar o avanço da Infantaria, conferindo o apoio essencial à sua progressão, bem como à defesa dos setores da posição. Durante estas missões, apesar da estreita ligação com a Infantaria, as unidades de Artilharia deverão continuar na dependência direta do Comandante da Artilharia, portanto do CAD, sem no entanto ser necessária a autorização deste comando para a execução de tiro (Cunha, 1926). Para Passos (1925), na execução do apoio direto deve ser utilizado um material que dispare munições de pequeno peso, seja facilmente abrigável no terreno e bastante móvel, permitindo-lhe assim aproximar-se o quanto possível das primeiras linhas da nossa Infantaria.

Na missão de “acção de conjunto”, a Artilharia deve bater os pontos considerados necessários, neutralizando ou destruindo a Artilharia inimiga, reforçando o apoio direto ou fazendo concentrações de fogo sobre pontos essenciais, contrabaterias, interdições, entre outros. As unidades que melhor podem concretizar, com sucesso, estas ações são as de Artilharia Pesada, cujos fogos podem ser reforçados pela Artilharia Ligeira (Cunha, 1926).

### 5.1.2. Possibilidades e capacidade de emprego

As unidades de Artilharia foram empregues em diferentes missões, principalmente em cooperação com a Infantaria, estabelecendo, se necessário, ligação com Artilharia inglesa, que, por sua vez, poderia reforçar os nossos fogos com 1 ou 2 Grupos de Baterias de Artilharia<sup>97</sup> do Exército Britânico, em função das necessidades e possibilidades<sup>98</sup>.

Algumas capacidades da Artilharia de médio e grosso calibre<sup>99</sup> são: demolir parapeitos, abrigos, trincheiras de comunicação, habitações; bater Artilharia inimiga, caminhos de ferro, campos de aviação.

Outras possibilidades de emprego da Artilharia seriam destruir arame farpado e manter as tropas inimigas nos seus abrigos, através da execução de fogos massivos sobre as primeiras linhas inimigas, permitindo o avanço das forças de Infantaria que apoiavam, maximizando o seu ataque e minimizando a capacidade de defesa do inimigo (Clarke, 2004). Este Capítulo vai mostrar a panóplia de capacidades e possibilidades da Artilharia na 1ªGM.

## 5.2. Missões gerais

A missão principal da Artilharia das Divisões, ou seja, dos GBA, era apoiar os BI na defesa do setor e preparar o seu avanço na ofensiva (Almeida, 1968). Cada GBA distribuía os seus fogos por todo o setor de uma BrigInf (Carvalho, 1921), estando as suas Baterias em ligação direta com os Batalhões dos SS, sendo mesmo destacados oficiais de ligação (Carvalho, 1921), e cada Bateria era responsável por um SS.

Segundo Almeida (1968), a Artilharia portuguesa desempenhava as missões gerais de “Represálias”, “Fretes”, “Destruições” e “Bombardeamentos,” às quais Cordeiro (1919), acrescenta as de “Contrabateria” e “Importunação”; Santos (1930), Martins (1995), e Castro (1927), referem respetivamente a importância das “Barragens Rolantes”, das “Barragens Fixas” ou “tiro de SOS” e do tiro de “Inquietação”; outros autores referem

---

<sup>97</sup> Disposto a 3 Baterias de 6 peças de 18 libras, e uma Bateria de obuses de 4,5 polegadas.

<sup>98</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1260 – Plano de defesa do CEP.

<sup>99</sup> Identificas no artigo, sem autor, Emprego tático de artilharia (1916). Revista de Artilharia. N.º 153, II série, 577 – 578.

ainda a execução de “Testes”; documentos do comando do CAP<sup>100</sup> indicam que este Corpo executava “Preparações” e “Contrapreparações”;

As “Represálias”, segundo Valdez (1923), também designadas “retaliações”, eram constituídas pelo tiro feito a pedido da nossa Infantaria, quando esta era alvo de intensos fogos inimigos, e era executado sobre as posições de morteiros, metralhadoras, ou Artilharia. As “represálias” eram normalmente numeradas e para cada uma delas o tiro era regulado previamente, sendo executados 12 tiros, que podiam ser repetidos a novo pedido da Infantaria. Aquando da realização de bombardeamentos intensos do inimigo era esperado que este também realizasse *raids*, e então eram efetuadas “represálias” em resposta (Almeida, 1968). O plano de defesa da 2ª Divisão do CEP contemplava que esta missão devesse ser inicialmente executada pelos morteiros e que as Baterias de Artilharia intervissem quando o alcance máximo dos morteiros fosse atingindo ou quando fosse necessário bater trincheiras de comunicação, caminhos, postos de metralhadora, posições de morteiros e comandos<sup>101</sup>.

Os “Fretes” consistiam na execução de tiro, normalmente por uma bf das Baterias mais avançadas, que incidia sobre posições e vias de comunicação inimigas, principalmente durante a noite, e por ordem do CAD, com rajadas de número variável de tiros com intervalos regulares – *Harassing-fire*<sup>102</sup>, em média entre 400 a 500 tiros por Bateria (Almeida, 1968); (Martins, 1934 a). Estas missões poderiam ser executadas pelos GBA, através do emprego de granadas de gás no material de TR de forma a produzir o efeito de neutralização, e pelo CAP que, com alcances superiores, poderia obter o mesmo efeito, mas com a utilização de granadas de *schrappnell* (Passos, 1925). Castro (1927), acrescenta que estas missões de tiro tinham duas finalidades: a interdição de reparações e a interdição das comunicações. Aquela, executada por peças 7,5 cm TR, visava impedir ou dificultar as reparações das avarias causadas às organizações defensivas inimigas e esta última pretendia proibir o trânsito sobre as vias de comunicação existentes, como vias férreas ou estradas, devendo ambas ser executadas principalmente durante os reabastecimentos. Eram executados todos os dias e o tiro regulado pelos observatórios<sup>103</sup>.

---

<sup>100</sup> PT/AHM/1ª/35ª/88/11 – Comando do Corpo de Artilharia Pesada – Organização.

<sup>101</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Planos de defesa da 2ª Divisão do CEP.

<sup>102</sup> “Fogo realizado, por ordem superior, com intervalos irregulares sobre determinados pontos do sector de vigilância, com o fim de apoquentar e fatigar o inimigo” (Valdez, 1923, p32).

<sup>103</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

Nas “Destruições” o tiro era executado por iniciativa das Baterias do CAP ou por ordem superior, e regulado nos Postos de Observação (Almeida, 1968), tendo a designação de “destruições a pequena distância”, se executado pelos GBA (Cordeiro, 1919).

A “Importunação” é a missão em que o tiro tem como finalidade incomodar os movimentos e os reabastecimentos do inimigo, podendo ser executado por Artilharia de diferentes calibres (Cordeiro, 1919).

A “Contrabateria” consistia em bater as Baterias inimigas pelo fogo da nossa Artilharia. Por exigir maiores alcances, esta missão deveria ser executada pela Artilharia do CE ou seja, pelo CAP, podendo ser empregues também Baterias dos GBA, mas apenas em reforço (Passos, 1925), o qual só era autorizado se a Bateria ou Grupo requeridos não estivessem a executar, no momento, a defesa das primeiras linhas. Para a realização destas missões deveria ser empregue o menor número de Baterias possível, de forma a diminuir a possibilidade das Baterias serem adquiridas pelo opositor. Quando uma Bateria inimiga fosse referenciada, e estivesse ativa, deveria ser batida pelo fogo até ser reduzido o silêncio da mesma, perspetivando-se a sua neutralização<sup>104</sup>. As Baterias de peças dos GBA deveriam ser empregues para neutralizar Baterias ativas, utilizando granadas de gás<sup>105</sup>.

As “Barragens fixas”, denominadas também de tiro de “SOS” ou ainda por “Barragens de SOS”, consistiam no fogo executado a pedido da Infantaria sobre um *raid* inimigo, no sentido de evitar que ele se aproximasse das nossas linhas de defesa (Martins, 1995). Esta missão era executada pelos GBA, em apoio das BrigInf, e poderiam ter o reforço de fogos do CAP (Almeida, 1968). As Companhias de Infantaria pediam fogo de SOS ao comando do seu BI, e estes mandavam disparar foguetes<sup>106</sup> vermelhos e verdes, cujo cromatismo indicava às Baterias que o inimigo tinha saído das suas trincheiras<sup>107</sup>.

As “Barragens Rolantes” consistiam em cortinas de fogo e fumo, que se deslocavam à frente da nossa Infantaria durante o ataque, por lanços sucessivos de 100 metros, ou 200 em casos particulares, regulados pela velocidade do seu deslocamento (Santos, 1930), rolando sobre o terreno até uma posição planeada (Fernandes, 1917). Esta cortina, conseguida através da utilização de granadas explosivas e de fumos e que deveria ser densa e profunda, tinha grande influência moral nas forças de infantaria, apresentando porém como desvantagens a proximidade do fogo à Infantaria e o elevado consumo de munições (Santos, 1930). Estas barragens deveriam ser executadas em cooperação com o

---

<sup>104</sup> PT/AHM/1ª/35ª/109/4 – Ordem de Batalha do CEP.

<sup>105</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Plano de defesa da 2ª Divisão do CEP.

<sup>106</sup> Ver figura 28 do anexo H.

<sup>107</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro

Grupo de morteiros pesados do CEP e com os Grupos de morteiros médios do setor onde se desenvolvia a ação<sup>108</sup>.

As “Preparações” ou “Bombardeamentos” eram realizadas antes do lançamento de um ataque das nossas forças de Infantaria, visando destruir todos os sistemas de defesa inimigos possíveis, como redes de arame farpado, posições de metralhadoras, entre outras, sendo preferencialmente executadas por Baterias pesadas e Baterias de Obuses, podendo também ser executadas em conjunto com Baterias de peças e com morteiros pesados<sup>109</sup>. O tiro poderia ser regulado com observação aérea sobre objetivos indicados superiormente (Almeida, 1968).

As características de cada uma destas missões gerais estão resumidamente apresentadas Quadro F do Apêndice E, cuja análise comparativa com a doutrina do Manual de Tática de Artilharia MC 20 – 100 nos permite compreender a atual designação dessas “missões gerais”, conhecer os objetivos a bater e identificar os órgãos que solicitavam e executavam a missão. O Apêndice M contém uma breve descrição sobre os “Testes” as “Contrapreparações” e o tiro de “Inquietação”.

### 5.3. Observação do Tiro e Aquisição de Objetivos

A observação e regulação do tiro por observadores avançados são fulcrais para conseguir eficácia e eficiência na execução de tiro de Artilharia de Campanha, técnicas que foram empregues durante a 1ªGM e que por isso vamos abordar.

Durante este conflito mundial, os observadores deveriam vigiar o setor visível e referenciar abrigos, posições de metralhadoras e de morteiros, regular o tiro, observar o movimento das tropas inimigas, sobretudo em estradas à sua retaguarda, e localizar as posições das suas Baterias<sup>110</sup>.

Nas Baterias de calibre ligeiro da tríplice *Entent*, a equipa de observação era composta por um oficial subalterno de Artilharia, dois praças auxiliares, e 1 ou 2 praças telefonistas, que deveriam possuir binóculos, um rolo de fio para comunicações, um telefone portátil, telémetros, óculos de Bateria e periscópios. Os postos de observação utilizados pelos observadores localizavam-se até 50 metros da linha «A» ou nas próprias

---

<sup>108</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1260 – Plano de defesa do CEP.

<sup>109</sup> Idem.

<sup>110</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.

trincheiras da 1ª linha ou, ainda, em pontos dominantes junto desta, permitindo que se ligasse o fio telefónico ao já existente nas trincheiras, a fim de estabelecer a ligação telefónica com a Bateria a que a equipa pertencia (Dias, 1919).

“Cada bateria em 1ª linha tinha uma *sentinela dos foguetes*, sempre vigilante aos sinais da infantaria, dados no sector da sua bateria” (Martins, 1934 a, p.261) e para maximizar a segurança das transmissões deveriam existir, entre os postos de observação e as Baterias, meios de transmissões por fios heliográficos e postos de telegrafia sem fios, podendo também se recorrer à transmissão de mensagens por estafetas, quando os meios anteriores falhassem ou não fossem seguros (Dias, 1919).

Nas Baterias de obuses e sobretudo na Artilharia Pesada eram empregues meios aéreos para aquisição de objetivos (AquisObj), nomeadamente balões cativos e aviões. Os primeiros tinham um setor de observação dentro do qual deveriam atuar, e assim, quando adquirido um objetivo, realizavam a regulação do tiro; os aviões, meio aéreo mais veloz, poderiam alargar o seu campo de visibilidade, aumentando a possibilidade de adquirir objetivos, e proceder de seguida à regulação do tiro com as Baterias (Faria, 1929). Cada Grupo de Artilharia estava em contacto com os aeroplanos através de uma estação de telegrafia sem fios na central do Grupo, comunicando consecutivamente com cada Bateria para que estas recebessem as regulações efetuadas pelos aeroplanos<sup>111</sup>.

Na doutrina tática inglesa, seguida por Portugal, o observador tem as seguintes missões: observar e regular o tiro da sua Bateria; observar o tiro das Baterias vizinhas, quando necessário; conseguir que o tiro da sua Bateria seja observado nos observatórios das Baterias vizinhas; observar o tiro das Baterias pesadas; observar todos os factos ocorridos no seu campo de observação. Os telefonistas deveriam estabelecer, a partir do seu posto, as comunicações necessárias com: a sua Bateria; o comandante do Batalhão apoiado pela Bateria; os observatórios das Baterias vizinhas; o comandante do agrupamento, se existisse; o comandante da Artilharia Pesada que bate o setor de terreno sobre o qual foi executado o tiro (Faria, 1929).

Para além da regulação do tiro das Baterias, os observadores deveriam estar atentos à observação de clarões e da direção de disparos efetuados pela Artilharia inimiga<sup>112</sup>, que juntamente com a observação aérea constituíam as formas de AquisObj mais comuns durante a 1ªGM.

---

<sup>111</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Plano de defesa da 2ª Divisão do CEP

<sup>112</sup> PT/AHM/1ª/35ª/109/4 – Ordem de batalha do CEP



#### 5.4. Emprego Tático nas operações defensivas

Segundo Cordeiro (1919, p.84), a Artilharia era a principal arma de defesa ativa pois era a única que poderia “atingir em todos os tempos o inimigo nas suas forças vivas; incomodar e por vezes mesmo sufocar antes de desabrocharem os seus preparativos ofensivos; restabelecer rapidamente, em caso de ataque, o equilíbrio das forças em proveito da defesa.” Em caso de ataque inimigo com fogo intenso de metralhadoras ou de espingardas, independentemente da execução de bombardeamentos preliminares ou do lançamento de granadas de gases, as unidades de Artilharia em apoio às unidades de Infantaria alvo do ataque deveriam abrir prontamente fogo sobre o terreno imediatamente à frente da nossa primeira linha, mas efetua-lo sem comprometer a segurança da nossa Infantaria<sup>113</sup>, criando uma barreira para deter o avanço inimigo.

“A missão na defensiva, consistia, principalmente, na execução de tiro de SOS (Save our souls), no caso de um ataque inimigo às linhas ocupadas pela nossa infantaria. Esse tiro consistia em barragens fixas à frente dessas linhas” (Almeida, 1968, p.60), devendo ser executado em todas as direções de fácil acesso, por parte de todas as armas de longo alcance, incluindo a Artilharia pesada<sup>114</sup>.

Os pedidos de SOS ocorriam quando o inimigo abandonava as suas trincheiras, e era realizado por telefone ou por foguetes, e confirmados por aquele meio, caso funcionasse. Se efetuado exclusivamente por foguetes, segundo Almeida (1968, p.60) “as chamadas sentinelas dos foguetes tinham junto delas uma prancheta horizontal onde estavam marcados os sectores das baterias do Grupo e na qual indicavam, por meio de um ponteiro móvel em torno de um eixo vertical, a direcção em que avistavam os sinais luminosos. Quando ela coincidia com o sector da bateria, davam imediatamente o alarme SOS e as guarnições, logo que ouviam, começavam o fogo com os respectivos elementos sem esperar por qualquer ordem”.

Os pedidos de SOS com características especiais, como o tiro lento, eram efetuados por código morse<sup>115</sup>.

O fogo de SOS era executado pelas Baterias dos GBA, no entanto o emprego das suas Baterias de peças e das suas Baterias de Obuses era distinto. Naquelas, “a cadência

---

<sup>113</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Plano de defesa da 2ª Divisão do CEP.

<sup>114</sup> PT/AHM/1ª/35ª/1260 – Plano de defesa do CEP.

<sup>115</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Plano de defesa da 2ª Divisão do CEP.

normal de tiro era de 4 tiros por peça e por minuto durante os primeiros 10 minutos, passando a 2 tiros até receber o aviso para cessar fogo, ou até o pedido de SOS ser repetido, em que se voltava à cadência de 4 tiros durante 5 minutos e em seguida 1 tiro por peça e por minuto” (Almeida, 1968, p.60 e 61). Nas Baterias de obuses, o tiro tinha, normalmente, uma cadência de cerca de metade do das peças e era dirigido sobre as trincheiras de comunicações, cruzamentos de estradas, pontos de concentração, posições de morteiros, entre outros objetivos<sup>116</sup>. Segundo Almeida (1968), as respostas aos pedidos de SOS eram muito intensas, referindo que por vezes “chegavam a lançar-se 1000 granadas por hora e por bateria”, que se podiam prolongar durante várias horas.

Executavam-se barragens para deter o avanço inimigo (Afonso & Gomes, 2004), e sempre que o conseguiam, as nossas forças ficavam em condições de se reorganizar e podiam até realizar contra-ataques e manter o espírito ofensivo e elevar a moral das tropas.

A camuflagem era uma preocupação necessária para que as Baterias não fossem adquiridas pelo inimigo e, consecutivamente, alvo de fogo de contrabateria. As posições das bf, como referido no Capítulo 3, situavam-se atrás da “linha das Aldeias” distância que conferia proteção contra as vistas inimigas,<sup>117</sup> nomeadamente contra a primeira linha de defesa alemã. No entanto, o vetor aéreo aparece neste conflito como um meio de AquisObj e de regulação do tiro bastante eficaz, podendo adquirir rapidamente uma Bateria de Artilharia ou mesmo um Grupo, o que levou a um cuidado particular com a dissimulação e ocultação das posições das bf contra aeronaves (Clarke, 2004). Segundo Fernandes (1917), era essencial pintar as peças ou obuses de Artilharia em cores variadas que os confundissem com o terreno, para assim iludir as vistas da aviação inimiga, impedindo-a de comunicar as nossas posições às suas Baterias.

Apesar da escassa utilização de Carros de Combate (CC) por parte das forças alemãs, a possibilidade de ataques com este sistema de armas em grande quantidade foi considerada pela defesa portuguesa, mas a nossa organização defensiva em profundidade estava preparada para fazer face a estes ataques através de tiro direto por peças de 7,5 cm TR sobre os CC inimigos, caso se encontrassem a cerca de 1000 metros, ou de tiro indireto, se em distância superior. Nas linhas mais avançadas deveriam existir peças isoladas de modo a bater os CC que penetrassem no sistema de trincheiras avançadas. Estas peças deveriam ter um campo de tiro bastante amplo; estar disfarçadas e bem guarnecidas por arame farpado; “encontrar-se dentro de abrigos” à prova de CC; situar-se

---

<sup>116</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Plano de defesa da 2ª Divisão do CEP.

<sup>117</sup> PT/AHM/1ª/35ª/199/1 – Posições das Baterias.

“entre 1000 e 1300 metros à retaguarda da nossa da linha mais avançada”<sup>118</sup>. Nas posições das Baterias, as peças dos flancos deveriam providenciar a defesa Anticarro (ACar), o que implicava um grande consumo de granadas de Artilharia explosivas com espoletas de retardamento ou, faltando aquelas, com espoletas instantâneas<sup>119</sup>.

### 5.5. Emprego Tático nas operações ofensivas

O caráter estático da 1ªGM permitiu o desenvolvimento de materiais de Artilharia com capacidade de bater objetivos a grandes distâncias, criando dificuldades ao inimigo, através dos “Bombardeamentos” que precediam um ataque da nossa Infantaria. Estas missões permitiram moldar o terreno e o inimigo antes do ataque da Infantaria, destruindo abrigos e redes de arame farpado, mas poderiam dificultar o avanço da nossa Infantaria em consequência das enormes crateras que criavam (Afonso & Gomes, 2004). Durante o ataque a Artilharia deveria reforçar o apoio à Infantaria, através de uma nova preparação “sobre os objectivos que detêm a progressão da Infantaria”, alterando, se necessário, as posições das bf para acompanhar o movimento da sua Infantaria (Cordeiro, 1919, p.83).

Segundo Cordeiro (1919), o “papel da artilharia na ofensiva é facilitar à infantaria a conquista dos seus objectivos, ajudá-la a conserva-los uma vez conquistados e concorrer para a exploração do sucesso”. Assim, a Artilharia deveria conferir o apoio contínuo à Infantaria durante o seu ataque. “Na ofensiva batiam-se as posições inimigas com longas preparações que começavam em profundidade e terminavam sobre as primeiras linhas” (Afonso & Gomes, 2004, p.213), de forma a bater em primeiro lugar as posições de Artilharia, os postos de comando e outros pontos de interesse, à semelhança da doutrina tática atual. Pretendia-se desta forma inutilizar as comunicações inimigas, provocar desorganização nos órgãos de comando e controlo e destruir bf. Antes da *hora H* – o ataque da Infantaria, batiam-se as unidades inimigas mais perto do nosso setor, obrigando-as a resguardarem-se e a protegerem-se das granadas de Artilharia, o que reduzia a eficácia da sua resposta ao ataque da nossa Infantaria, cujo avanço era coberto pela nossa Artilharia (Almeida, 1968), através de “Barragens Rolantes”.

Desta forma as operações ofensivas eram desenvolvidas em duas fases: a primeira consistia na execução de bombardeamentos preliminares; a segunda a execução do ataque.

---

<sup>118</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Plano de defesa da 2ª Divisão do CEP.

<sup>119</sup> Idem.

Durante a primeira fase, a Artilharia Ligeira e Pesada tinham objetivos diferentes, a primeira executava fogo para destruir o arame farpado e os parapeitos das trincheiras, enquanto a Artilharia Pesada deveria “arrasar as trincheiras e os trabalhos de defesa inimigos, destruindo os obstáculos que prejudicassem o avanço da nossa Infantaria, ao mesmo tempo que se causavam baixas nas tropas inimigas que guarneciam as suas trincheiras” (Almeida, 1968, p.61). Cordeiro (1919), acrescenta que na 1ª fase a nossa Artilharia deveria antes do ataque destruir a Artilharia inimiga, e durante este neutraliza-la; para Pereira (1920), nesta fase, procurava-se a neutralização do inimigo, começando pelo emprego de granadas de gás, ou de granadas especiais, tais como: asfixiantes, fulminantes, lacrimogêneas, corrosivas e sufocantes, que provocavam nuvens gasosas sobre as linhas inimigas e obrigavam as suas tropas a recorrerem a máscaras de gás que prejudicavam e fatigavam o seu desempenho e observação, impedindo ainda o inimigo de certificar-se da situação do nosso ataque. Eram também empregues granadas explosivas com espoleta instantânea, que produziam grande quantidade de estilhaços de tamanho reduzido, eficazes contra tropas de Infantaria (Cordeiro, 1919).

Durante a segunda fase a Artilharia efetuava “Barragens Rolantes” que deveriam cobrir o avanço da Infantaria, sendo preciso um cuidado especial de forma aos estilhaços das granadas não atingirem a nossa Infantaria. Estas barragens começavam com “um bombardeamento intenso sobre a 1ª linha do inimigo para o forçar a abrigar-se, impedindo-o assim de guarnecer as obras de defesa antes de a nossa Infantaria as ter atingido”. As “Barragens Rolantes” eram alongadas no momento e horário fixado, “para permitir que nossa Infantaria entrasse na trincheira e a ocupasse” (Almeida, 1968, p.62). Cordeiro (1919, p.82) refere que nesta fase se deveria “destruir as organizações defensivas do inimigo, defensas acessórias, órgãos de flanqueamento, abrigos, comunicações, observatórios, conservar as destruições já feitas”. Para desviar a atenção do inimigo eram também executadas “barragens chinesas”, que não eram mais do que barragens ou fintas “sobre locais diferentes daqueles onde se ia executar o ataque” (Almeida, 1968, p.62). Para Valdez (1923), as “barragens chinesas” ou “fintas” tinham como objetivo desviar a atenção do inimigo e iludi-lo quanto à direção do ataque da nossa Infantaria.

As operações ofensivas, segundo Cordeiro (1919), e Pereira (1920), tinham uma 3ª fase. Aquele autor defende que nesta fase do ataque, a Artilharia deveria impedir o inimigo de se reconstituir com a chegada de reforços, viveres, material e munições à frente, através da execução de fogo sobre a retaguarda das forças inimigas; Pereira (1920), considera que,

nesta fase, a Artilharia deveria destruir material, abrigos, bosques e organizações defensivas inimigas, através do emprego de granadas incendiárias ou granadas explosivas.

De forma a explorar o sucesso obtido pelas nossas forças de Infantaria, poderiam ser empregues patrulhas cujo deslocamento deveria ser coberto pelo fogo das “Barragens Rolantes”, sem prejudicar o avanço da Infantaria que deveria acompanhá-la, e que seria executado durante os primeiros 20 a 30 minutos após ocupação do objetivo inicial, decrescendo progressivamente de intensidade<sup>120</sup>.

## **5.6. A integração entre a Artilharia e a Infantaria**

A ligação entre Artilharia e Infantaria permitia que durante os assaltos da nossa Infantaria, a Artilharia que a apoiava executasse fogo para, na ofensiva, facilitar a progressão da Infantaria, ou, na defensiva, para dificultar o avanço da Infantaria inimiga.

Antes do lançamento do assalto por parte da nossa Infantaria deveria ser executada uma preparação/bombardeamento, de forma a destruir o maior número de sistemas de defesa inimigos, e também um bombardeamento, para destruir objetivos adquiridos durante a observação aérea, efetuado quer pelas Baterias do CAP, quer pelas Baterias de Obuses dos GBA quer pelos morteiros pesados. Ainda antes do lançamento das tropas de Infantaria, as Baterias de peças e os morteiros médios deveriam fazer fogo sobre as redes de arame farpado, e procurar infringir o maior número de baixas ao inimigo para que a nossa Infantaria encontrasse menos resistência<sup>121</sup>.

Assim, o terreno e as posições inimigas que fossem alvo de assalto estariam moldados para facilitar o ataque da nossa Infantaria que avançava ao ritmo da execução das “Barragens Rolantes” da nossa Artilharia, que visavam obrigar o inimigo a abrigar-se e a não guarnecer as suas obras de defesa que tivessem resistido à “Preparação/Bombardeamento” previamente executado. A Infantaria deveria acompanhar a “Barragem Rolante”, a uma pequena distância, em geral, de 75. A sua duração dependia do número de objetivos a conquistar, sendo que deveria continuar 300 metros além do objetivo conquistado, de forma a permitir a colocação de postos avançados com segurança e a realização de uma consolidação eficaz. Quando a Infantaria assegurava e comunicava a

---

<sup>120</sup> PT/AHM/1ª/35ª/511 – Instruções para a Divisão na ofensiva.

<sup>121</sup> Idem.

consolidação do objetivo, a barragem passava a ser fixa, diminuindo gradualmente até que cessava<sup>122</sup>.

Estas barragens, rolantes e fixas, conferiam proteção à nossa Infantaria durante o seu avanço e também durante a defesa de objetivos ou posições. Porém, poderiam ser alvo de fogo da Artilharia inimiga; para neutralizá-la e assim impossibilitá-la de fazer fogo sobre as nossas tropas atacantes, cabia ao CAP a execução de fogo de contrabateria<sup>123</sup>. Antes do lançamento de um *raid* por parte da Infantaria portuguesa, a unidade de Artilharia em seu apoio deveria bater o arame farpado da primeira linha inimiga do setor onde se pretendia efetuar a penetração e executar também fogo sobre outros pontos da frente inimiga para deixá-lo na incerteza do objetivo que se pretendia conquistar<sup>124</sup>.

Ainda durante este avanço, as comunicações entre esta e as unidades de Artilharia que a apoiavam deveriam ser continuamente mantidas para conduzir ao sucesso da operação e evitar serem alvo de fogo amigo. Estas comunicações eram realizadas através de sinais codificados, como os provenientes da agitação de bandeiras de diferentes cores, que as tropas de Infantaria executavam para indicar à Artilharia as ações imediatas a desenvolver<sup>125</sup>.

Pela análise das Ordens de Serviço das Divisões do CEP constatamos que, quando era realizado tiro, independentemente do objetivo a bater ou do propósito da sua execução, os comandantes das BrigInf que se situavam à retaguarda da zona batida por este deveriam ser informados da sua realização e do respetivo resultado pelo comandante do GBA ao qual pertencia a Bateria ou Baterias que executavam esse tiro. Estas Ordens de Serviço também nos permitiram verificar que, em diversas ocasiões, as unidades de Artilharia portuguesas participaram em operações conjuntas com forças inglesas.<sup>126</sup>

Percebemos neste trabalho que o emprego da Artilharia se evidenciou quando a guerra ganhou o caráter estático, altura em que se entendeu que a Artilharia deveria preparar, apoiar e proteger o ataque da Infantaria, e não limitar-se a apoiá-lo, como anteriormente sucedia. Percebe-se também a importância da estreita ligação que estas duas Armas mantiveram, para esmagar o inimigo na ofensiva e/ou detê-lo na defensiva (D'Albuquerque, 1932).

---

<sup>122</sup> PT/AHM/1ª/35ª/511 – Instruções para a Divisão na ofensiva.

<sup>123</sup> Idem.

<sup>124</sup> PT/AHM/1ª/35/4 – Esboços.

<sup>125</sup> PT/AHM/1ª/35ª/511 – Instruções para a Divisão na ofensiva.

<sup>126</sup> PT/AHM/1ª/35ª/603/2 – Ordens de Serviço da 2ª Divisão.

## Conclusões

O presente trabalho tem como objetivo estudar o emprego dos GBA entre 21 de março e 14 de junho de 1918, no norte de França, região de *Ypres*. Face a este propósito, depois de expormos o enquadramento do trabalho, os motivos que levaram à guerra e à entrada de Portugal na guerra, realizamos um enquadramento acerca da Artilharia portuguesa, presente no TO. Nos Capítulos seguintes, em primeiro lugar descrevemos o setor que continha as posições dos GBA, de seguida descrevemos o emprego de cada GBA no período delimitado para este trabalho, e por último descrevemos e identificamos as táticas utilizadas pelas unidades de Artilharia, em particular as missões gerais executas pelos GBA, bem como a integração entre as Armas de Infantaria e Artilharia na 1ªGM.

Para darmos uma resposta cabal à questão central deste trabalho importa primeiro responder às questões derivadas levantadas.

A **QD 1 – “Como estavam organizados os GBA durante a 1ªGM?”** é respondida no Capítulo 2, onde descrevemos as diferentes organizações de que os GBA foram alvo. Esta unidade possuía peças com características de tiro tenso e obuses com características de tiro curvo, permitindo, assim, que ambos os materiais, empregues em conjunto, conferissem o necessário apoio à Infantaria. Cada Grupo possuía 3 Baterias de peças 7,5 cm TR *Schneider Canet* e uma de Obuses 11,4 cm (4,5 in Q.F. *HOWITZER*), e foram empregues 6 Grupos, 3 por cada Divisão do CEP; esta distribuição, a partir de 6 de abril de 1918, passou a contemplar 4 GBA na 2ª Divisão e 2 na 1ª, sendo que o setor de *Neuve Chapelle* passou a dispor de 2 GBA, em apoio da sua BrigInf, para conferir uma defesa mista, visto ser o setor do centro. Depois da Batalha de *La Lys*, foi empregue unicamente, como unidade de Artilharia, o 4º GBA organizado em 3 Baterias de peças e uma de obuses, no setor de *St Elie*.

Para respondermos à **QD 2 – “Como estavam organizadas as posições das Baterias dos GBA?”** apoiamo-nos no Capítulo 3, onde descrevemos a organização e disposição das Baterias dos GBA no terreno, e como vimos, estas, estavam dispostas de forma a que cada uma apoiasse um BI. Destas, uma, de peças, estava geralmente colocada em posição mais avançada relativamente à das outras Baterias do Grupo, para a obter surpresa sobre a 1ª linha de defesa inimiga e sobre todo o terreno entre esta e a nossa linha

«B», permitindo bater forças que invadissem o nosso setor. As Baterias estavam localizadas entre 3000 e 4000 metros da linha da frente, no “setor português”, em particular à retaguarda da “linha das Aldeias”, e a 9 de abril, durante a Batalha de *La Lys*, esta distância variava entre 1500 e 3500 metros da linha da frente.

Existiam 3 tipos de posições para as bf, instalação ao ar livre, instalação sobre uma plataforma num abrigo e instalação em abrigos de blindagem mais completa. Estas posições deveriam permitir a execução de tiro em todas as direções, e dispunham de um perímetro defensivo de arame farpado. Sempre que possível, as bf estavam abrigadas em ruínas ou envolvidas por vegetação densa para conferir proteção contra as vistas inimigas.

Para responder à **QD 3 – “Quais as principais limitações dos GBA verificadas durante o seu emprego?”** temos que nos focar em vários Capítulos, sendo que o Capítulo 4 exemplifica diversas das dificuldades sentidas pelos GBA, das quais destacamos a fragilidade dos meios de comunicação, as condições climatéricas, o tempo de permanência na frente de combate e a não rendição do pessoal.

As comunicações eram feitas sobretudo por meios filares que poderiam ser cortados durante a realização de fogos indiretos inimigos. A Batalha de *La Lys* mostrou a necessidade em manter as comunicações durante o combate e que, apesar de parte dos cabos dos meios filares estarem enterrados, estavam sujeitas a serem destruídas pelos fogos indiretos, facto abordado no Capítulo 4.

O denso nevoeiro que cercou as forças do CEP na Batalha de *La Lys* condicionou o desempenho das unidades de Artilharia e a integração dos seus fogos com a Infantaria.

O tempo de permanência na frente, aliado à não rendição de pessoal, afetou sobretudo a moral das tropas e potenciou o seu desgaste físico, situação agravada pela falta de pessoal em todas as unidades, em particular nas Baterias dos GBA.

A **QD 4 – “Qual a tipologia das missões desempenhadas pelos GBA? é** respondida com a análise do Capítulo 5, onde, referimos que as unidades de Artilharia foram empregues em diversas missões que designamos por “missões gerais”. Identificamos um total de 11 missões, das quais 8 contavam com a participação dos GBA: “Represálias/Retaliações”, “Fretes”, “Destruições”, tiro de “Importunação”, “Contrabateria”, “Barragens fixas/SOS”, “Barragens Rolantes”, “Preparações/bombardeamentos”. As “Contrapreparações” e o tiro de “Inquietação” eram realizados pela Artilharia Pesada, e os “Testes” por todos os materiais.

Este levantamento permitiu-nos perceber que as missões realizadas visavam sobretudo apoiar operações realizadas pela nossa Infantaria, quer na defensiva, quer na



ofensiva. Assim: as “Represálias” eram realizadas para responder aos fogos indiretos inimigos, reforçando os fogos dos morteiros; os “Fretes” para neutralizar a atividade do inimigo, interditando os seus trabalhos; as “Destruições” para infringir o máximo de danos possível ao inimigo; o tiro de “Importunação” para desorganizar os movimentos inimigos; a “Contrabateria” para bater a Artilharia inimiga, sendo principalmente realizada pela Artilharia Pesada e poderia contar com o Reforço de Fogos das Baterias dos GBA; as “Barragens fixas/SOS” para deter o avanço da Infantaria inimiga, a pedido da nossa Infantaria; as “Barragens Rolantes” para apoiar os *raids* da nossa Infantaria, em operações ofensivas; as “Preparações/Bombardeamentos” para destruir os sistemas de defesa inimigos antes do lançamento de um ataque da nossa Infantaria. Eram realizadas principalmente por Artilharia Pesada e poderiam contar com o Reforço de Fogos das Baterias de obuses dos GBA.

Estas missões visavam sobretudo apoiar a Infantaria em operações ofensivas e defensivas. Naquelas operações a Artilharia executava uma preparação antes do lançamento do ataque, criando as condições necessárias ao sucesso destas ações, pela realização de “Barragens Rolantes” que protegiam o avanço da Infantaria. O apoio era executado continuamente em todas as fases do ataque; nas operações defensivas, a Artilharia quebrava o ímpeto do ataque inimigo, procurando deter o avanço da sua Infantaria, através da realização de “Barragens Fixas/SOS”.

Percebemos que se Infantaria e Artilharia não estivessem em constante ligação a obtenção do sucesso nas operações poderia ser posta em causa. A ligação entre estas Armas era assegurada através dos sistemas de comunicações existentes, como o filar do “setor português”, exposto no Capítulo 3, e códigos, como o de bandeiras mencionado no Capítulo 5, que facilitavam a execução das operações mencionadas.

Não podemos imputar o insucesso português na Batalha de “*La Lys*” ao corte das comunicações, mas percebemos que a integração entre estas armas foi afetada devido a essa situação.

Assim, reunimos as condições necessárias para responder à **QC – “Como foram empregues os Grupos de Baterias de Artilharia, durante a ofensiva alemã iniciada a 21 de março de 1918?”**

Os GBA constituíram as unidades de Artilharia que mais tempo permaneceram na frente de combate, assegurando o apoio imediato à Infantaria, participando na famosa Batalha de *La Lys* e intervindo em operações posteriores à mesma.

Foram empregues 6 GBA e cada um dispunha de 3 Baterias de peças, equipadas com peças 7,5 cm TR *Schneider Canet* e uma Bateria de Obuses 11,4 cm (4,5 in Q,F. HOWITZER). Concluimos que das 4 Baterias de cada GBA, duas de peças apoiavam os 2 BI em 1º escalão, enquanto a Bateria de obuses apoiava o BI de apoio/reforço. Esta organização permitia manter a precisa densidade de fogos na frente dos setores da BrigInf. A Bateria de reserva, de peças, estava à disposição do CAD para fazer fogo sobre a primeira linha, surpreendendo o inimigo. Esta Bateria só poderia abrir fogo por ordem do CAD, ao contrário das restantes Baterias.

Os GBA foram empregues quer em operações defensivas quer em operações ofensivas, realizando diversas missões, que denominamos de “missões gerais”, dadas as fontes estudadas. Cada uma destas missões possuía características particulares, anteriormente identificadas, que nos levam a concluir que estas unidades eram empregues principalmente em apoio das unidades de Infantaria, cobrindo o seu avanço na execução de ações ofensivas através de “Barragens Rolantes” ou detendo o avanço da Infantaria inimiga pela execução de “Barragens/Tiro de SOS”. Assim, estas duas missões, eram as principais “missões gerais” realizadas pelas Baterias dos GBA em integração com as unidades de Infantaria.

## Referências Bibliográficas

### 1. Fontes primárias

#### Fontes manuscritas:

PT/AHM/1ª/35ª/11 – Ordens de Batalha.  
PT/AHM/1ª/35ª/88/11 – Comando do Corpo de Artilharia Pesada – Organização.  
PT/AHM/1ª/35ª/109/4 – Ordem de Batalha do CEP.  
PT/AHM/1ª/35ª/ 109/6 – Ordem de Batalha do CEP.  
PT/AHM/1ª/35ª/188 – 2º Grupo de Baterias de Artilharia – Ordens de Batalha.  
PT/AHM/1ª/35ª/199/1 – Posições das Baterias.  
PT/AHM/1ª/35ª/305/5 – Quadros Orgânicos.  
PT/AHM/1ª/35/316/4 – Esboços.  
PT/AHM/1ª/35ª/458/4 – Ordens de Serviço do 4º GBA.  
PT/AHM/1ª/35ª/511 – Instrução para a Divisão na ofensiva.  
PT/AHM/1ª/35ª/603/2 – Ordens de serviço da 2ª Divisão.  
PT/AHM/1ª/35ª/603/7 – Plano de defesa da 2ª Divisão do CEP.  
PT/AHM/1ª/35/625 – Ligação do CAP com Aeronaves.  
PT/AHM/1ª/35ª/1211 – Ordens de Batalha.  
PT/AHM/1ª/35ª/1216 – Indicações sobre o serviço na 1ª Linha.  
PT/AHM/1ª/35ª/1260 – Plano de defesa do CEP.  
PT/AHM/1ª/35ª/1284/3 – Ordens de Batalha.  
PT/AHM/1ª/35ª/1345/10 – Monografia do 1º GBA pelo Coronel Neves e Castro.  
PT/AHM/1ª/35ª/1345/15 – Monografia do 5º GBA pelo Tenente Seixas Gomes.  
PT/AHM/1ª/35ª/2230 – Posições de defesa de Artilharia.

#### Fontes Icnográficas:

PT/AHM/FE/CAVE/AG/A11/82.

PT/AHM/FE/CAVE/AG/A11/44.

PT/AHM/FE/CAVE/AG/A11/319.

PT/AHM/FE/CAVE/AG/A11/316.

PT/AHM/FE/CAVE/AG/A11/229.

## 2. Livros

Afonso, Aniceto. (2008). *Grande Guerra Angola, Moçambique e Flandres 1914/1918*. Lisboa: Quidnovi.

Afonso, Aniceto & Gomes, Carlos de Matos. (2003). *Portugal e a Grande Guerra*. Lisboa: Diário de Notícias.

Almeida, Alberto Augusto de. (1968). *A Artilharia Portuguesa na Grande Guerra (1914-1918)*. Lisboa, s.e.

Carvalho, Vasco de. (1924). *A 2.ª Divisão Portuguesa na Batalha do Lys*. Lisboa: Lusitânia Editora.

Clarke, Dale. (2004). *British Artillery 1914-19*. 3.ª ed, Oxford: Osprey publishing.

Ferreira, Tiago. (2009). *As posições defensivas aliadas na Flandres na 1ª Guerra Mundial – As operações de Infantaria, de Artilharia e as Unidades de Metralhadora. Trabalho de Investigação Aplicada*, Academia Militar.

Gilbert, Martin. (1994). *A Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Editora A Esfera dos Livros.

Gonçalves, Horácio de Assis. [1925]. *O Batalhão Expedicionário de Infantaria 12 na Flandres (1917-1919)*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, Lda.

Gray, Randal. (1991). *Kaiserschlacht 1918*. 7.ª ed, Oxford: Osprey publishing.

Henriques, M. C., & Leitão A. R. (2001). *La Lys 1918 – Os Soldados Desconhecidos*. Lisboa: Prefácio.

*História do Exército Português (1910-1945)* (Vol. III), dir. General Ramires de Oliveira, EME. (1994) Lisboa: CEGRAF.

Magno, David. [1921]. *Livro da Guerra de Portugal na Flandres* (Vol. I). Porto: Companhia Portuguesa Editora.

Malheiro, Alexandre (1919), *Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg, (Notas dum Prisioneiro)*. Porto: Edição Renascença Portuguesa.

Marques, Isabel Pestana (2004). *Memórias do General 1915-1919: Os meus três comandos de Fernando Tamagnini*. Viseu: SACRE – Fundação Mariana Seixas.

Martins, Ferreira. (1934). *Portugal na Grande Guerra* (Vol. I - II), Lisboa: Empresa Editorial Ática.

Martins, Dorbalino dos Santos. (1995). *Estudo de pesquisa sobre a intervenção portuguesa na 1.ª guerra mundial (1914-1918) na flandres*. Estado – Maior do Exército, Direcção de Documentação e História Militar.

Moreno, Mateus. [1921]. *Sangue D'Epopeia A Artilharia Portuguesa na Flandres*. Lisboa: Editora Resurgimento.

Quivy, R. & Campenhoudt L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2.ª ed, Lisboa: Gradiva. Paris: Bordas. (Trabalho original publicado em 1988). (Escrita original em francês).

Rodriguês, António S. (1997). *História de Portugal em Datas*. 3.ª ed, Lisboa, , Temas & Debates.

Strong, Paul & Marble, Sanders. (2011). *Artillery in the Great War*. 1.ª ed, Barnsley: Pen & Sword Ltd.

Teixeira, Nuno Severiano. (2004). *Nova história militar de Portugal* (Vol. IV). Editora Circulo de Leitores e Autores.

Valdez, Abel. (1923). *O 4.º G.B.A. na Grande Guerra*. Lisboa: Imprensa Belez.

### **3. Manuais**

EME. (2004). MC 20 – 100 Manual de Tática de Artilharia de Campanha. Lisboa

### **4. Publicações Periódicas**

Castro, Neves. (1927). Considerações finais sobre os efeitos do fogo de artilharia. *Revista de Artilharia*. N.º 25, II série, 5-16.

Carvalho, C.M.M. (1921). Alguns ensinamentos da guerra. *Revista de Artilharia*. N.º 211 a 216, II série, 108-117.

Carvalho, J.M.R.V. (1922). Algumas palavras sobre o obus 11,4 cm de modelo inglês. *Revista de Artilharia*. N.º 217, II série, 25-38.

Cordeiro, L.J. (1919). Apontamentos sobre a artilharia pesada francesa durante a guerra. *Revista de Artilharia*. N.º 183 e 184, II série, 74-103.

Cunha, A.P. (1926). Emprego tático de artilharia. *Revista de Artilharia*. N.º 16, II série, 933-944.

Dias, J.S. (1919). Algumas palavras sobre obuses e artilharia pesada de campanha. *Revista de Artilharia*. N.º 181 a 184, II série, 15-26 e 104-109.

D'Albuquerque, C. (1932). Emprego de artilharia. *Revista de Artilharia*. N.º 87, II série, 101-107.

Faria, Bernardo. (1917). Artilharia de trincheira. *Revista de Artilharia*. N.º157 e 158, II série, 28-43.

Faria, Bernardo. (1929). A missão de artilharia junto das tropas inglesa – Exposição do chefe da missão. *Revista de Artilharia*. N.º 44, 45 e 46, II série, 299-307, 349-357 e 403-420.

Fernandes, J.P. (1917). Notas que trouxemos de França. *Revista de Artilharia*. N.º 159 a 162, 77-108.

Marques, Mota. (1919). Notas da guerra. *Revista de Artilharia*. N.º185 e 186, II série, 121-126.

Mota, Guilhermina. (2006). Batalha de La Lys: um relato pessoal. *Revista Portuguesa de História*. N.º 38, 77-107.

Passos, A.T.F. (1925). A organização do comando na artilharia no campo de batalha. *Revista de Artilharia*. N.º 2, II série, 63-78.

Pellen, Eduardo. (1916). A tática e a técnica de artilharia de campanha. *Revista de Artilharia*. N.º 145 a 148, II série, 68-80 e 139-160,

Pereira, Carlos M.M. (1920). Alguns ensinamentos da guerra, 194-1918. *Revista de Artilharia*. N.º 211 a 216, II série, 108-117.

Salvado, Nuno & Barbosa, Pedro (2010). A evolução nas armas de artilharia de campanha em Portugal até à criação da OTAN. *Boletim de Informação e Divulgação da Escola Prática de Artilharia*. Ano XI, II série, 9-21.

Santos, Anacleto dos. (1930). Cooperação e ligação de artilharia e infantaria. *Revista de Artilharia*. N.º 64 e 66. 173-182 e 325-340.

Emprego tático de artilharia (1916). *Revista de Artilharia*. N.º 153, II série, 577 – 578.

---

## 5. Sítios na Internet

Amaral, Manuel (2000-2008). *Cronologia da participação portuguesa na primeira guerra mundial*. Retirado da internet, 15 de fevereiro de 2013.

<http://www.arqnet.pt/portal/portugal/grandeguerra/pgm1910.html>

Grandes Guerras – *Cronologias* (n.d.). Retirado da internet, 15 de Fevereiro de 2013

<http://www.grandesguerras.com.br/cronologia/index.php?lnk=1>



## **Apêndices**

## Apêndice A – Desempenho das Baterias dos GBA na Batalha de *La Lys*

Quadro 1 - Hora de retirada/captura das Baterias dos GBA na Batalha de *La Lys*

Hora	10H00	10H30	10H45	11H00	11H15	11H30	11H55	12H00	13H15
Bateria	4 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup> 4 <sup>a</sup> 1 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup> 4 <sup>a</sup> 3 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup> 1 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup> 2 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>
Grupo	2 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup> 6 <sup>o</sup> 2 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup> 5 <sup>o</sup> 5 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup> 1 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup> 5 <sup>o</sup>	1 <sup>o</sup>
Capturada:C / Retirou:R	C	C	C R R	R C R	R R	R	R	C R	R

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: PT/AHM/1<sup>a</sup>/35<sup>a</sup>/1345/10; Almeida (1968); Martins (1995).

Quadro 2 - Resumo do 6<sup>o</sup> GBA na Batalha de *La Lys*

6 <sup>o</sup> GBA				
Bateria	2 <sup>a</sup> Bateria	3 <sup>a</sup> Bateria	4 <sup>a</sup> Bateria	1 <sup>a</sup> Bateria (Reserva)
Capturada/ Retirada	Capturada às 10H30	Capturada às 11H00	Retirou às 11H00	Sem informação
Remuniciada	Não	Não	Não	Sem informação
Material	Capturado	Capturado	Inutilizado	Sem informação

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: Almeida (1968); Martins (1995).

Quadro 3 - Resumo do 2<sup>o</sup> GBA na Batalha de *La Lys*

2 <sup>o</sup> GBA				
Bateria	1 <sup>a</sup> Bateria	4 <sup>a</sup> Bateria	2 <sup>a</sup> Bateria	3 <sup>a</sup> Bateria (Reserva)
Capturada/ Retirada	Retirou às 10H45	Capturada às 12H45	Retirou às 12H00	Retirou às 11H15
Remuniciada	Sim às 08H45	Não	Sim, às 08H15	Sim às 09H30
Material	Inutilizado	Capturado	Capturado	Inutilizado

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: Almeida (1968); Martins (1995).

**Quadro 4 - Resumo do 1º GBA na Batalha de *La Lys***

<b>1º GBA</b>				
<b>Bateria</b>	<b>1ª Bateria</b>	<b>4ª Bateria</b>	<b>3ª Bateria</b>	<b>2ª Bateria (Reserva)</b>
<b>Capturada/Retirada</b>	Retirou às 11H00	Retirou às 11H30	Retirou às 11H00	Retirou às 13H15
<b>Remuniciada</b>	Não	Não	Não	Não
<b>Material</b>	Inutilizado	Capturado	Capturado	Salvo

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: PT/AHM/1º/35º/1345/10; Almeida (1968); Martins (1995).

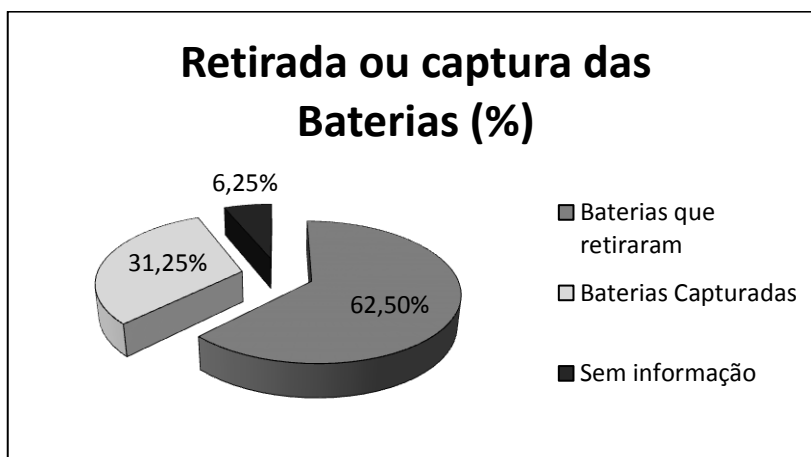
**Quadro 5 - Resumo do 5º GBA na Batalha de *La Lys***

<b>5º GBA</b>				
<b>Bateria</b>	<b>2ª Bateria</b>	<b>1ª Bateria</b>	<b>4ª Bateria</b>	<b>3ª Bateria (Reserva)</b>
<b>Capturada/Retirada</b>	Retirou às 12H00	Capturada	Capturada	Retirou às 11H00
<b>Remuniciada</b>	Sem informação	Sim às 10H00	Não	Não
<b>Material</b>	Inutilizado	Capturado	Capturado	Inutilizado

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: Almeida (1968); Martins (1995).

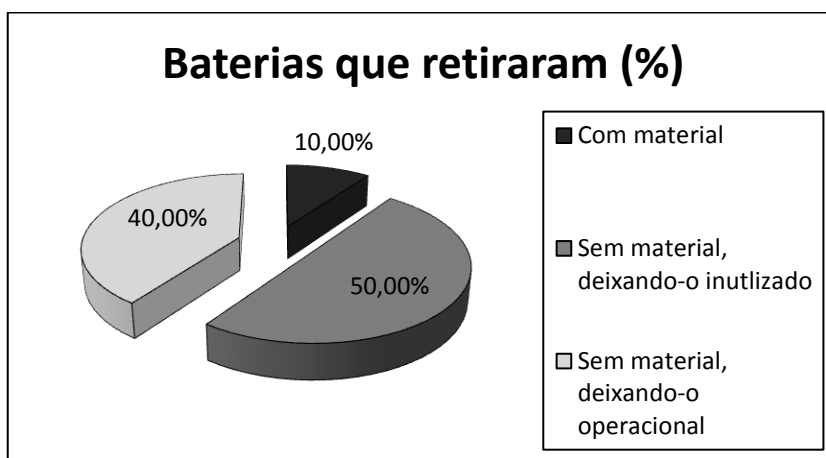
**Apêndice B – Retirada, captura e remuniamento das Baterias dos GBA, em percentagem.**



**Figura 1 - Retirada ou captura das Baterias durante a Batalha de La Lys**

Elaborado pelo próprio autor.

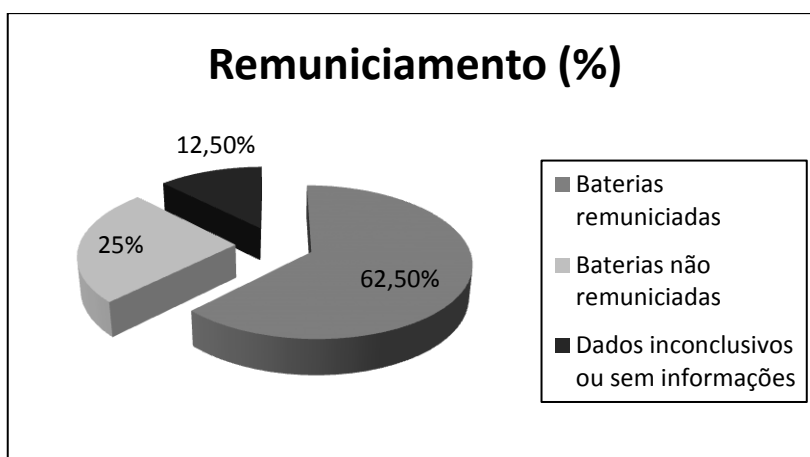
Fonte: PT/AHM/1ª/35ª/1345/10; Almeida (1968); Martins (1995).



**Figura 2 - Baterias que retiraram durante a Batalha de La Lys (%)**

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: PT/AHM/1ª/35ª/1345/10; Almeida (1968); Martins (1995).

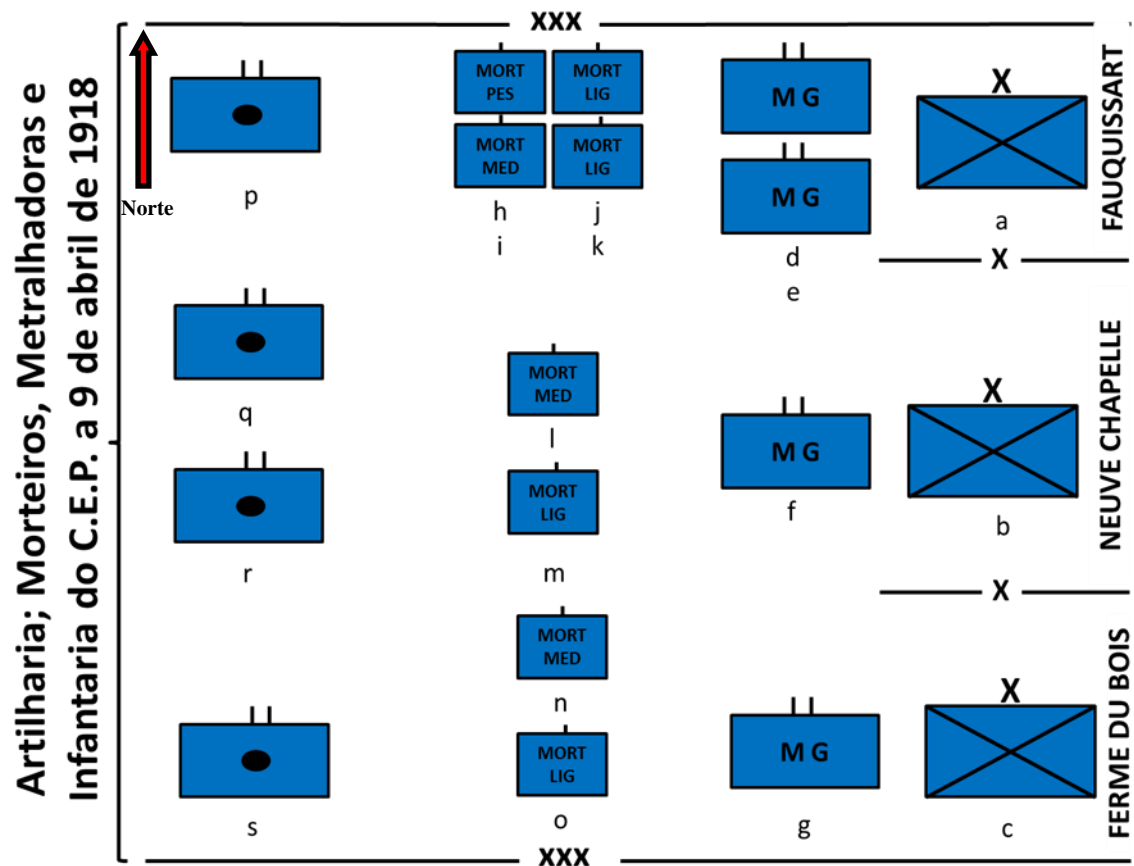


**Figura 3 - Baterias remuniçadas durante a Batalha de *La Lys* (%)**

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: PT/AHM/1ª/35ª/1345/10; Almeida (1968); Martins (1995).

**Apêndice C – Disposição das unidades de Artilharia e Infantaria a 9 de abril de 1918**



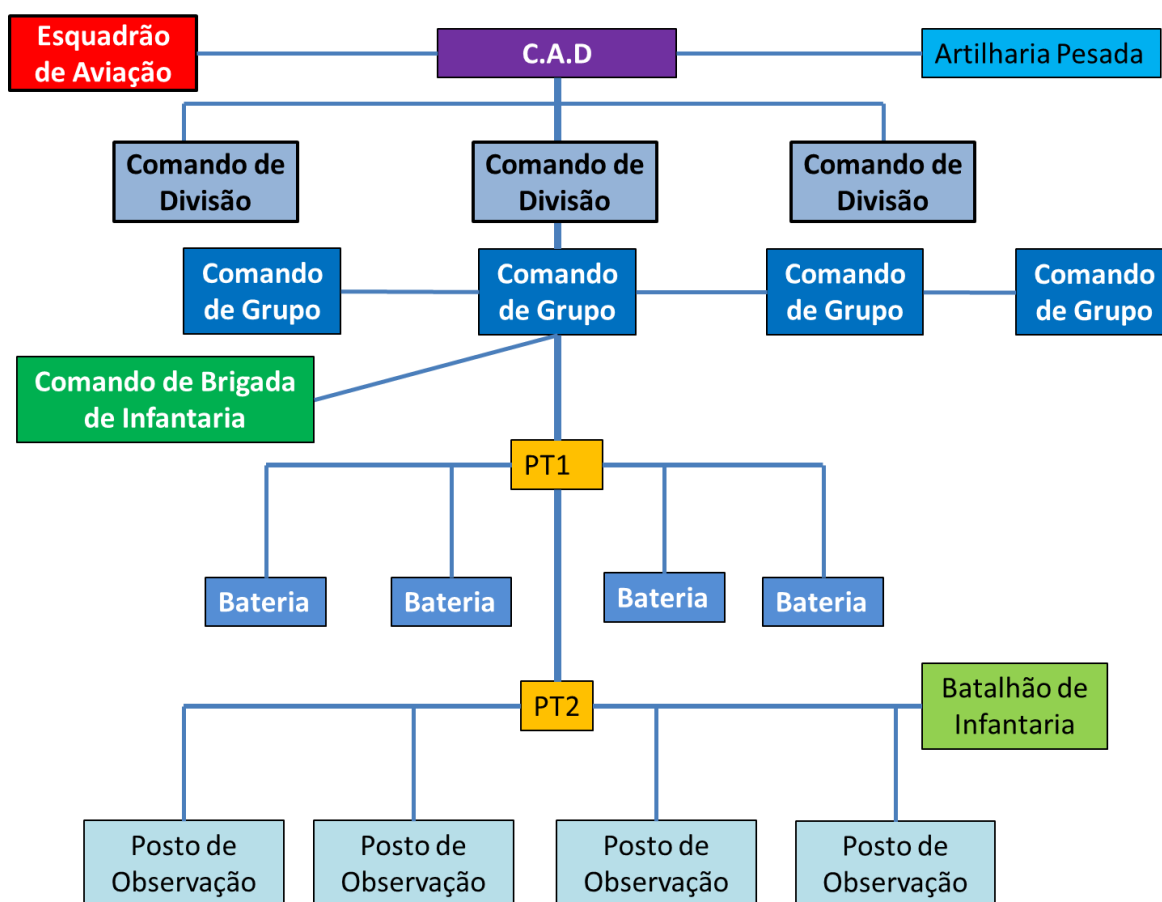
a: 4ª Brigada de Infantaria;	h: 2ª Bateria de Morteiros Pesados;	n: 2ª Bateria de Morteiros Médios;
b: 6ª Brigada de Infantaria;	I : 4ª Bateria de Morteiros Médios;	o: 5ª Bateria de Morteiros Médios;
c: 5ª Brigada de Infantaria;	j : 4ª Bateria de Morteiros Ligeiros;	p: 6º Grupo de Baterias de Artilharia;
d: 3º Grupo de Metralhadoras;	k: 6ª Bateria de Morteiros Ligeiros;	q: 2º Grupo de Baterias de Artilharia;
e: 4º Grupo de Metralhadoras;	l : 6ª Bateria de Morteiros Médios;	r : 1º Grupo de Baterias de Artilharia;
f : 1º Grupo de Metralhadoras;	m:2ª Bateria de Morteiros Ligeiros;	s : 5º Grupo de Baterias de Artilharia.
g: 5º Grupo de Metralhadoras;		

**Figura 4 – Disposição das unidades de Artilharia e Infantaria a 9 de abril de 1918**

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: PT/AHM/1ª/35ª/603/7; PT/AHM/1ª/35ª/1260; Almeida (1968); Faria (1917); Martins (1935).

**Apêndice D – Sistema de comunicações do “setor português”**



**Figura 5 - O sistema de comunicações do "setor português"**

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: PT/AHM/1ª/35ª/603/7; PT/AHM/1ª/35ª/1260; Almeida (1968); Faria (1917); Martins (1935).

**Apêndice E – Caracterização das “missões gerais”**

**Quadro 6 - Caracterização das “missões gerais”:**

<b>Missões Gerais</b>	<b>Designação atual</b>	<b>Objetivos/ efeitos</b>	<b>Unidade solicitadora</b>	<b>Unidade executora</b>	<b>Quando executada</b>
Represálias/ Retaliações	Contrabateria	Posições de morteiros; metralhadoras; artilharia	Batalhões de infantaria	Baterias em apoio dos GBA	Defensiva
Fretes	Fogos de flagelação e interdição	Posições e vias de comunicação. Neutralização	CAD	Baterias avançadas dos GBA. e CAP	Defensiva/ Ofensiva
Destruições	Fogos de Apoio próximo	Destruição	Iniciativa das Baterias; Grupo; CAD	Baterias dos GBA	Defensiva/ Ofensiva
Tiro de Importunação	Supressão	Movimentos e reabastecimentos		Baterias dos GBA e CAP	Defensiva/ Ofensiva
Contrabateria	Contrabateria	Unidades de Artilharia inimiga		CAP e Baterias dos GBA	Defensiva
Barragens Fixas/ S.O.S.	Barragens	Unidades de manobra inimiga	Batalhões de Infantaria	Baterias dos GBA	Defensiva
Barragens Rolantes	Fogos de supressão e mascaramento	Terreno que separa a nossa Infantaria das linhas de defesa inimigas	Batalhões de Infantaria	Baterias dos GBA	Ofensiva
Preparação/ Bombardeamentos	Preparação	Redes de arame farpado; posições de metralhadoras, e sistemas de defesa	CAD e Unidades de infantaria	CAP e Baterias de obuses dos GBA	Ofensiva

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: Almeida (1968); Castro (1927); Cordeiro (1919); Martins (1995); Santos (1930).



**Apêndice F – Unidades e Comandantes dos GBA e suas Baterias**

**Quadro 7 - Comandantes dos GBA e de Bateria em 9 de abril de 1918:**

Setor	Grupo	Bateria	Comandante
<b>I - Ferme du Bois</b>	<b>5º GBA</b>		Tenente-coronel José Pacheco
		4ª Bateria	Capitão Henrique Pereira do Vale
		1ª Bateria	Capitão João Brás de Oliveira
		2ª Bateria	Capitão Luciano Monteiro Pacheco
		3ª Bateria	Capitão miliciano Luís Carlos de Faria Leal
<b>II - Neuve Chapelle</b>	<b>1º GBA</b>		Tenente-coronel Alberto Carlos das Neves e Castro
		3ª Bateria	Tenente José Filipe de Barros Rodrigues
		1ª Bateria	Tenente Aurélio de Mendonça e Pinho
		4ª Bateria	Capitão Anacleto Domingues dos Santos
		2ª Bateria	Capitão José Maria Veiga Cabral Beleza dos Santos
	<b>2º GBA</b>		Major Adriano da Costa Macedo
		2º Bateria	Tenente Luís dos Santos Martins
		4ª Bateria	Capitão José Cordeiro Ferreira Roquete
		1ª Bateria	Capitão Alberto Camacho Brandão
		3ª Bateria	Capitão miliciano Almiro José Pereira de Vasconcelos
<b>III – Fauquissart</b>	<b>6º GBA</b>		Tenente-coronel Teotónio Roberto Moraes de Sarmiento
		1ª Bateria	Tenente Joaquim Vidal Pinheiro
		3ª Bateria	Tenente Bernardo Gabriel Cardoso Júnior
		4ª Bateria	Capitão Benjamin Ferin Coutinho
		2ª Bateria	Alferes João Carlos Guedes Quinhones Portugal da Silveira.

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: Almeida (1968); Martins (1935); Moreno [1921].

**Quadro 8- Unidades mobilizadoras de GBA**

<b>Grupo</b>	<b>Regimento</b>	<b>Localidade</b>
1º GBA	Regimento de Artilharia n.º 2	Alcobaça e Figueira da Foz
2º GBA	Regimento de Artilharia n.º 7	Viseu
3º GBA	Regimento de Artilharia n.º 8	Abrantes
4º GBA	Regimento de Artilharia n.º 3	Santarém
5ª GBA	Regimento de Artilharia n.º 1	Lisboa
6º GBA	Regimento de Artilharia n.º 1	Lisboa

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: Almeida (1968).

## Apêndice G – Disposição dos GBA no “setor português” a partir de 6 de abril de 1918

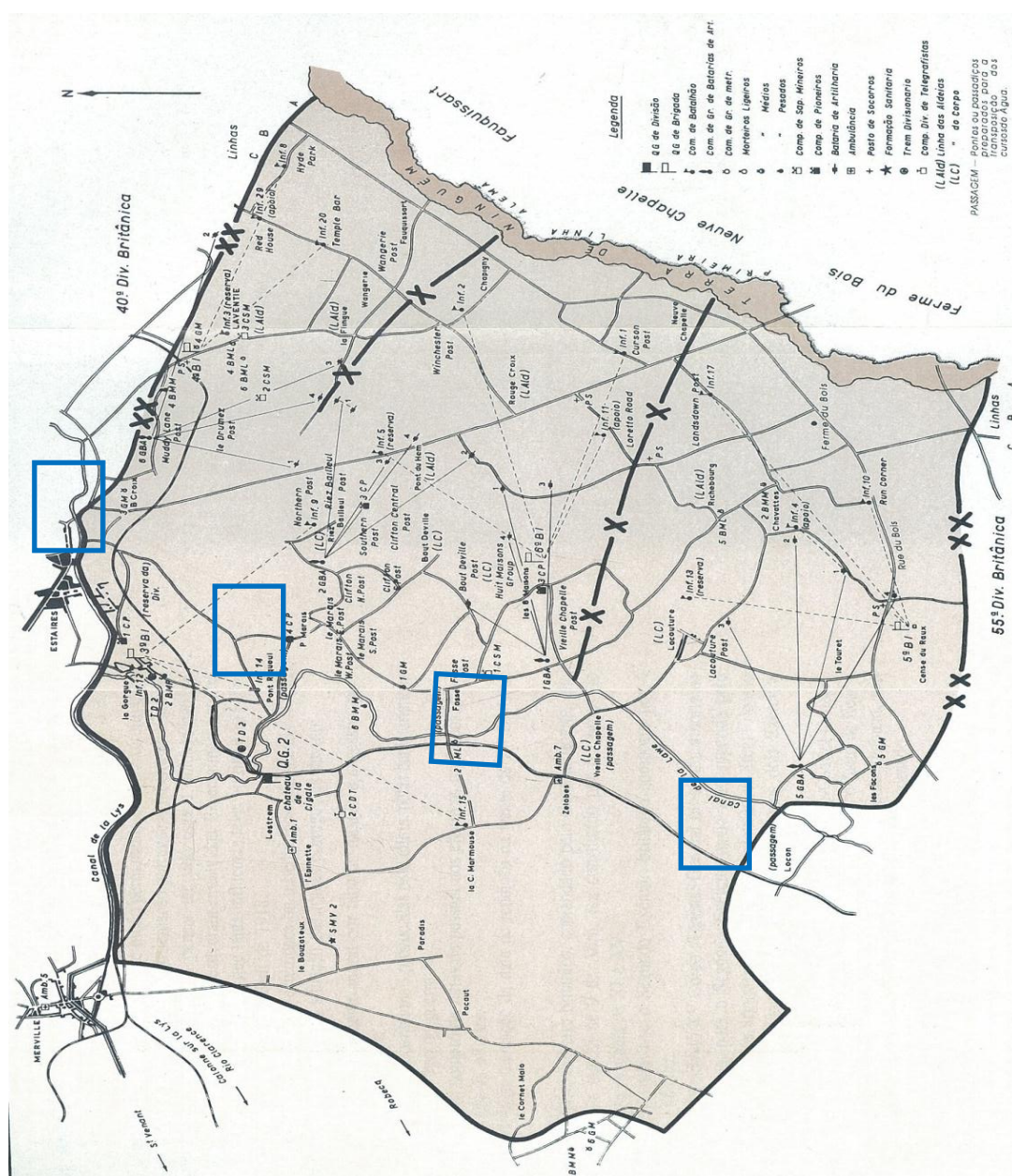


Figura 6 – Vista das posições dos GBA no "setor português" a partir de 6 de abril de 1918

Adaptado de *História do Exército Português* (1994).

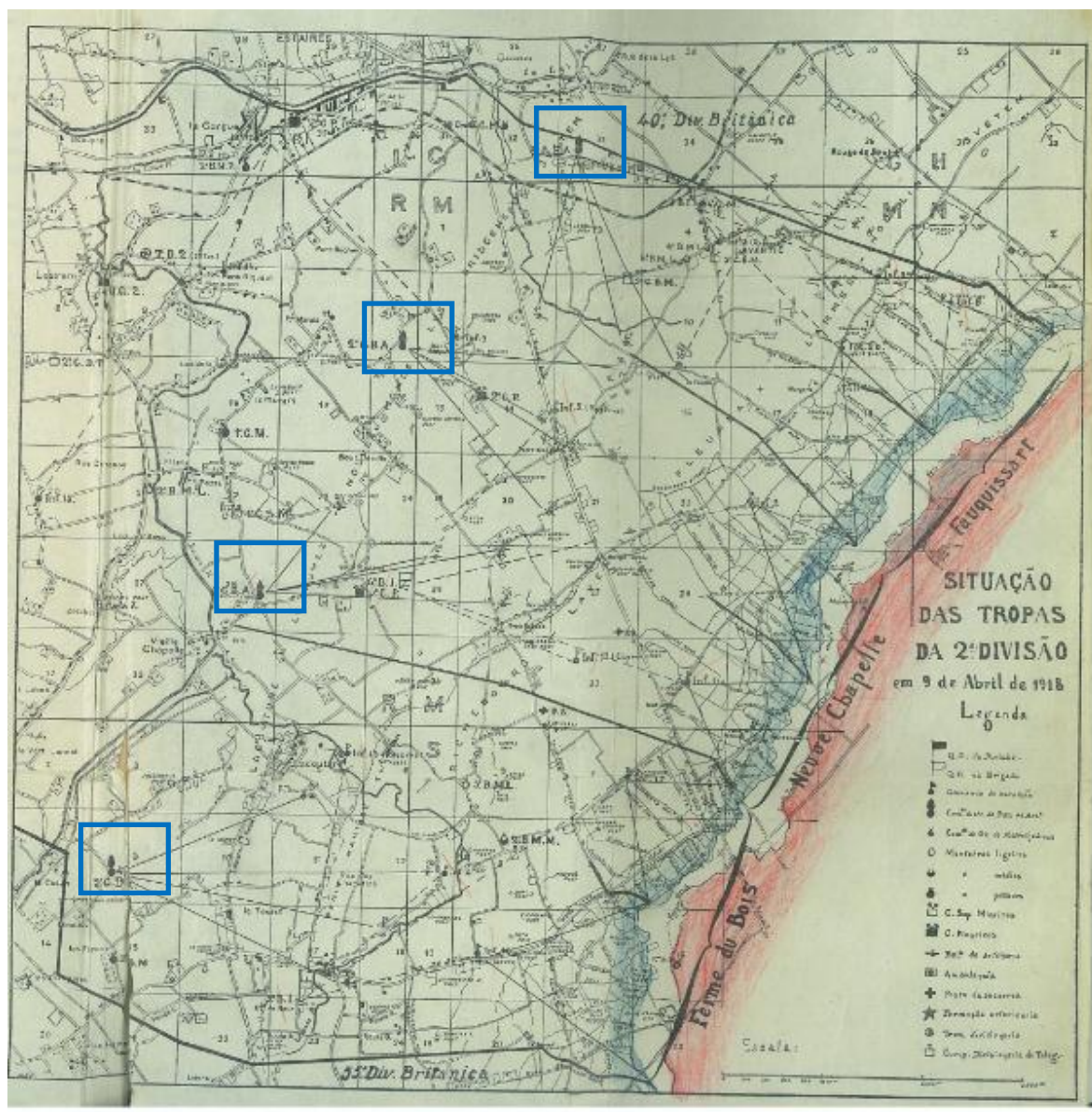
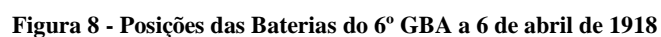


Figura 7 - Vista das posições dos GBA no "setor português" a partir de 6 de abril de 1918 – II

Adaptado de Carvalho (1924).





**Figura 9 - Posições das Baterias do 2º GBA em 6 de abril de 1918**

Adaptado de Carvalho (1924).



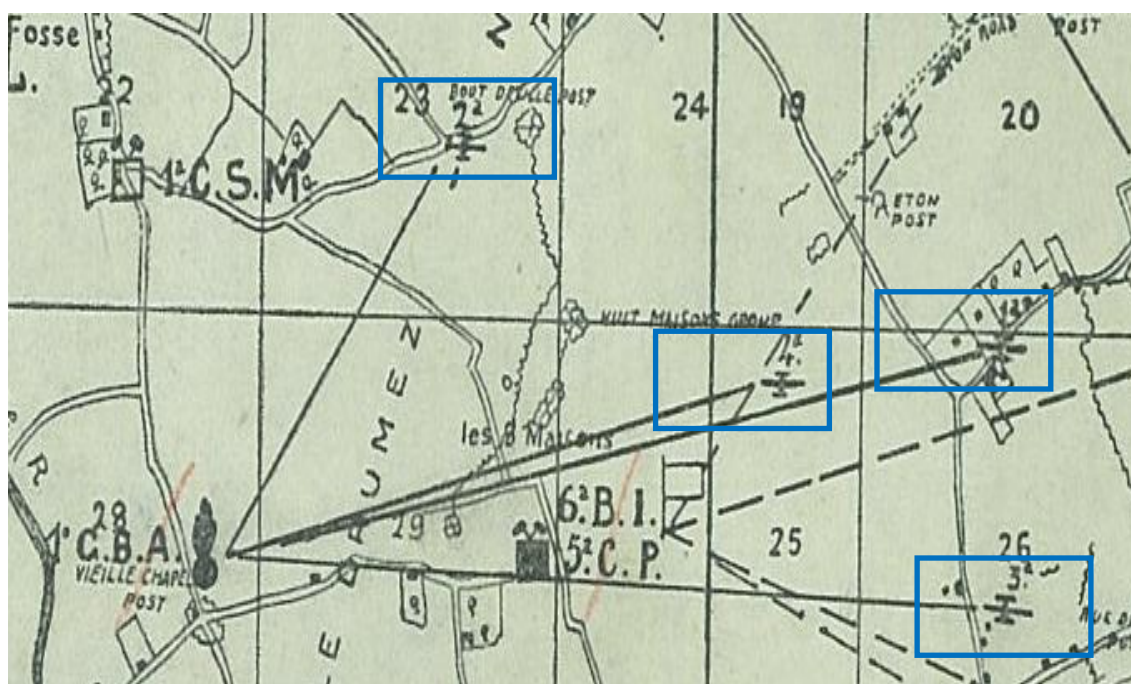


Figura 10 - Posições das Baterias do 1º GBA em 6 de abril de 1918

Adaptado de Carvalho (1924).

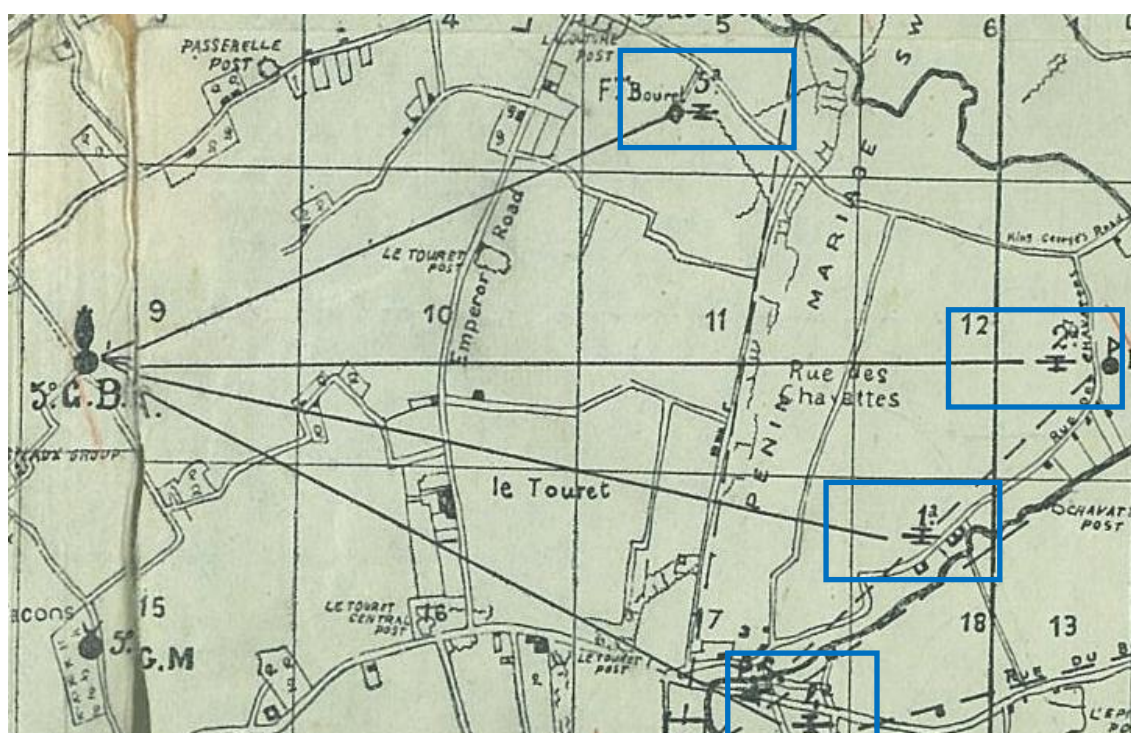


Figura 11 - Posições das Baterias do 5º GBA em 6 de abril de 1918

Adaptado de Carvalho (1924).

## Apêndice I – Região de Flandres

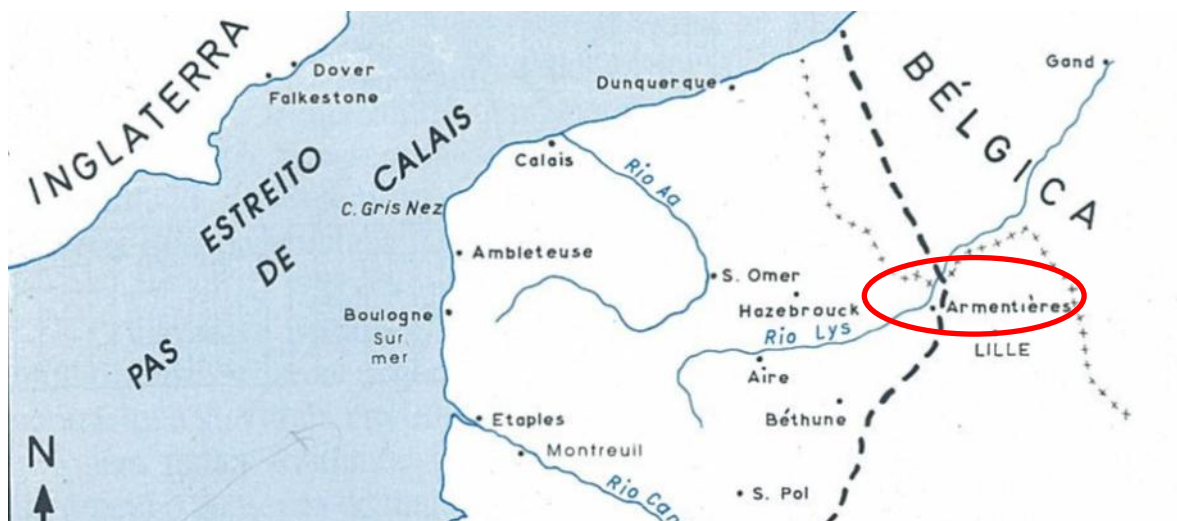


Figura 12 - Região de Flandres, localização de Armentières

Adaptado de *História do Exército Português* (1994).

## Apêndice J – Cronologia de acontecimentos

Tabela 1 - Cronologia de acontecimentos:

Data	Acontecimento
<b>Antes de 1914</b>	
1961-1964	Guerra Civil Americana.
1870	Unificação do Império Alemão.
1881	Constituição da Tríplice “Aliança”.
1884-1885	Conferência de Berlim.
1904	Constituição da Tríplice <i>Entent</i> .
1904	Adesão da Rússia à Tríplice <i>Entent</i> .
1904-1905	Guerra Russo-Japonesa.
<b>1914</b>	
28 de junho	Assassinato do Arquiduque Francisco Fernando e sua esposa.
28 de julho	Declaração de Guerra à Servia por parte do Império Austro-húngaro.
31 de julho	<i>Ultimatum</i> do Império Alemão à França e Rússia.
1 de agosto	Entrada de Inglaterra na 1ª Guerra Mundial
7 de agosto	Declaração de neutralidade de Portugal.
19 de outubro a 22 de novembro	Batalha de <i>Flandres</i> e consequente estabilização das frentes.
<b>1916</b>	
23 de Fevereiro	Requisição dos Navios Alemães fundeados em Portugal pelo governo português, por pedido inglês.
9 de março	Declaração de guerra a Portugal por parte da Alemanha.
15 de junho	Inglaterra convida formalmente Portugal a entrar ativamente nas operações militares
22 de julho	Constituição de forças militares em Tancos
26 de dezembro	França pede a Portugal que envie pessoal de artilharia para guarnecer entre 20 a 30 Baterias de artilharia pesada francesa.
<b>1917</b>	
3 de janeiro	Convenção com Inglaterra para subordinação do CEP ao BEF
17 de Janeiro	Organização do CEP em uma Divisão reforçada.
2 de Fevereiro	As primeiras forças portuguesas chegam ao porto de <i>Brest</i> .
3 de março	Elevação da Divisão reforçada a Corpo de Exército.
4 de abril	Início da ocupação da frente por tropas portuguesas.
6 de abril	Os Estados Unidos da América declaram Guerra ao Império Alemão.
10 de julho	Parte de defesa do “setor português” passa a estar assegurada pela 1ª Divisão
17 de Novembro	O “setor português” passa a estar organizado a duas Divisões.
<b>1918</b>	
3 de março	Assinatura do Armistício entre Rússia e Alemanha, assim aquela cessava a sua participação na guerra.



21 de março	Início da ofensiva alemã – <i>Kaiserschlacht</i> , com a operação <i>Michael</i> .
6 de abril	Aprovado o término da atuação do CEP como Corpo de Exército.
9 de abril	Início da Operação Georgette, com a Batalha de <i>La Lys</i> .
30 de abril	Início do emprego do 4.º GBA integrado na artilharia da 11.ª divisão do XI corpo, do 1.º Exército britânico
27 de maio	Início da operação <i>Blucher-yorck</i> .
4 de junho	Início da Operação <i>Gneisenau</i> .
15 de julho	As tropas alemãs avançam até Paris.
18 de julho	Os alemães retiram, devido à 2ª Batalha do <i>Marne</i> .
25 de agosto	O General Garcia Rosado substitui o General Tamagnini no comando do CEP
29 de outubro	A Bulgária sai da Guerra.
14 de outubro	A Turquia sai da Guerra.
3 de novembro	Cessar-fogo entre as forças beligerantes.
11 de novembro	O armistício é assinado pelo Império Alemão.
<b>1919</b>	
18 de janeiro	Início da conferência que viria a originar o tratado de Versalhes.
28 de junho	Assinatura do tratado de Versalhes.

Elaborado pelo próprio autor.

Fonte: Afonso (2008); Afonso & Gomes (2003); Almeida (1968); Amaral (2000-2008)<sup>127</sup>; *Grandes Guerras*<sup>128</sup>; Henriques & Leitão (2001); *História do Exército Português* (1994); Martins (1934 a e b), Martins (1995); Rodrigues (1997).

<sup>127</sup> Cronologia da participação portuguesa na primeira guerra mundial. Retirado da internet, 15 de fevereiro de 2013.

<http://www.arqnet.pt/portal/portugal/grandeguerra/pgm1910.html>

<sup>128</sup> *Grandes Guerras – Cronologias* (n.d.). Retirado da internet, 15 de fevereiro de 2013.  
<http://www.grandesguerras.com.br/cronologia/index.php?lnk=1>

## **Apêndice K – O Material de Artilharia dos GBA**

### **Peça Schneider Canet 7,5 cm TR**

As peças de 7,5 centímetros (*Schneider Canet 7,5 cm TR*), um material de origem francesa, criado no final do século XIX, que foi considerado inultrapassável até ao final da 1ªGM. Esta era uma peça de tiro rápido com uma cadência de tiro que poderia chegar aos 12 tiros por minuto e com elevada precisão (Afonso & Gomes, 2004). O facto de ser uma arma do tipo “peça” implica ter trajetórias mais tensas que os obuses, assim “as granadas passeavam por cima das trincheiras ou embatiam nos parapeitos sem causar danos no seu interior” (Afonso & Gomes, 2004, p.212 e 213), dificuldade que foi ultrapassada quer pela utilização de um “*Dessertisseur*, que diminuindo a carga tornava a trajetória mais tensa”, quer pela modificação das ogivas, às quais era adaptado um disco que aumentava a resistência do ar ao movimento da granada, tornando assim a trajetória mais curva (Dias, 1919)

Esta peça, que entrou ao serviço do Exército Português em 1904 (Salvado e Barbosa, 2010), apresentava como inconvenientes a dificuldade em penetrar fortificações reforçadas e um alcance curto (Strong & Marble 2011), de apenas 8550 metros no início do conflito, mas que, com as alterações efetuadas ao material durante a guerra, foi aumentado, passando a poder bater objetivos até cerca de 13000 metros (Salvado & Barbosa, 2010).

Esta arma era preferencialmente empregue para cortar o arame farpado das posições inimigas, desde que o mesmo estivesse à distância de 2000 a 4000 metros, aproximadamente. O seu fogo que poderia ser reforçado com o emprego de morteiros, nas vésperas de execução de *raids* pelas nossas forças, e durante vários dias, se necessário. O corte do arame através daquela peça exigia um elevado consumo de granadas explosivas armadas com espoleta instantânea (Castro, 1927).

### **Obus 11,4 cm (4,5 in Q.F. *HOWITZER*)**

Os obuses de 11,4 centímetros (4,5 in Q.F. *HOWITZER*), de origem inglesa, como referimos anteriormente neste capítulo, cujas velocidades iniciais e precisão eram inferiores às das peças, apresentavam, porém, a vantagem de ser a arma mais adequada à realização das preparações (Afonso & Gomes, 2004), com trajetórias mais curvas que as

peças, e que, por isso e pela possibilidade de executar tiro vertical, podiam atingir objetivos mais desafiados e provocar maiores danos, desde que não atingissem o objetivo apenas superficialmente, o que conferia um efeito moral e material superior sobre o inimigo (Dias, 1919).

Este obus inglês, foi o primeiro a possuir um bloco de culatra deslizante e a capacidade de exercer o recuo variável, permitindo a execução de maiores elevações no tiro, (Clarke, 2004). O obus em causa utilizava munições de carregamento separado, que poderiam conter cargas explosivas (HE), de fumos, de *shrapnel*, incendiárias ou de gás (Afonso & Gomes, 2004).

Este material, por ser uma arma dos GBA, poderia ser empregue em reforço de bombardeamentos menos fortes, com o objetivo de, nomeadamente, bater trincheiras de comunicação, tropas mal entrincheiradas e destruir arame farpado fora do alcance eficaz das peças 7,5 cm TR (3200 a 3400 metros)<sup>129</sup>.

---

<sup>129</sup> PT/AHM/1.<sup>a</sup>/35<sup>a</sup>/109/6 – Ordem de Batalha do CEP.

## **Apêndice L – Breve referência sobre a Artilharia Pesada Portuguesa**

### **Sobre o Corpo de Artilharia Pesada Independente**

Quando em 1916 a missão francesa visitou Portugal no sentido de obter o nosso material de Artilharia Pesada, já antiquado, o governo português não o cedeu, “na expectativa de possíveis necessidades futuras” (Martins, 1934 b, p.91), colocando, no entanto, pessoal de Artilharia necessário para 25 Baterias pesadas, à disposição de França, com a exigência de que o seu comandante, um coronel, e os seus adjuntos fossem Portugueses. “Em 7 de janeiro de 1917 o Governo Francês respondia, acordando em todas as resoluções tomadas pelo nosso Governo” (Martins, 1934 b, p.92), e assim nasceu o CAPI organizado com pessoal para 10 Baterias, sob o comando do Coronel de Artilharia João Clímaco Pereira Homem Teles, que viria a ser substituído, a 15 de janeiro de 1918, pelo Tenente-coronel Tristão da Câmara Pestana.

A mobilização de pessoal terminou a 4 de novembro de 1917, estando o Corpo organizado da seguinte forma: “Comando e Estado Maior, 3 Grupos mistos a 3 Baterias, sendo uma de 32 cm e duas de 19 cm ou de 24 cm e mais uma Bateria de depósito” (Martins, 1934 b, p.96).

Ao CAPI foi distribuído material de Artilharia de Costa, que foi adaptado ao tiro montado sobre vagões de caminho-de-ferro, que serviam por sua vez de plataforma de tiro (Martins, 1934 b, p.97). Estas bf montadas sobre estes *reparo-truks*, quando de 32 cm eram classificadas como unidades de grande calibre e de grande potência, tendo um alcance de cerca de 20 quilómetros; as de 19 cm e 24 cm, eram classificadas como unidades de potência média, podendo atingir 12 e 18 quilómetros, respetivamente.

Em 26 de fevereiro de 1918, o Comando do CAPI foi informado que seria incorporado no CEP em reforço da sua Artilharia Pesada, no entanto tal solução não se concretizaria por causa da ofensiva alemã, iniciada a 21 de março na região de *Flandres*, pelo que este Corpo permaneceu inativo na frente francesa<sup>130</sup>.

---

<sup>130</sup> *História do Exército Português* (1994).

## Sobre o Corpo de Artilharia Pesada

O emprego do CAP neste conflito foi reduzido, devido à falta de material e de pessoal. Todo o material previsto para reforçar o CAP não foi cedido por Inglaterra, uma vez que, apesar da vitória inglesa na Batalha da Jutlândia<sup>131</sup>, a marinha alemã não fora totalmente anulada; por outro lado, o armistício entre Alemanha e Rússia, em 1917, permitiu aos alemães reforçar os seus efetivos na sua frente oeste, e, assim, os obuses previstos para guarnecer as Baterias do CAP foram necessários para a defesa da costa britânica. Em fevereiro de 1918 é decidido pelo comando inglês que 3 dos Grupos do CAPI deveriam reforçar o CAP do CEP, e assim seguiram para Inglaterra a fim de receberem instrução, não chegando a incorporar o CEP (Marques, 2004), no período que abordamos.

O CAP era constituído por 10 Baterias de obuses e 1 Grupo de duas Baterias de obuses de campanha, no entanto, com a organização do CEP de 1917, o CAP também sofreu alterações, passando estar organizado em 2 Grupos de Baterias de Obuses a 3 Baterias cada, tendo como material calibres: 23,4 cm; 20,2 cm e 15,3 cm (Afonso & Gomes, 2004), respetivamente, para as 1ª, 2ª, e 3ª Baterias de cada Grupo, num total de 12 obuses por Grupo (Martins, 1934 b). O CAP deveria manter uma estreita ligação com aeronaves<sup>132</sup>.

A participação do CAP durante a Batalha de *La Lys* foi muito reduzida, uma vez que “artilharia pesada quasi que não existia, sendo inglesas as poucas batarias que, naquela ocasião, havia no setor” (Valdez, 1923, p.55), e assim o seu emprego resume-se à 5ª Bateria do 1º Grupo que se encontrava destacada em serviço na 99ª Bateria da 49ª Brigada de Artilharia Pesada inglesa (Almeida, 1968). Na doutrina tática inglesa as Brigadas de Artilharia equivaliam a Grupos de Artilharia das outras doutrinas táticas da *Entent* (Clarke, 2004), onde se incluía a portuguesa doutrina tática portuguesa

Depois da Batalha de *La Lys* as suas unidades, devido à sua falta de material, foram dispersas por pequenas frações nas Baterias pesadas britânicas (Martins, 1934 b).

---

<sup>131</sup> Junho de 1916, Batalha Naval ao largo da península da Jutlândia, que originou o bloqueio marítimo à Alemanha.

<sup>132</sup> PT/AHM/1ª/35/625 – Ligação do CAP com Aeronaves.

## **Apêndice M – Outras “missões gerais”**

As “Contrapreparações” eram as principais “missões gerais” executadas pelo CAP. Para tal a frente estava dividida em 67 zonas correspondentes às áreas prováveis de reunião e linhas de comunicação. A velocidade de tiro era marcada pelo comando do CAP, de forma a sincronizar os fogos das suas Baterias, deveria ser rápida nos primeiros 5 minutos, normal até aos 20 minutos, manter-se em pausa até aos 30 minutos, e depois executada de forma lenta até indicação de alto ao fogo. Durante estas missões, nenhuma Bateria pesada deveria ser empregue de forma isolada para outras.

O tiro de “Inquietação” visava tornar perigosa a permanência em certas regiões da zona inimiga, como abrigos, acampamentos, locais de reabastecimento ou remuniciamento, entre outros, quebrando assim a atividade inimiga, e era realizado pela Artilharia Pesada (Castro, 1927).

Os “Testes” constituíam ensaios para o fogo que seria realizado de seguida, com vista a verificar a operacionalidade de todas as bf, sendo que cada Bateria disparava um tiro por bf D’Albuquerque (1932).

## **Anexos**

**Anexo A – Peça *Schneider Canet* 7,5 cm TR**



**Figura 13 - Peça *Schneider Canet* 7,5 cm TR (No aprontamento em Tancos)**

Fonte: PT/AHM/FE/CAVE/AG/A11/82.



**Figura 14 - Peça *Schneider Canet* 7,5 cm TR (No aprontamento em Tancos)**

Fonte: PT/AHM/FE/CAVE/AG/A11/44.

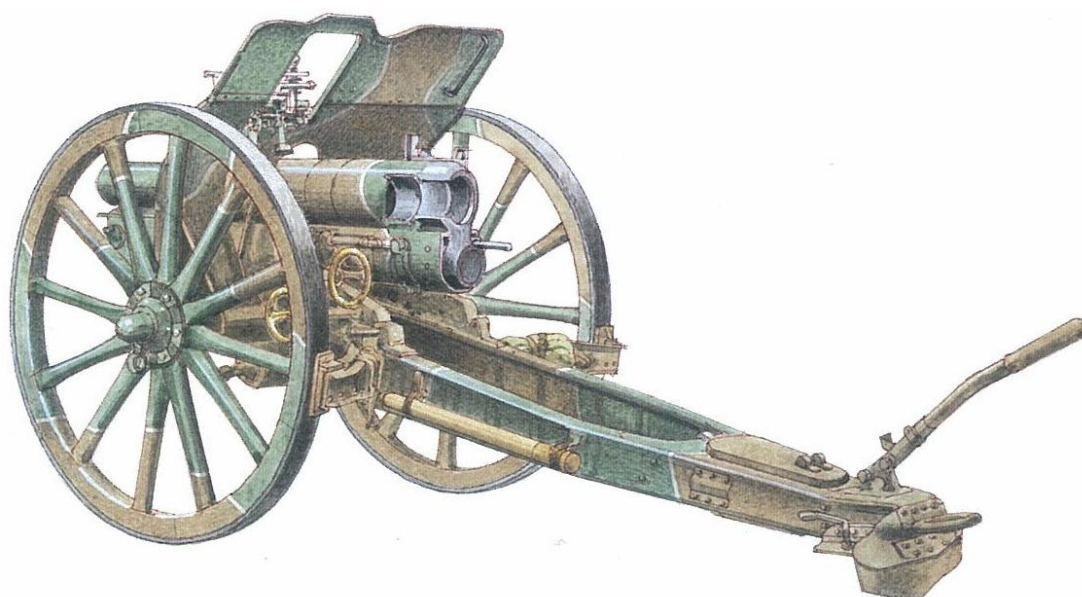


**Anexo B – Obus 11,4 cm (4,5 in Q.F. *HOWITZER*)**



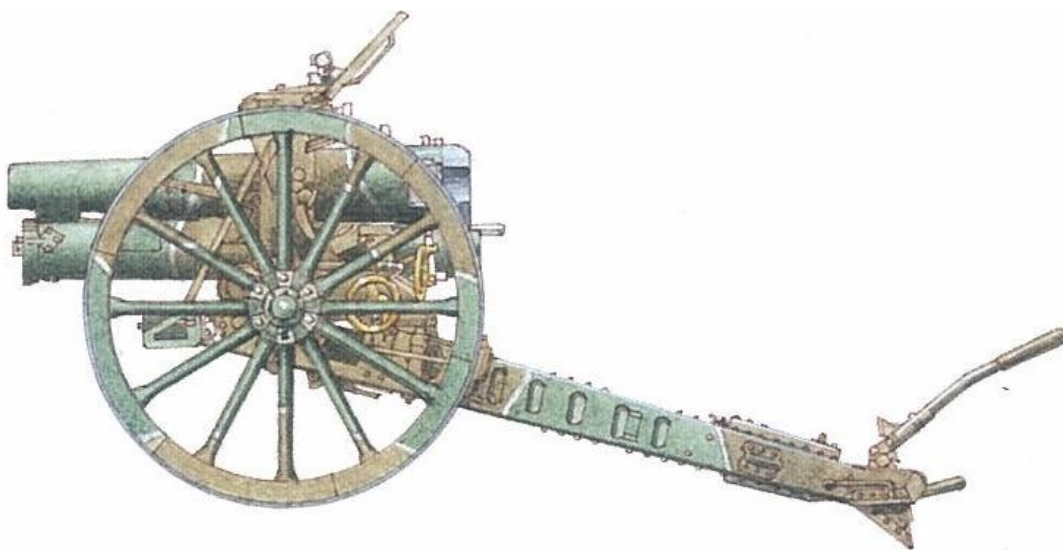
**Figura 15 - Obuses 11,4 cm (4,5 in Q.F. *HOWITZER*) (No aprontamento em Tancos)**

Fonte: PT/AHM/FE/CAVE/AG/A11/844.



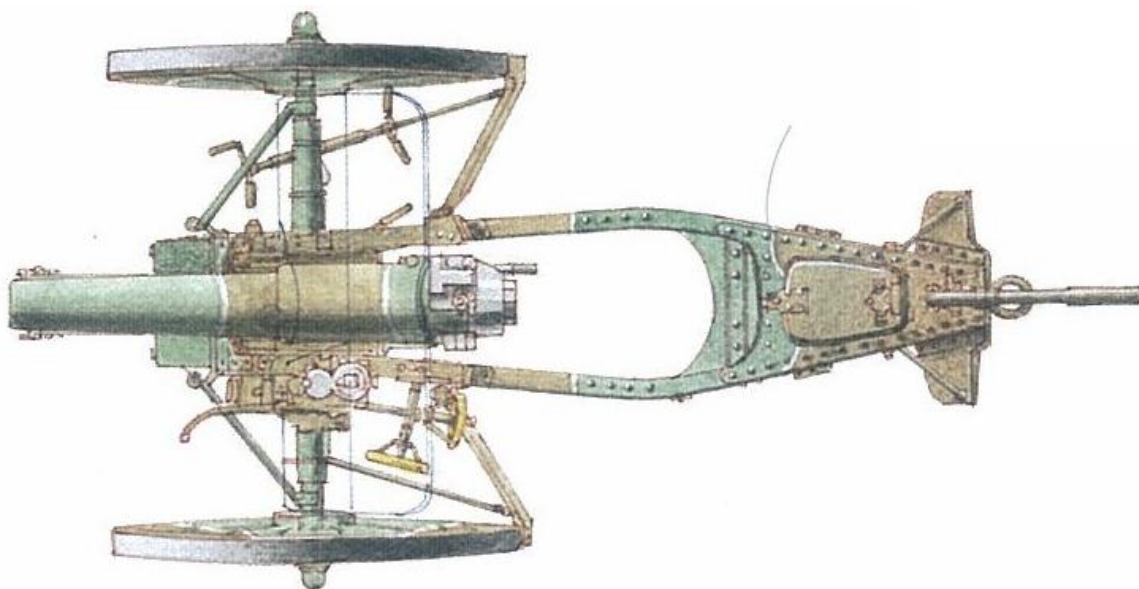
**Figura 16 - Obus 11,4 cm (4,5 in Q.F. *HOWITZER*) vista posterior**

Fonte: Clarke (2004).



**Figura 17 - Obus 11,4 cm (4,5 in Q.F. *HOWITZER*), vista de perfil**

Fonte: Clarke (2004).



**Figura 18 - Obus 11,4 cm (4,5 in Q.F. *HOWITZER*) vista superior**

Fonte: Clarke (2004).

**Anexo C – Dados técnicos do material dos GBA****Tabela 2 - Dados técnicos da Peça *Schneider Canet 7,5 cm TR*:**

<b>Origem</b>	Francesa
<b>Ano de fabrico</b>	1897
<b>Entrada ao serviço</b>	1904
<b>Calibre</b>	75mm
<b>Peso</b>	1160kg
<b>Tubo</b>	2,7m (36 calibres)
<b>Granada</b>	7,24 kg (Fragmentação) 5,3 kg (HE – High Explosive)
<b>Campo de tiro vertical</b>	-11° a +18°
<b>Campo de tiro horizontal</b>	6°
<b>Velocidade inicial</b>	15 t.o.m. (Tiros obus minuto)
<b>Alcance com granada de fragmentação</b>	6800m
<b>Alcance com granada HE</b>	8550m
<b>Guarnição</b>	6 Militares
<b>Tração</b>	Hipomóvel: 6 cavalos

Fonte: Salvado &amp; Barbosa (2010).

Tabela 3 - Dados técnicos do Obus 11,4 cm (4,5 in Q.F. *HOWITZER*):

<b>Origem</b>	Reino Unido
<b>Ano de fabrico</b>	1908
<b>Entrada ao serviço</b>	1917
<b>Calibre</b>	114,3mm
<b>Peso</b>	1365kg
<b>Tubo</b>	1,78m (16 calibres)
<b>Granada</b>	15,88kg (HE – High Explosive)
<b>Campo de tiro vertical</b>	-5° a +45°
<b>Campo de tiro horizontal</b>	6°
<b>Velocidade inicial</b>	4 t.o.m. (Tiros obus minuto)
<b>Alcance com granada HE MK2</b>	6680m
<b>Guarnição</b>	6 Militares
<b>Tração</b>	Hipomóvel

Fonte: Salvado &amp; Barbosa (2010).

**Anexo D – Ordens de Batalha****Tabela 4 - Ordem de Batalha da Divisão reforçada (março de 1917):**

<b>Ordem de Batalha do CEP</b>	<b>Formações da base</b>
1 Quartel-General; 3 Brigadas de Infantaria, a 2 regimentos de 3 Batalhões; 4 Grupos de metralhadoras pesadas; 4 Grupos de Baterias de tiro tenso (peças); 3 Grupos de Baterias de tiro curvo (obuses); 3 Baterias de morteiros médios de trincheira; 4 Companhias de sapadores-mineiros; 1 Companhia de pontoneiros; 1 Secção de projetores de campanha; 2 Secções de telegrafistas de campanha; 1 Secção de telegrafia sem fios; 1 Secção de telegrafistas de praça; 1 Trem de Engenharia (automóvel); 1 Grupo de esquadrões de Cavalaria; 5 Ambulâncias; 2 Colunas de transporte de feridos (hipomóveis); 1 Coluna automóvel de transporte de feridos; 3 Colunas de hospitalização; Serviço de higiene de estomatologia; 1 Secção automóvel para transportar água; 1 Coluna de munições com 2 escalões, cada escalão com: 3 Secções de munições de Artilharia; 1 Secção de munições de obuses; 3 Secções de munições de Infantaria; 1 Comboio automóvel; 1 Trem de bagagens e víveres.	1 Quartel-General; 3 Depósitos de Infantaria; 1 Depósito misto; 1 Depósito de Cavalaria; 1 Depósito de remonta, 1 Hospital de cirurgia; 1 Hospital de medicina e depósito de convalescentes; 1 Estação de evacuação;  Depósitos de material: de Engenharia; de guerra, sanitário; de serviço de veterinário; de subsistências; de fardamento; de material de aquartelamento e bagagens; uma oficina de montar munições 7,5 cm T.R.

Fonte: PT/AHM/1º/35ª/1284/3.

Tabela 5 - Ordem de Batalha do CEP a duas Divisões (janeiro de 1918):

Tropas endivisionadas:	Tropas não endivisionadas
<p>2 Quartéis-generais de Divisão;</p> <p><u>Infantaria:</u></p> <p>6 Regimentos a 4 Batalhões ou 8 Regimentos a 3 Batalhões;</p> <p>4 Grupos de metralhadoras (pesadas);</p> <p>6 Baterias de morteiros ligeiros;</p> <p>4 Baterias de morteiros médios.</p> <p><u>Artilharia:</u></p> <p>6 Grupos de Baterias montadas 7,5 cm T.R.</p> <p>2 Grupos de Baterias de obuses de campanha;</p> <p>2 Colunas de munições divisionárias.</p> <p><u>Engenharia:</u></p> <p>4 Companhias de sapadores-mineiros;</p> <p>2 Secções de telegrafia por fios.</p> <p><u>Formações Sanitárias:</u></p> <p>6 Ambulâncias;</p> <p>2 Colunas de transporte de feridos (hipomóveis);</p> <p>2 Colunas de hospitalização.</p>	<p><u>Artilharia:</u></p> <p>1 Grupo de 2 Baterias de obuses de campanha;</p> <p>1 Corpo de Artilharia pesada a 10 Baterias;</p> <p>1 Sub-parque de munições;</p> <p>1 Oficina automóvel para reparação de material de Artilharia.</p> <p><u>Cavalaria:</u></p> <p>1 Grupo a 2 esquadrões.</p> <p><u>Engenharia:</u></p> <p>1 Secção de telegrafia sem fios;</p> <p>1 Secção de telegrafistas de praça;</p> <p>1 Companhia de pontoneiros a 4 secções;</p> <p>1 Secção de projetores;</p> <p>1 Batalhão de caminhos de ferro a 4 companhias;</p> <p>1 Trem de engenharia (automóvel).</p> <p><u>Aviação:</u></p> <p>1 Esquadrilha;</p> <p><u>Formações Sanitárias:</u></p> <p>1 Coluna de transporte de feridos (automóvel);</p> <p>1 Coluna de hospitalização;</p> <p>Serviço de higiene e bacteriologia;</p> <p>Secção automóvel para transporte de água.</p> <p><u>Formações Administrativas:</u></p> <p>Comboio automóvel;</p> <p>Trem de bagagens e víveres.</p>

Fonte: PT/AHM/1ª/35ª/1211.

Tabela 6 - Ordem de Batalha do CEP em 9 de abril de 1918:

<p>1 Quartel-General</p> <p><u>Infantaria:</u></p> <p>3ª Brigada e 2ª BML  4ª Brigada e 4ª BML  5ª Brigada e 5ª BML  6ª Brigada e 6ª BML  1º Grupo de Metralhadoras  3º Grupo de Metralhadoras  4º Grupo de Metralhadoras  5º Grupo de Metralhadoras  6º Grupo de Metralhadoras  2ª Grupo de Morteiros Médios  4ª Bateria de Morteiros Médios  5ª Bateria de Morteiros Médios  6ª Bateria de Morteiros Médios</p> <p><u>Artilharia:</u></p> <p>1º Grupo de Baterias de Artilharia  2º Grupo de Baterias de Artilharia  5º Grupo de Baterias de Artilharia  6º Grupo de Baterias de Artilharia</p> <p><u>Engenharia:</u></p> <p>1ª Companhia de Sapadores Mineiros  2ª Companhia de Sapadores Mineiros  3ª Companhia de Sapadores Mineiros  2º Grupo de Companhias de Pioneiros</p>	<p><u>Outros:</u></p> <p>2ª Companhia Divisionária de Telegrafistas  Sub-seção de Telegrafia sem fios  Secção Divisionária de Observadores nº2  Ambulâncias nºs 1, 5 e 7  Coluna de Hospitalização nº 4  Coluna Automóvel para Transporte de Feridos nºs 1 e 2  Coluna Hipomóvel para Transporte de Feridos nºs 2, 4, 5 e 6.  Secção Móvel Veterinária nº 2  Trem Divisionário nº 2  2º Grupo Automóvel  Companhia de Serviços auxiliares  Grupo de 2 Companhias de Ciclistas, menos 2 pelotões.</p>
--	--

Fonte: Ferreira (2009).

Tabela 7 - Ordem de Batalha de uma Divisão alemã (genérica):

Tropas Regimentais	Tropas não regimentais
3 Regimentos: - 3 Batalhões: - 4 Companhias: - 3 Pelotões: - 4 Secções.	1 Grupo de Metralhadoras a 3 companhias  1 Regimento de artilharia a 3 Grupos - 2 Grupos de 3 Baterias de peças, - 1 Grupo de 3 Baterias de obuses.  2 Esquadrões de Cavalaria  1 Companhia de ciclistas 2 Companhias de sapadores mineiros 1 Secção de pontes 1 Secção de telefonistas 1 Secção de projetores 1 Companhia sanitária 2 Colunas de munições de Infantaria 2 Colunas de munições de Cavalaria 1 Coluna automóvel para transporte de feridos 2 ou 3 Hospitais de sangue 1 Padaria de Campanha.

Fonte: Martins (1935 a).



## Anexo E – Mapas



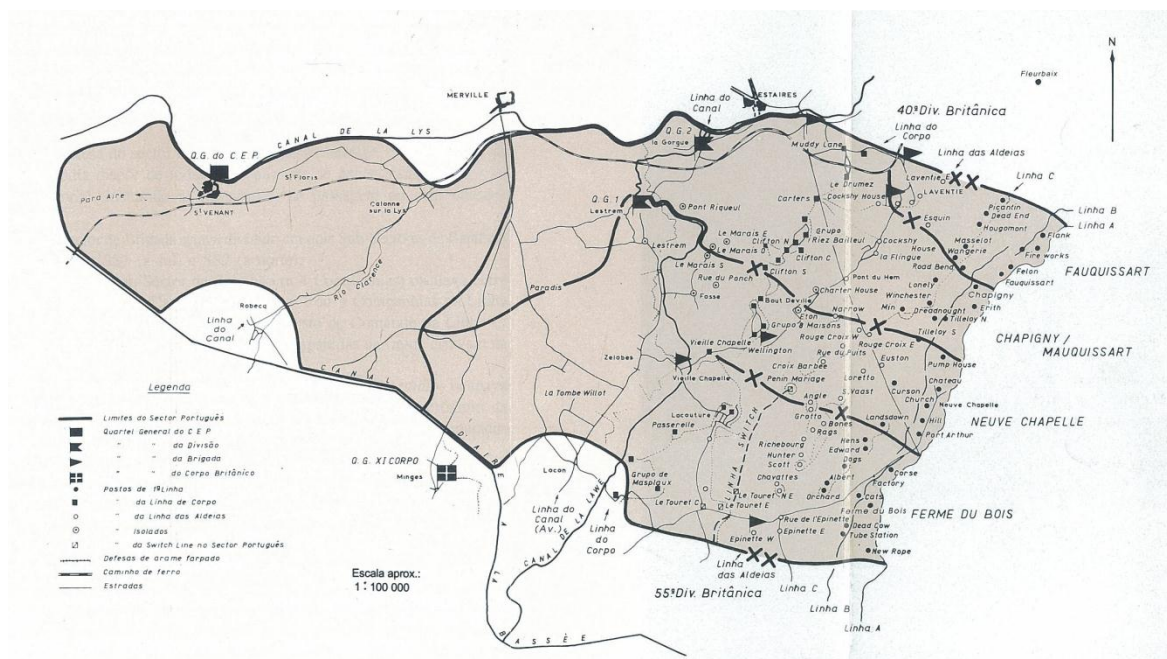
Figura 19 - Frente de combate entre o canal da mancha e a Suíça

Fonte: Gray (1991).



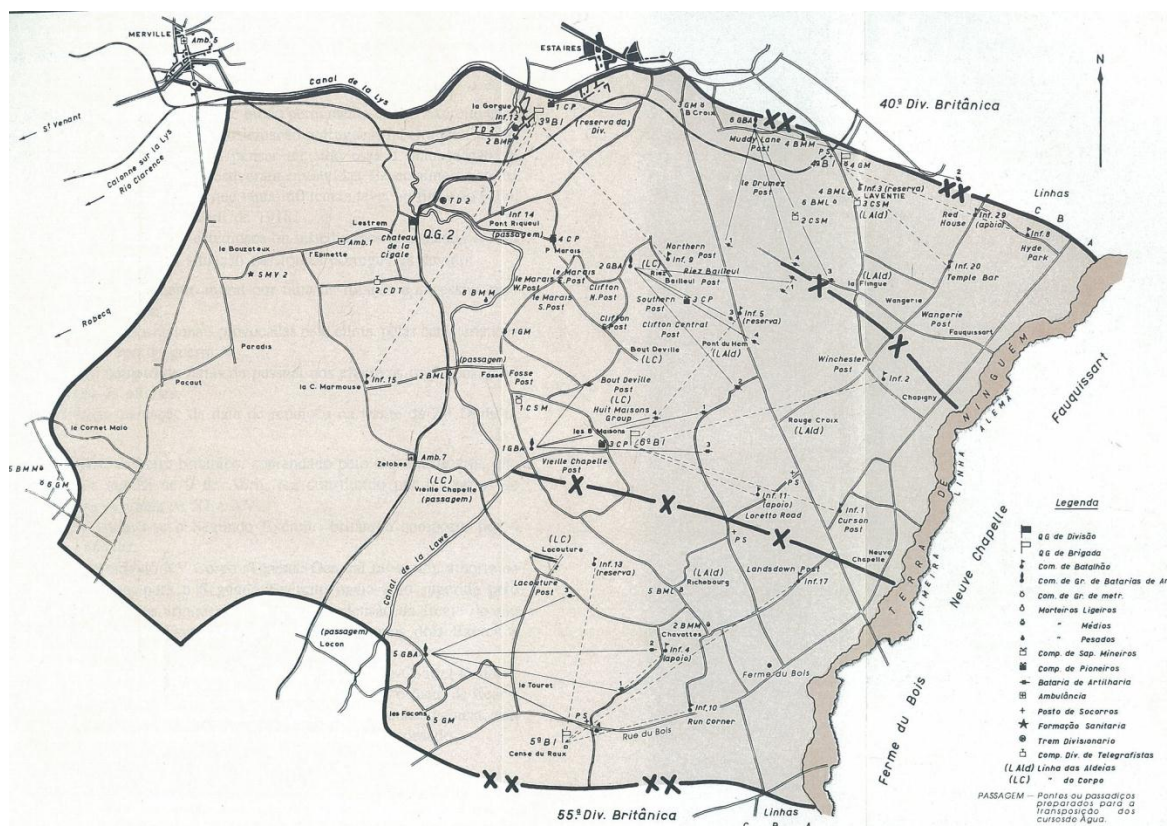
Figura 20 - Enquadramento do "setor português" na frente de combate

Fonte: Henriques & Leitão (2001).



**Figura 21 - O "setor português" a 4 Brigadas**

Fonte: *História do Exército Português* (1994).



**Figura 22 - O "setor português" a 3 Brigadas**

Fonte: *História do Exército Português* (1994).



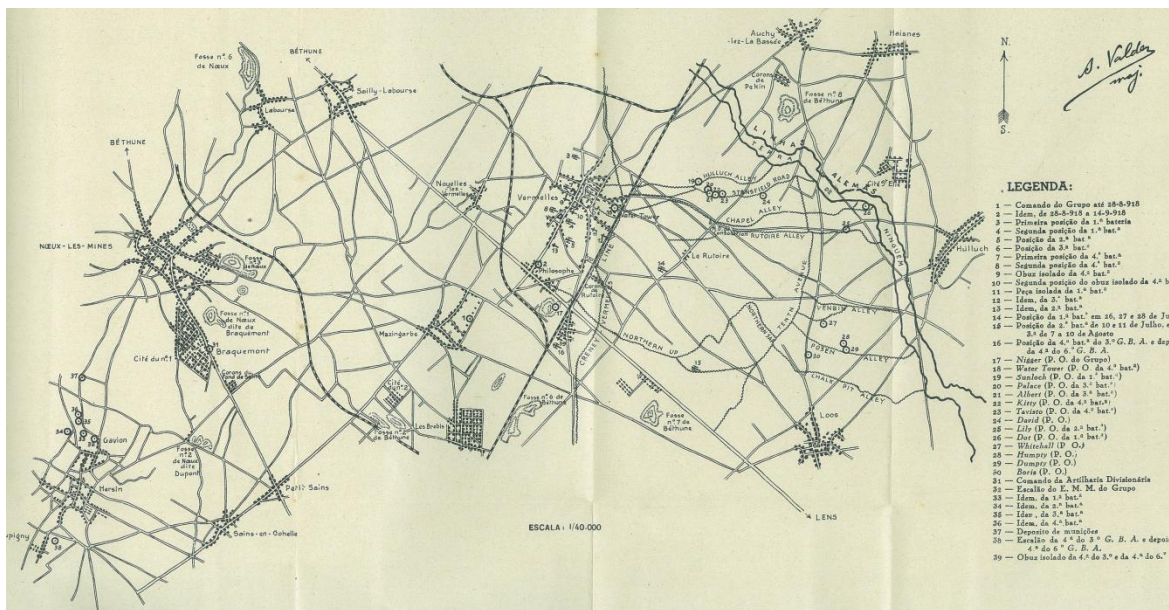


Figura 23 - O setor de "St Elie"

Fonte: Valdez (1923).

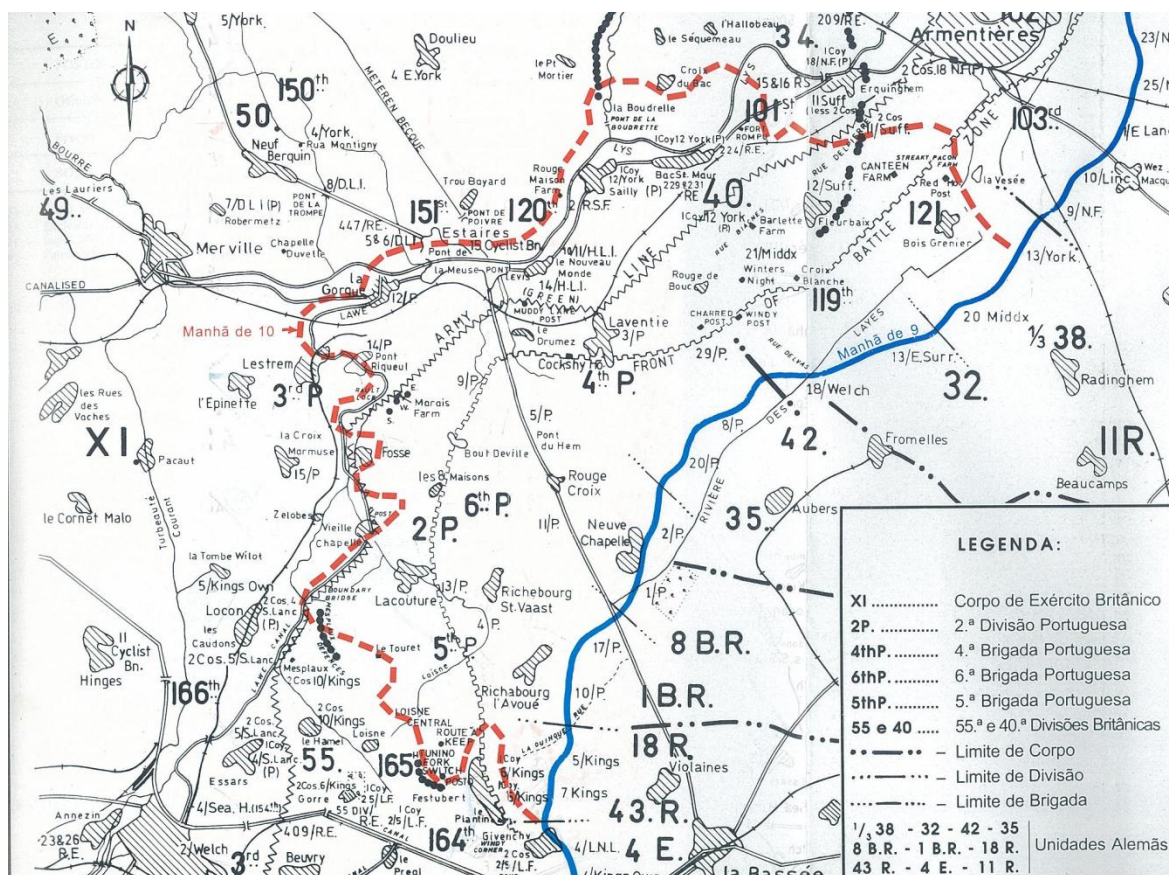


Figura 24 - Avanço das foças alemãs entre 9 e 10 de abril de 1918

Fonte: História do Exército Português (1994).

Anexo F – Zona de Defesa do “setor português”

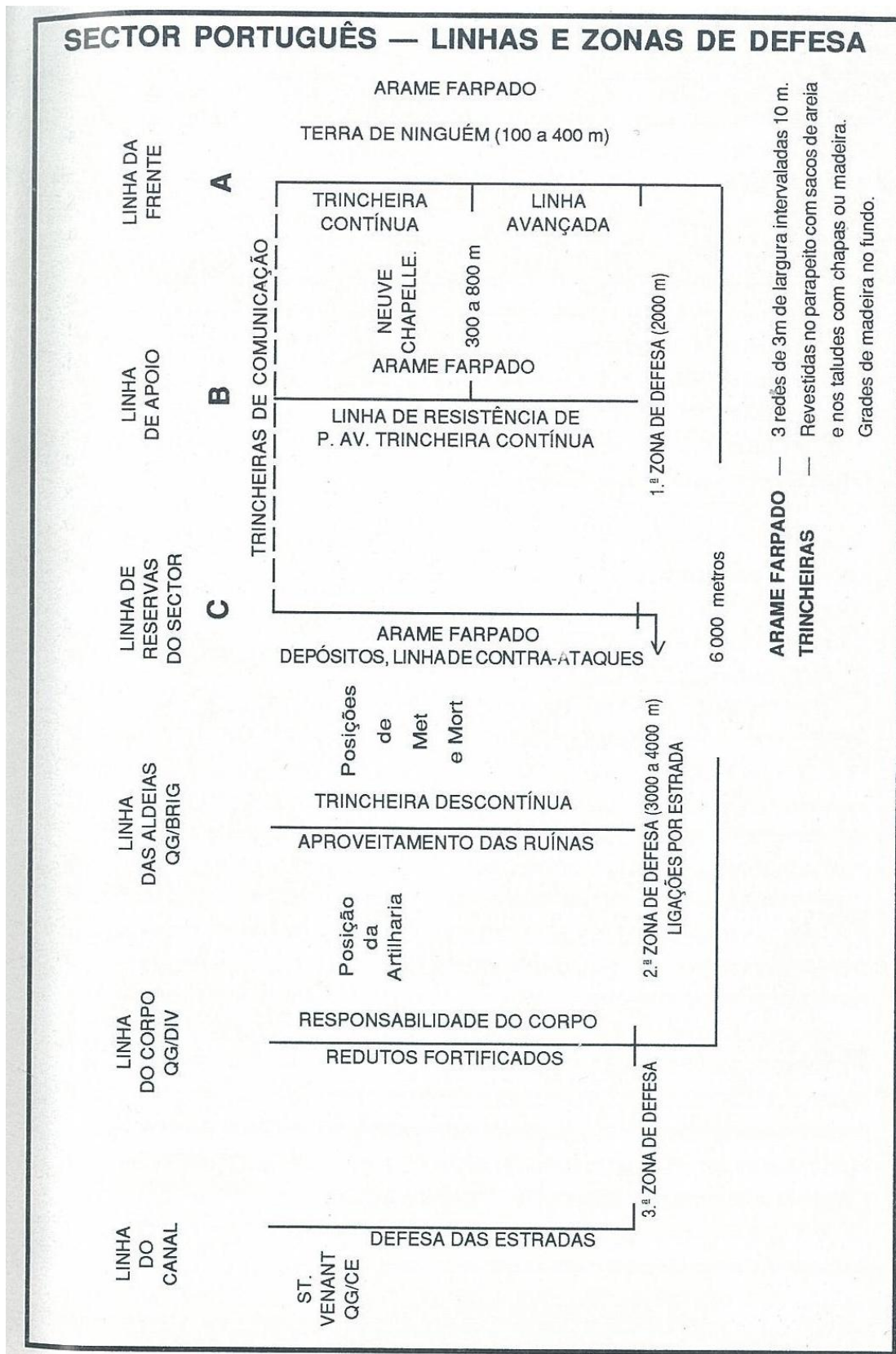


Figura 25 - Zonas de defesa do "setor português"

Fonte: *História do Exército Português* (1994).



## Anexo G – Abrigos das Bocas de Fogo



**Figura 26 - Abrigo Blindado visto do exterior**

Fonte: PT/AHM/FE/CAVE/AG/A11/319.



**Figura 27 - Abrigo blindado visto do interior**

Fonte: PT/AHM/FE/CAVE/AG/A11/316.

**Anexo H – “Militar dos foguetes”**



**Figura 28 - "Militar dos foguetes"**

Fonte: PT/AHM/FE/CAVE/AG/A11/229.

## Anexo I – Quadro Orgânico genérico de um GBA

Quadro 9 – Quadro Orgânico de Estado Maior e Menor de um GBA

I – ESTADO MAIOR E MENOR	Pessoal		Animal		Viaturas		Bicicletes
	Oficiais	Praças	De sela	De tiro	2 rodas	4 rodas	
Comandante (TenCor ou Maj d'Art Camp)	1	1	1				
2º Comandante (Idem)	1	1	1				
Ajudante	1	1	1				
Adjuntos (Sub. D'Art)	2	2	2				
Medicos	3	3	3				
Veterinarios	2	2	2				
Tesoureiro (Sub do SAM)	1	1	1				
Provisor (Idem)	1	1	1				
Subalterno do QAA	1	1	1				
Sargento ajudante ou 1º sargento		1	1				
Vagmestres (2ºs sargentos)		2	2				
1º sargento enfermeiro hípico		1	1				
2º sargento ferrador		1	1				
Mestre ou contra-mestre de clarins		1	1				
Carpinteiro de carros		1					
1ºs cabos condutores		6	6				
Soldados serventes		7					
Porta-bolsa de pensos (2º cabo ou soldado)		1					1
Ciclistas		1					1
Forja		3		6		1	
Carro de carne		1		2	1		
Carro sanitário		1		2		1	
Carros de esquadrão		21		42		7	
Cosinha rodada		1		2		1	
<b>Soma</b>	13	62	25	54	1	10	2

Fonte: PT/AHM/1ª/35ª/305/5.

Quadro 10 – Quadro orgânico de Secção de Sinaleiros

II – SECÇÃO DE SINALEIROS	Pessoal		Animal		Viaturas		Bicicletes
	Oficiais	Praças	De sela	De tiro	2 rodas	4 rodas	
Comandante (Sub d'Art ou Eng)	1	1	1				
2ºs sargentos		2	2				
Sinaleiros (cabos ou soldados)		1	1				
Soldados condutores (guarda-cavalos)		60	60				
Carro de material telefonico		16	16	4		1	
<b>Soma</b>	1	81	79	4		1	

Fonte: PT/AHM/1ª/35ª/305/5.



Quadro 11 - Quadro Orgânico de Bateria de *Peças Schneider Canet 7,5 cm*

III – UMA BATERIA DE PEÇAS 75	Pessoal		Animal		Viaturas		Bicicletas
	Oficiais	Praças	De sela	De tiro	2 rodas	4 rodas	
Comandante (Capitão)	1	1	1				
Subalternos	6	6	6				
1º sargento		1	1				
2ºs sargentos		10	10				
1ºs cabos condutores		13	13				
Serventes (1ºs cabos)		6					
Serventes (soldados)		34					
Enfermeiros		1					
Maqueiros		4					
Clarins		3	3				
Ciclistas		1					1
Ferradores (cabos ou soldados)		3	3				
Seleiro-correeiro		1					
Serralheiro-ferreiro		1					
Peças 75 cmm		12		24		4	
Carros de munições		24		48		8	
Carros de Bateria		3		6		1	
Carros de companhia		1		2	1		
Carros de esquadrão		3		6		1	
Cosinhas rodadas		2		2		1	
Carros de água		1		2	1		
Reserva de pessoal e gado		17	3	18			
<b>Soma</b>	<b>7</b>	<b>148</b>	<b>40</b>	<b>108</b>	<b>2</b>	<b>15</b>	<b>1</b>

Fonte: PT/AHM/1ª/35ª/305/5.

Quadro 12 - Quadro Orgânico de Bateria de Obuses 11,4 cm (4,5 in Q.F. *HOWITZER*)

IV – UMA BATERIA DE OBUZES 11,4	Pessoal		Animal		Viaturas		Bicicletes
	Oficiais	Praças	De sela	De tiro	2 rodas	4 rodas	
Comandante (Capitão)	1	1	1				
Subalternos	6	6	6				
1º sargento		1	1				
2ºs sargentos		10	10				
1ºs cabos condutores		13	13				
Serventes (1ºs cabos)		6					
Serventes (soldados)		34					
Enfermeiros		1					
Maqueiros		4					
Clarins		3	3				
Ciclistas		1					1
Ferradores (cabos ou soldados)		3	3				
Seleiro-correeiro		1					
Serralheiro-ferreiro		1					
Obuzes		12		24		4	
Carros de munições		24		48		8	
Carros de esquadrão		3		6		1	
Carros de companhia		1		2	1		
Carros de água		1		2	1		
Cosinhas rodadas		2		2		1	
Reserva de pessoal e gado		17	3	18			
Carros de bateria		3		6		1	
<b>Soma</b>	<b>7</b>	<b>148</b>	<b>40</b>	<b>108</b>	<b>2</b>	<b>15</b>	<b>1</b>

Fonte: PT/AHM/1º/35º/305/5.

## **Anexo J – Declaração de Guerra**

### Declaração de Guerra

De Von Rosem ao Ministro dos Negócios estrangeiros de Portugal

09 Março 1916

Senhor Ministro, - Estou encarregado pelo meu alto Governo de fazer a V.Ex.<sup>a</sup> a declaração seguinte:

O Governo Português, apoiou desde o começo da guerra, os inimigos do Império Alemão por actos contrários à neutralidade. Em quatro casos foi permitida a passagem de tropas inglesas por Moçambique. Foi proibido abastecer de carvão os navios alemães. Aos navios de guerra ingleses foi permitida uma larga permanência em portos portugueses, contrária à neutralidade, bem como ainda foi consentido que a Inglaterra utilizasse a Madeira como base naval. Canhões e material de guerra de diferentes espécies foram vendidos às Potências da “Entente”, e, além disso, à Inglaterra um destruidor de torpedeiros. O arquivo do vice-consulado imperial em Mossâmedes foi apreendido. Além disso, foram enviadas expedições para África, e foi dito então abertamente que estas eram dirigidas contra a Alemanha.

O Governador alemão do distrito, Dr. Schultze-Jena, bem como dois oficiais e algumas praças, em 19 de Outubro de 1914, na fronteira do Sudoeste Africano Alemão e Angola, foram atraídos, por meio de convite, a Naulila, e ali declarados presos sem motivo justificado, e, como procurassem subtrair-se à prisão, foram em parte, mortos a tiro enquanto os sobreviventes foram à força feitos prisioneiros.

Seguiram-se medidas de retorção da tropa colonial. A tropa colonial, isolada da Alemanha, procedeu na suposição, originada pelo acto português, de que Portugal se achava em estado de guerra com o Império Alemão. O Governo Português fez representações por motivo das últimas ocorrências, sem todavia, se referir às primeiras. Nem sequer respondeu ao pedido que apresentamos de ser intermediário num livre troca de telegramas em cifra com os nossos funcionários coloniais, para esclarecimento do estado da questão.

A imprensa e o Parlamento, durante o decurso da guerra, entregaram-nos grosseiras ofensas ao povo alemão, com a complacência, mais ou menos notória, do Governo

Português. O chefe do Partido dos Evolucionistas pronunciou na sessão do Congresso, de 23 de Novembro de 1914, na presença dos Ministros portugueses, assim como na de diplomatas estrangeiros, graves insultos contra o Imperador da Alemanha, sem que por parte do Presidente da Câmara, ou dalgum dos Ministros presentes, se seguisse um protesto. Às suas representações, o Enviado Imperial recebeu apenas a resposta que no boletim oficial das sessões não se encontrava a passagem em questão.

Contra estas ocorrências protestámos em cada um os casos em especial, assim como por várias vezes apresentámos as mais sérias representações e tornamos o Governo Português responsável por todas as consequências. Não se deu, porém, nenhum remédio. Contudo, o Governo Imperial, considerando com longanimidade a difícil situação de Portugal, evitou tirar mais sérias consequências da atitude do Governo Português.

Por último, a 23 de Fevereiro de 1916, fundada num decreto do mesmo dia, sem que antes tivesse havido negociações, seguiu-se a apreensão dos navios alemães, sendo estes ocupados militarmente e as tripulações mandadas sair de bordo. Contra esta flagrante violação de direito protestou o Governo Imperial e pediu que fosse levantada a apreensão dos navios.

O Governo português atendeu a este pedido e procurou fundamentar o seu acto violento em considerações jurídicas. Delas tira a conclusão que os nossos navios imobilizados por motivo da guerra nos portos portuenses, em consequência desta imobilização, não estão sujeitos ao artigo 2.º do Tratado do Comércio e Navegação luso-alemão, mas sim à ilimitada soberania de Portugal e, portanto, ao ilimitado direito da apropriação do Governo português, da mesma forma que qualquer outra propriedade existente no país. Além disso, opina o Governo português ter precedido a dentro dos limites desse artigo, visto a requisição dos navios corresponder a uma urgente necessidade económica, e também no decreto de apropriação estar prevista uma indemnização cujo total deveria mais tarde ser fixado.

Estas considerações aparecem como vazios subterfúgios. O artigo 2.º do Tratado do Comércio e Navegação refere-se a qualquer requisição de propriedade alemã em território português. Pode ainda assim haver dúvidas sobre se a circunstância dos navios alemães se encontrarem pretendidamente imobilizados em portos portugueses modificou a sua situação de direito. O Governo Português violou, porém, o citado artigo em dois sentidos, primeiramente não se mantém a requisição dentro dos limites traçados no tratado, pois que o artigo 2.º pressupõe a satisfação duma necessidade do Estado, enquanto que a apreensão, como é notório, estendeu-se a um número de navios alemães em desproporção com o que

---

era necessário a Portugal para suprir a falta de tonelagem. Mas, além disso, o mencionado artigo torna a apreensão dos navios dependente dum prévio acordo com os interessados sobre a indenização a conceder-lhes, enquanto que o Governo Português bem sequer fez a tentativa de se entender, quer directamente, quer por intermédio do Governo Alemão, com as companhias de navegação. Desta forma presenta-se todo o procedimento do Governo Português como uma grave violação do Direito do Tratado.

Por este procedimento o Governo Português deu a conhecer que se considera como vassalo da Inglaterra, que subordina todas as outras considerações aos interesses e desejos ingleses. Finalmente a apreensão dos navios realizou-se sob formas e, que deve ver-se uma intencional provocação à Alemanha. A bandeira alemã foi arriada dos navios alemães e em seu lugar foi posta a bandeira portuguesa com flâmula de guerra. O navio almirante salvou por esta ocasião.

O Governo Imperial vê-se forçado a tirar as necessárias consequências do procedimento do Governo Português. Considera-se de agora em diante como achando-se em estado de guerra com o Governo Português.

Ao levar o que precede, segundo me foi determinado, ao conhecimento de V.Ex.<sup>a</sup>, tenho de exprimir a V.Ex.<sup>a</sup>, a minha distinta consideração.

(a) F.ROSEN

Fonte: *História do Exército Português* (1994).